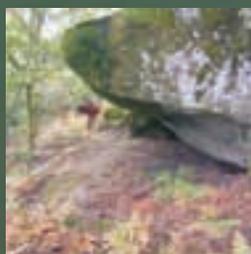


Património Arqueológico e Arquitectónico de Vieira do Minho

Luis Fontes e Ana Roriz





Património Arqueológico e Arquitectónico de Vieira do Minho

Luis Fontes e Ana Roriz

Município de Vieira do Minho
2007

Título

PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO E ARQUITECTÓNICO DE VIEIRA DO MINHO

Autores

Luis Fontes e Ana Roriz

Produção

Luis Fontes, Ana Roriz e Clara Rodrigues / Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Fotografias

Ana Roriz e Luis Fontes / Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Mapas

Luis Fontes, Ana Roriz e Clara Rodrigues / Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Editor

Município de Vieira do Minho

ISBN: 978-989-95595-0-9

Impressão e acabamentos

Oficina São José - Braga

Exemplares

2000

Depósito legal

267228/07

Co-financiado

Proibida a reprodução , divulgação ou cópia, no todo ou em parte, sem autorização expressa dos autores. Reservados todos os direitos pela legislação em vigor (DEC-LEI 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro).

Apresentação	004
1. Introdução	005
2 . Aproximação ao quadro geográfico	006
3. Breve síntese historiográfica	008
4. Do património arqueológico e arquitectónico	009
4.1. Pré-História Recente	009
4.2. Proto-História	011
4.3. Antiguidade (romano e suevo-visigótico)	013
4.4. Idade Média	015
4.5. Idade Moderna e Contemporânea	018
5. Inventário	027
6. Bibliografia	167

Apresentação

1. Introdução

O trabalho que aqui se apresenta é o culminar do projecto de 'Inventário do Património Arqueológico e Arquitectónico do Município de Vieira do Minho', projecto cuja execução foi cometida à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, sob a responsabilidade dos signatários e ao abrigo de um protocolo específico celebrado entre o Município de Vieira do Minho e a Universidade do Minho.

Ao longo de 3 anos, entre Janeiro de 2004 e Janeiro de 2007, percorreu-se o território de Vieira do Minho de lés-a-lés, desceram-se as margens dos seus rios e ribeiras, subiram-se as encostas dos seus montes e percorreram-se as cumeadas das suas serras, visitaram-se as igrejas e capelas de todas as freguesias, descobriram-se sítios arqueológicos inéditos e registaram-se centenas de espigueiros e de moinhos.

Nestas tarefas participou, com um empenho, gosto e conhecimento ímpares, Manuel Abraão Pires, o mais qualificado *prospector arqueológico* com que podíamos contar. Aqui ficam os nossos reconhecimentos e agradecimentos públicos.

Do contacto frequente com o território de Vieira do Minho guardam-se também lembranças de deslumbramento pelas paisagens vistas, de acolhimento franco e incentivador por parte das populações, de emoções únicas que construíram amizades sólidas, da fruição de sabores gastronómicos de excelência.

O projecto de inventário protocolado entre o Município de Vieira do Minho e a Universidade do Minho contemplou, tal como explicita o título, o património arqueológico e arquitectónico, entendido o primeiro de modo mais restrito (sítios com ruínas, anteriores ao século XX, pois as balizas cronológicas da área disciplinar de Arqueologia estendem-se, actualmente, da Pré-História até à Contemporaneidade, abarcando todas as manifestações materiais da actividade humana), e o segundo na sua acepção mais comum de construções a que

se reconheceu valor arquitectónico vernacular (tradicional) e/ou de estilo. Excepcionalmente, registaram-se valores patrimoniais posteriores, isto é, já do século XX, como aconteceu com alguns espigueiros, pois revelaram a permanência de gostos estéticos e de um 'saber fazer' muito característico da arquitectura vernácula regional.

O presente trabalho constitui o primeiro inventário sistemático do património arqueológico e arquitectónico da totalidade do município de Vieira do Minho, com um total de 1491 registos, acrescentando-se significativamente o conhecimento sobre as existências arqueológicas e valorizando-se um património arquitectónico que até agora terá passado despercebido.

De facto, aos 14 sítios arqueológicos registados conjuntamente pelo IPA (Instituto Português de Arqueologia) e pelo IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico), juntam-se agora mais 130, somando um total de 144 sítios (10 % dos sítios inventariados neste trabalho).

Relativamente ao património arquitectónico, a diferença é ainda mais expressiva: registaram-se 1347 edifícios a que se reconheceu valor patrimonial (90 % dos sítios inventariados neste trabalho), a maior parte dos quais relacionados com expressões vernaculares da arquitectura, isto é, arquitectura tradicional ou popular, com particular destaque para os moinhos e espigueiros (que no conjunto somam mais de 70 % dos registos de património arquitectónico).

É toda essa informação que agora se disponibiliza ao público na forma impressa, depois de já se ter assegurado a sua divulgação na Internet, através do site do Município de Vieira do Minho, dando visibilidade a um património ainda pouco conhecido.

Nas páginas que se seguem começamos por fazer breves aproximações ao quadro geográfico e à historiografia do município de Vieira do Minho, como introdução ao capítulo em que se ensaia uma leitura de síntese do

conjunto do património, numa abordagem diacrónica de caracterização da sequência longa de ocupação do território de Vieira do Minho. Segue-se a apresentação dos valores patrimoniais inventariados, por freguesias, com listagem de todos os registos e uma descrição mais desenvolvida de sítios e/ou monumentos seleccionados, concluindo-se este trabalho com a indicação de toda a bibliografia consultada, na qual o leitor poderá encontrar informação complementar.

2. Aproximação ao quadro geográfico

Graças sobretudo a recentes estudos de caracterização para efeitos de revisão do Plano Director Municipal, pode dizer-se que o município de Vieira do Minho, do ponto de vista geográfico, já é bem conhecido.

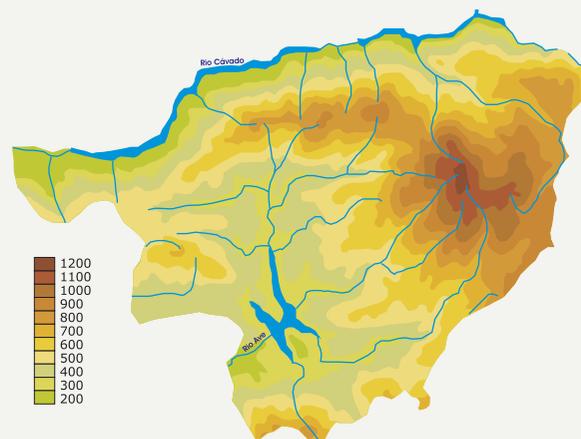
Beneficia, complementarmente, dos estudos detalhados feitos sobre a Serra da Cabreira, entre os quais se devem destacar os de Nicole Devi-Vareta sobre a evolução da floresta, os de Ruiz Zapata sobre os paleoambientes das serras do NO peninsular e os coordenados por Amadeu Soares sobre a fauna e a flora (Devy-Vareta 1993; Ruiz Zapata et. al. 1993; Soares 2000).

Com cerca de 220 km² de área, o município de Vieira do Minho integra o Distrito de Braga e a NUT III Ave. Com 21 freguesias e pouco menos de 15.000 habitantes, distribuídos por mais de centena e meia de lugares / aldeias, o seu território ocupa a quase totalidade da cabeceira do rio Ave, formada pelo maciço da Serra da Cabreira, estendendo-se dos rios Cávado e Rabagão, a Norte e a Nordeste, até à

bordadura do planalto de Barroso a Este, sendo limitado a Sudeste e Sudoeste pelas serras de Rossas e de Anissó, relevos que marginam o vale do rio Ave.

Geomorfologicamente integra-se plenamente no Maciço Galaico-Duriense, fazendo a transição com a Meseta Norte, através do contacto com a bordadura poente do planalto Barrosão. Desenvolve-se a uma altitude variável entre os 100 metros, na margem esquerda do rio Cávado, na Caniçada e os 200 metros, na margem esquerda do rio Ave, em Guilhofrei, e os 1262 no Talefe, no alto da Serra da Cabreira.

Ao quadro geomorfológico marcado pelo relevo da Serra da Cabreira, profusamente recortado por vales mais ou menos encaixados, que se alargam em alvéolos pontuados de esporões e de colinas, deve associar-se a geologia, com dominância quase absoluta de Granitóides e raras ocorrências de Metassedimentos (xistos) (Noronha e Ribeiro 1983; Ribeiro et. al. 2000).



Hipsometria e hidrografia do Município de Vieira do Minho

Hidrologicamente, o município de Vieira do Minho enquadra-se em duas bacias hidrográficas principais: bacia do rio Cávado, a Norte, para onde drena a vertente setentrional da Serra da Cabreira, directamente ou através das bacias secundárias dos rios Rabagão e Saltadouro, e a bacia do rio Ave, no restante território, servida por uma densa rede de pequenas bacias secundárias que originam o próprio rio Ave.

O regime hídrico é característico de zonas de montanha, escoando rapidamente as elevadas precipitações que aqui ocorrem regularmente ao longo de todo o ano.

A diversidade dos relevos, desde as amplas veigas do vale e dos alvéolos interiores até aos profundos vales encaixados e cumeadas pedregosas dos montes, conhece correspondência nas variantes climáticas, com Invernos rigorosos, frequentemente com neve e Verões quentes, nas zonas altas e desabrigadas, e estações mais amenas nos vales e encostas abrigadas.

A actual ocupação humana revela uma adaptação notável às características variadas do território: nos vales e sopés dos montes conhece uma maior dispersão das edificações, que se vão rarefazendo com a



Localização do Município de Vieira do Minho e identificação das freguesias

2. Aproximação ao quadro geográfico



Panorâmica sobre o vale de Vieira do Minho

elevação das vertentes, até se concentrarem em aglomerados compactos nas vertentes altas ou nas zonas planálticas. A humanização é hoje significativamente mais intensa na vertente SO da Cabreira e no vale inicial do Ave e menor na vertente virada ao rio Cávado.

A paisagem dominante é a paisagem de minifúndio ou de *bocage*, reflexo da antiga economia de base agrícola, com campos que retalham o espaço dividindo-o com sebes de arbustos ou alinhamentos de árvores de fruto e que sobem as encostas armando-se em socalcos sustentados por muros de mamposteria. É o espaço da policultura

intensiva, em regime de exploração familiar, ainda dominada pelos cultivos de leguminosas, forragens para o gado e milho grosso ou maiz.

Nas encostas superiores e nas cumeadas das serras, dominam os prados também armados em socalcos ou os mais extensos prados naturais das chãs. É o espaço da pastorícia, actualmente dominada pela criação de gado bovino e equino.

A população, contudo, conhece um processo de redução e envelhecimento progressivos, constituindo a sua fixação nos lugares de origem um dos maiores desafios que actualmente se coloca ao fomento do

desenvolvimento municipal, tanto mais quanto são os sectores tradicionais de baixa produção que ainda dominam a estrutura produtiva.



Prados de lima na zona de Campos

3. Breve síntese historiográfica

Do conhecimento da história da ocupação humana antiga do território de Vieira do Minho, não se pode dizer o mesmo que relativamente ao conhecimento geográfico, com excepção dos recentes contributos da publicação, historicamente contextualizada, das *Memórias Paroquiais de 1758* (Capela e Borralheiro 2000; Capela 2003).

Efectivamente, antes de 1998, quando foi efectuado o primeiro inventário arqueológico da vertente alta da Serra da Cabreira, nunca se efectuaram quaisquer estudos arqueológicos planeados e mesmo as referências avulsas a vestígios arqueológicos são escassas.

Para a área do município de Vieira do Minho, as primeiras referências datam do século XVIII e devem-se a Jerónimo Contador de Argote, que a propósito do traçado da via romana que ligava Braga a Chaves, refere a existência de vestígios de calçada e fragmentos de miliários em Salamonde e em Ruivães (Argote 1732 e 1734).

Já em finais do século passado, em 1895, Martins Capela assinala o achado de um miliário anepígrafe na extrema setentrional da freguesia de Ruivães, monumento hoje desaparecido, e a existência da ponte do Arco (a ponte de Saltadouro, actualmente submersa pelas águas da albufeira de Salamonde), que classifica de romana (Capela 1987, 56).

Em 1906, Rocha Peixoto noticia na revista *Portugalia* a existência de sepulturas escavadas na rocha em S. Cristóvão, Ruivães (Peixoto 1967, 366-371).

Em 1925 José Alves Vieira escreve a primeira, e até hoje única, monografia do concelho de Vieira do Minho, que intitulou *Vieira do Minho. Notícia Histórica e Descritiva* (Vieira 2000), valorizando os tópicos que, na época, constituíam os elementos considerados fundamentais da identidade de Vieira do Minho, desde descrições detalhadas dos valores naturais, em que dominava a Serra da Cabreira, até ao relato laudatório e comprometido da

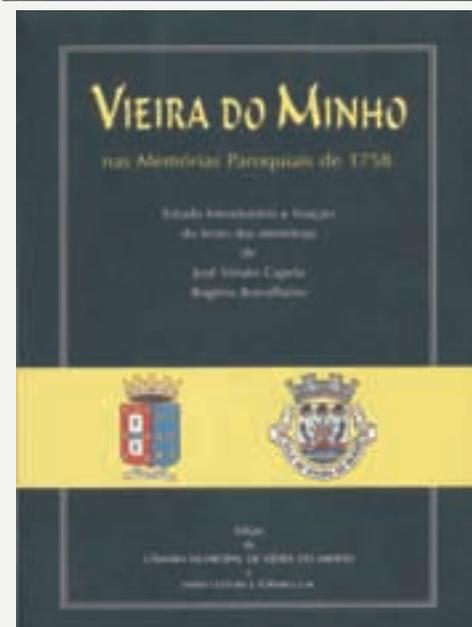
história das principais famílias de Vieira. No que respeita à arqueologia, incorpora os elementos referidos pelos autores anteriores e dá pela primeira vez notícia dos povoados medievais abandonados de S. Bento e de Arandosa.

Em 1947 Carlos Teixeira publica um artigo mais desenvolvido e ilustrado sobre os povoados abandonados da Serra da Cabreira, aludindo marginalmente à existência de monumentos tipo megalítico dispersos pelos montes envolventes de Rossas (Teixeira 1947).

Os estudos posteriores pouco acrescentaram, destacando-se apenas a notícia, dada por Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1970), de importantes achados correlacionados com o castro romanizado de Rossas e o contributo de Arlindo Ribeiro da Cunha (1975), sobre os castros de Rossas e de Vila Seca (agora chamado correctamente de Vieira) e sobre o castelo de Penafiel de Soás (monte de São Mamede).

Com o inventário da vertente alta da Serra da Cabreira, realizado em 1998 e que abarcou então os concelhos de Vieira do Minho e de Cabeceiras de Basto, mas restringido ao espaço acima da cota dos 600 metros de altitude, deu-se um primeiro passo para o conhecimento sistemático da realidade arqueológica do município, inventariando-se então em Vieira do Minho 24 arqueossítios (Fontes 1998; Fontes 1999).

Na ausência de novos e mais desenvolvidos estudos, reedita-se em 2000 a monografia de José Alves Vieira e publicam-se, pouco depois, as já referidas *Memórias Paroquiais*.



4. Do património arqueológico e arquitectónico

O inventário que origina a presente monografia constitui o mais recente contributo para o conhecimento da ocupação do território do município de Vieira do Minho, confirmando, especialmente com os seus 144 sítios arqueológicos inventariados, que essa falta de conhecimento se deve apenas à inexistência de investigação e não à ausência efectiva de uma longa ocupação humana, de cuja história se apresenta aqui um primeiro esboço, com base exactamente no património registado.

Importa notar que a ausência de estudos monográficos não facilita, ou impede mesmo, o estabelecimento de cronologias e de seqüências de ocupação rigorosas.

Para a maior parte dos sítios arqueológicos identificados, reconheceram-se apenas alguns elementos que aceitam uma filiação crono-cultural generalista, como sejam determinadas práticas de enterramento (p.ex. os sepulcros sob *tumuli* ou 'mamoas'), certos objectos metálicos (p.ex. moedas romanas), algumas soluções construtivas (p.ex. povoados com muralhas), diversas produções cerâmicas (p.ex. fabricos manuais ou cerâmicas importadas), ou ainda determinadas expressões artísticas (p.ex. as gravuras rupestres).

Para os sítios arquitectónicos, praticamente todos de época moderna e contemporânea, beneficiou-se da preciosa fonte documental que são as *Memórias Paroquiais* e das inúmeras datas gravadas nas construções, sendo menos relevante a definição do estilo artístico a que se vinculam.

Por estas razões, adoptamos como referente cronológico uma periodização igualmente generalista, de larga amplitude, que permite 'arrumar' a totalidade dos sítios inventariados, estabelecendo-se os seguintes 5 períodos: Pré-História Recente (entre os VI.º e meados do I.º milénios a.C., correspondentes ao Mesolítico, Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze); Proto-História (entre meados do I.º milénio a.C. e

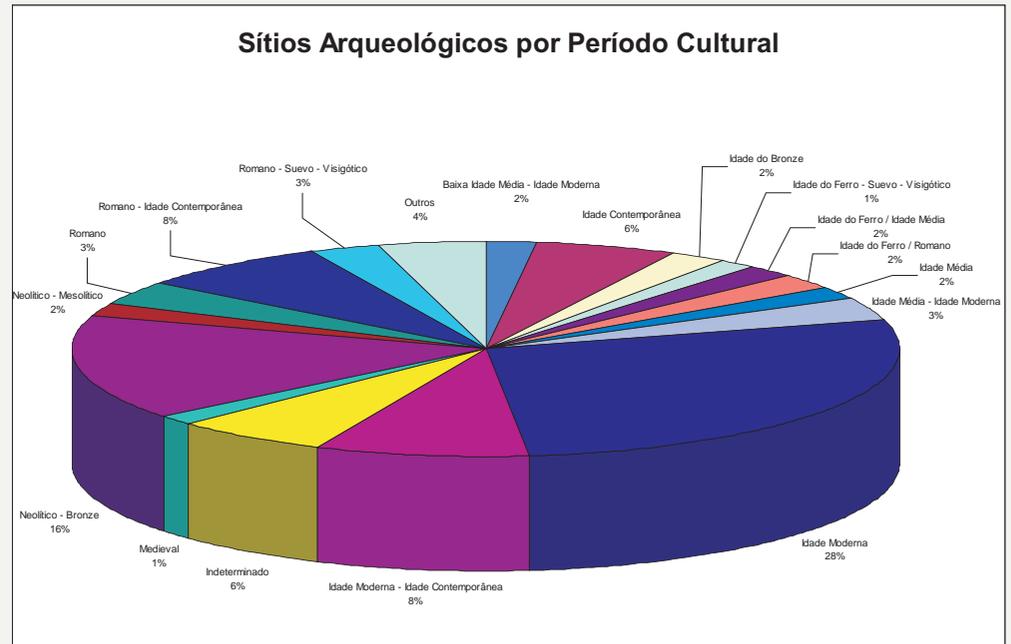


Gráfico de distribuição de sítios arqueológicos por período cultural

a mudança de Era, correspondente à Idade do Ferro); Antiguidade (do início da Era ao século VIII, correspondente aos domínios romano e suevo-visigótico); Idade Média (entre os séculos IX e XV, correspondentes às Alta Idade Média/'Reconquista', Idade Média Central e Baixa Idade Média); e Idade Moderna e Contemporânea (entre os séculos XVI e XIX).

Com esta 'arrumação' genérica pretende-se, tão-só, facultar uma leitura integradora que proporcione uma compreensão global do processo de construção da paisagem actual. Para investigações futuras ficarão os detalhes dos modelos de povoamento que presidiram à estruturação do território e sua respectiva evolução.

4.1. Pré-História Recente

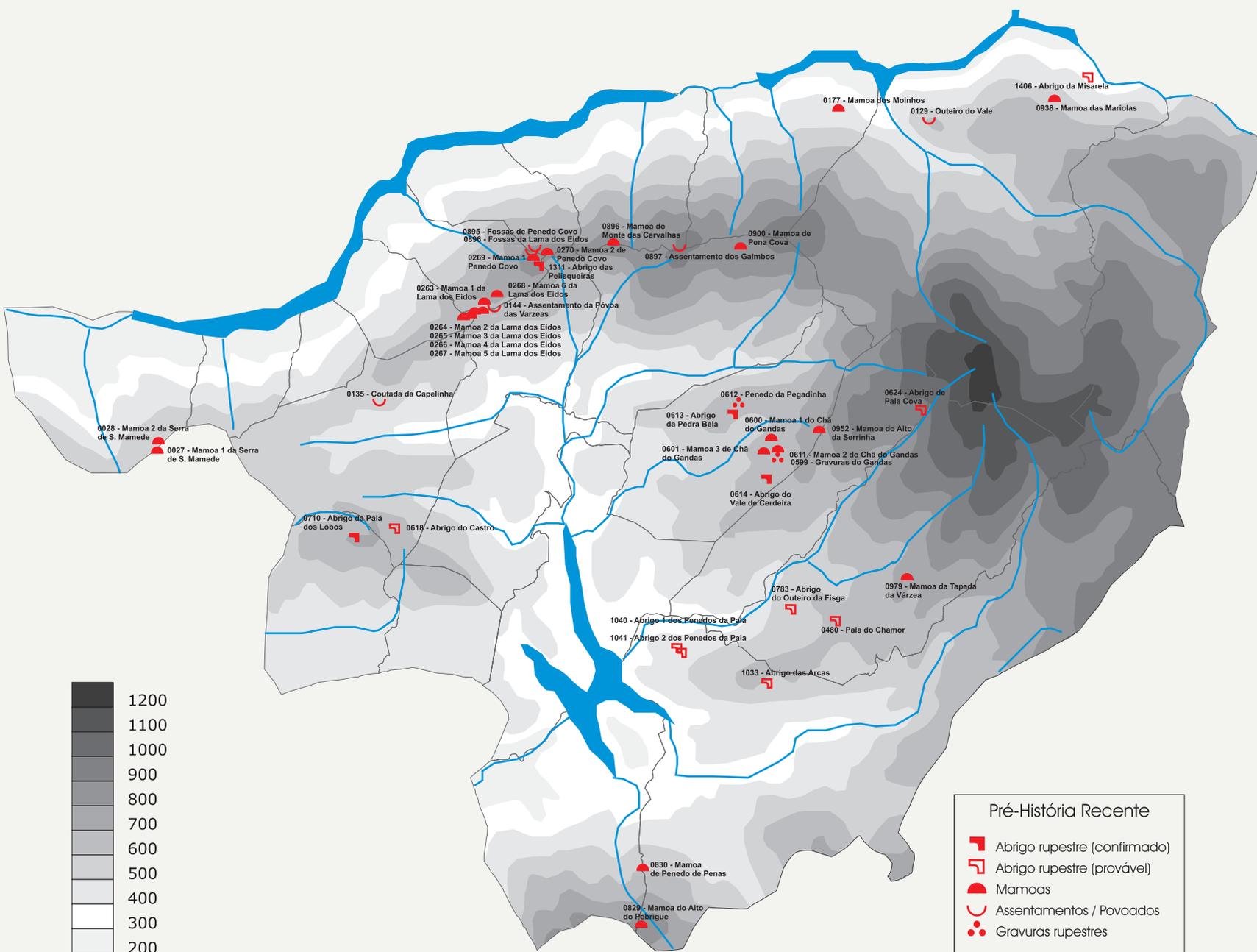
Os mais antigos vestígios, enquadráveis na Pré-História Recente, são os abrigos rupestres sob lapas rochosas, que se distribuem um pouco por todo o território, sempre na vertente média-alta da bordadura da cabeceira do rio Ave.

Registaram-se 12, mas apenas foram estudados 4: abrigos de Vale de Cerdeira, Pedra Bela, Pala do Lobo e de Pelisqueiras, confirmando-se a sua ocupação desde cerca de 6.000 anos, vinculando-se provavelmente aos períodos culturais do Mesolítico e/ou do Neolítico (Batista 2001).

Trata-se de locais de assentamento elementares, que aproveitam a existência de 'abrigos' naturais sob os afloramentos de granito, estrategicamente localizados em zonas favoráveis à exploração de recursos. Os restantes 8 nunca foram objecto de

4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.1. Pré-História Recente



4. Do património arqueológico e arquitectónico

estudos arqueológicos, podendo não ter conhecido uma ocupação tão antiga.

Mais abundantes são os enterramentos sob *tumuli* (ou tumulações com 'mamoas' - por serem especialmente visíveis os amontoados de terra e calhaus que recobriram outrora as câmaras sepulcrais), dos quais se identificaram 21, distribuídos pelas chãs e portelas dos relevos que enformam a cabeceira do rio Ave, distinguindo-se dois conjuntos maiores, verdadeiras necrópoles, no Chão do Gandas e na Lama dos Eidos, ocupando amplas e bem expostas chãs de meia encosta.

Trata-se de testemunhos de ocupação humana com uma cronologia alargada, que geralmente se situam entre os 3.º e 1.º milénio a.C., vinculando-se aos períodos culturais do Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze. Sendo, na sua maior parte, estruturas funerárias, admite-se que os assentamentos das populações que os usaram se localizariam nas proximidades.

Este conjunto de monumentos vem preencher uma lacuna nas manchas de distribuição conhecidas e, embora possa corresponder a uma baixa densidade de ocupação do território, revela uma clara penetração do megalitismo no vale superior do rio Ave.

Adentro deste período da Pré-História Recente, registaram-se 6 assentamentos / povoados e dois conjuntos de gravuras rupestres, a maior parte dos primeiros correlacionados espacialmente com a necrópole de Lamas dos Eidos e os segundos com a necrópole do Chão do Gandas.

4.2. Proto-História

No noroeste peninsular a proto-história é geralmente associada aos "castros", designação habitual dos inúmeros povoados fortificados que coroam os principais montes e que são a expressão monumental da chamada "cultura castreja".

Muitas vezes de fundação mais remota, que pode recuar à Idade do Bronze e com

ocupações que, por vezes, se prolongaram até à Baixa Idade Média, a maior parte destes povoados fortificados parece ter-se desenvolvido no decurso da Idade do Ferro, conhecendo o seu apogeu entre os séculos II a.C e II d.C..

No actual território do município de Vieira do Minho registaram-se 6 povoados fortificados, todos com vestígios de muralhas, ruínas de edificações nas plataformas interiores e espólio cerâmico; 2 sem evidências de amuralhamento; e 1 ocorrência que poderá corresponder a uma necrópole.

Embora se dispersem por quase todo o território do actual município de Vieira do Minho, a análise atenta da sua distribuição revela dois conjuntos distintos: um na margem esquerda do rio Cávado, com os povoados implantados em cabeços e promontórios a meio da vertente Norte da serra da Cabreira / Cantelães; e outro vinculado à bacia inicial do rio Ave, localizados em relevos proeminentes que dominam os inúmeros vales interiores da cabeceira do rio.

Estes são os de maiores dimensões, destacando-se entre todos o Castro de Vieira / Cantelães, com uma área aproximada de 10 hectares e um complexo sistema defensivo de muralhas concêntricas, com cerca de 3500 metros de perímetro total. Trata-se, portanto, de um povoado fortificado que, pela sua dimensão e implantação estratégica ao centro do vale inicial do rio Ave, terá sido um lugar central do povoamento pré-romano, inscrevendo-se bem no centro do território dos *Callaeci Bracari*.

O reconhecimento do valor histórico, cultural e científico do monumento, a par da percepção do seu elevado potencial de valorização, conduziram o Município de Vieira do Minho a promover, em parceria com a Universidade do Minho, um projecto de estudo, de valorização e de divulgação do Castro-Castelo de Vieira, com o objectivo de garantir a sua conservação e de o tornar acessível ao público, satisfazendo as

condições para que seja integrado na rede de Castros que a Sociedade Martins Sarmento e o Centro de Arqueologia Castreja e Estudos Célticos pretendem candidatar a Património da Humanidade. O primeiro passo do projecto já se concretizou com o envio ao IPPAR de uma proposta de classificação como Imóvel de Interesse Público.

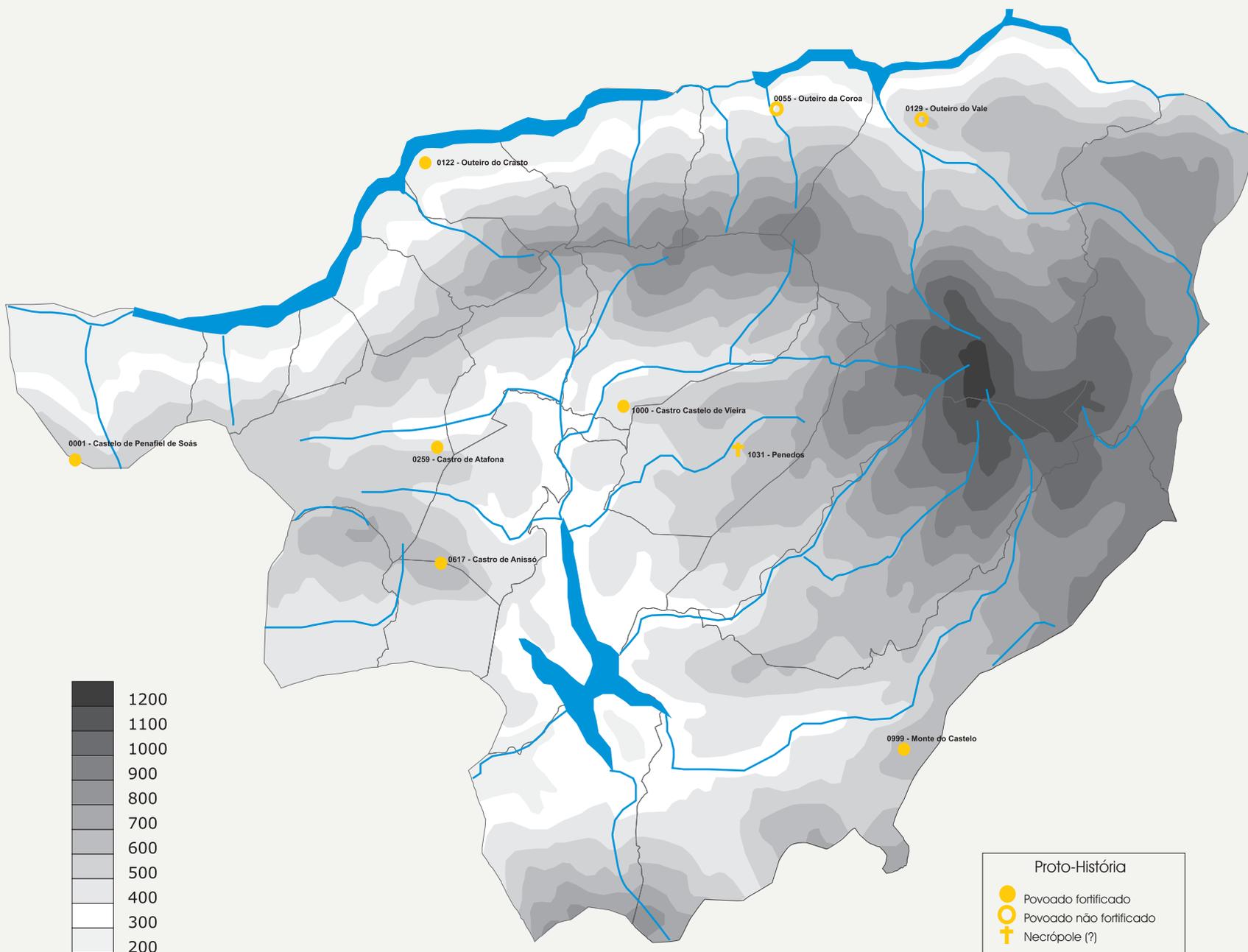
Com excepção dos castros de Atafona e de Outeiro do Vale, todos os restantes povoados foram romanizados, sendo que dois conheceram também ocupação durante o domínio suevo-visigótico e um continuou ocupado na Idade Média, recebendo um castelo na sua plataforma superior (castro / castelo de Vieira).



Panorâmica do Castro de Vieira / Cantelães

4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.2. Proto-História



4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.3. Antiguidade (romano e suevo-visigótico)

A Antiguidade aparece representada por 27 sítios e achados arqueológicos, praticamente todos relativos a ocupações romanas e suevo-visigóticas.

Cinco dos sítios correspondem a povoados fortificados proto-históricos que apresentam vestígios materiais de época romana e suevo-visigótica. Os castros de Vieira / Cantelães e de Rossas parecem ter mantido importância, pois aí se recolheram inúmeros materiais, incluindo moedas, uma ábula e uma cabeça de Júpiter.

Identificaram-se também seis povoados abertos, entre os quais se destacam, pela grande área de dispersão dos vestígios, S. Cristóvão e Vila Monteiro.

As necrópoles correlacionadas com estes povoados estão praticamente todas por descobrir, referenciando-se apenas dois sítios que poderão corresponder a essa função.

Refira-se ainda um achado isolado, a ara de Louredo, que poderá ser proveniente de um dos povoados próximos.

Mas os vestígios mais numerosos respeitam à passagem da importante via militar romana que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica Augusta* (Astorga), por *Aquae Flaviae* (Chaves), atravessando o espaço do actual município de Vieira do Minho, que então se integrava o conventus bracarenensis. O estudo do seu traçado mereceu especial atenção, tendo-se identificado onze troços e dois miliários correlacionados com a sua passagem.

Estruturada ao tempo do imperador Augusto (séc. I), esta ligação viária, que atravessava a rica região mineira do Barroso, aparece registada no *Itinerarium Antonini*, do século III.

O seu traçado no território do Município de Vieira do Minho é bem conhecido, correndo pela vertente setentrional das Serras de Cantelães e da Cabreira, virado ao rio Cávado, servindo diversos povoados 'castrejos' romanizados e outros povoados

abertos de fundação romana. Na sua passagem por esta região era servido por uma estalagem, a *mansio Salatia*, cuja localização exacta permanece desconhecida.

Desde Pousadouro (Tabuaças) até Cambedo (Campos), o seu traçado pouco variava de cota, serpenteando a meia encosta acompanhando sensivelmente o actual traçado da estrada nacional 103. No Outeiro dos Púcaros, (entre Salamonde e Ruivães), em Ruivães, e no Monte de Cambedo, em Campos, conservam-se bons troços do caminho antigo, podendo ser percorridos a pé.

Em 2005, o traçado da via romana no município de Vieira do Minho foi integrado no "Projecto das Vias Augustas", estando devidamente sinalizado.

Do ponto de vista da sua distribuição global, ressalta a especial concentração de vestígios na margem esquerda do rio Cávado, associando-se um maior número de povoados com o traçado da via que ligava Braga a Astorga por Chaves.

Sobre as cronologias dos sítios romanos, os únicos elementos susceptíveis de proporcionar referências cronológicas, são a via *Bracara Asturica*, aberta ao tempo de Augusto, alguns materiais do castro de Rossas, designadamente uma moeda de Carisius, legado de Augusto (séc. I), uma cabeça de Júpiter datável de finais do século II inícios do século III, sigillatas hispánicas e vidros tardios (século V), sugerindo portanto uma ocupação continuada desde a transição da era até ao fim do império.

Para o período suevo-visigótico (séculos V-VIII), confirma-se, pelo espólio cerâmico, a continuidade de ocupação em vários dos povoados fortificados, os *castra*, ocupação igualmente confirmada, ainda que indirectamente, pelas fontes documentais coevas, designadamente a crónica de Idácio, bispo de Chaves, escrita cerca do ano 469, e a *Divisio Theodomiri* ou 'Paroquial Suevo', elaborada cerca do ano 572. Nesta última referem-se as 'paróquias' de Palantucio e de Lameto, que os especialistas

localizam em Pandoses (Parada de Bouro) e Lamedo (Rossas), respectivamente.



Cabeça de Júpiter(?), em bronze



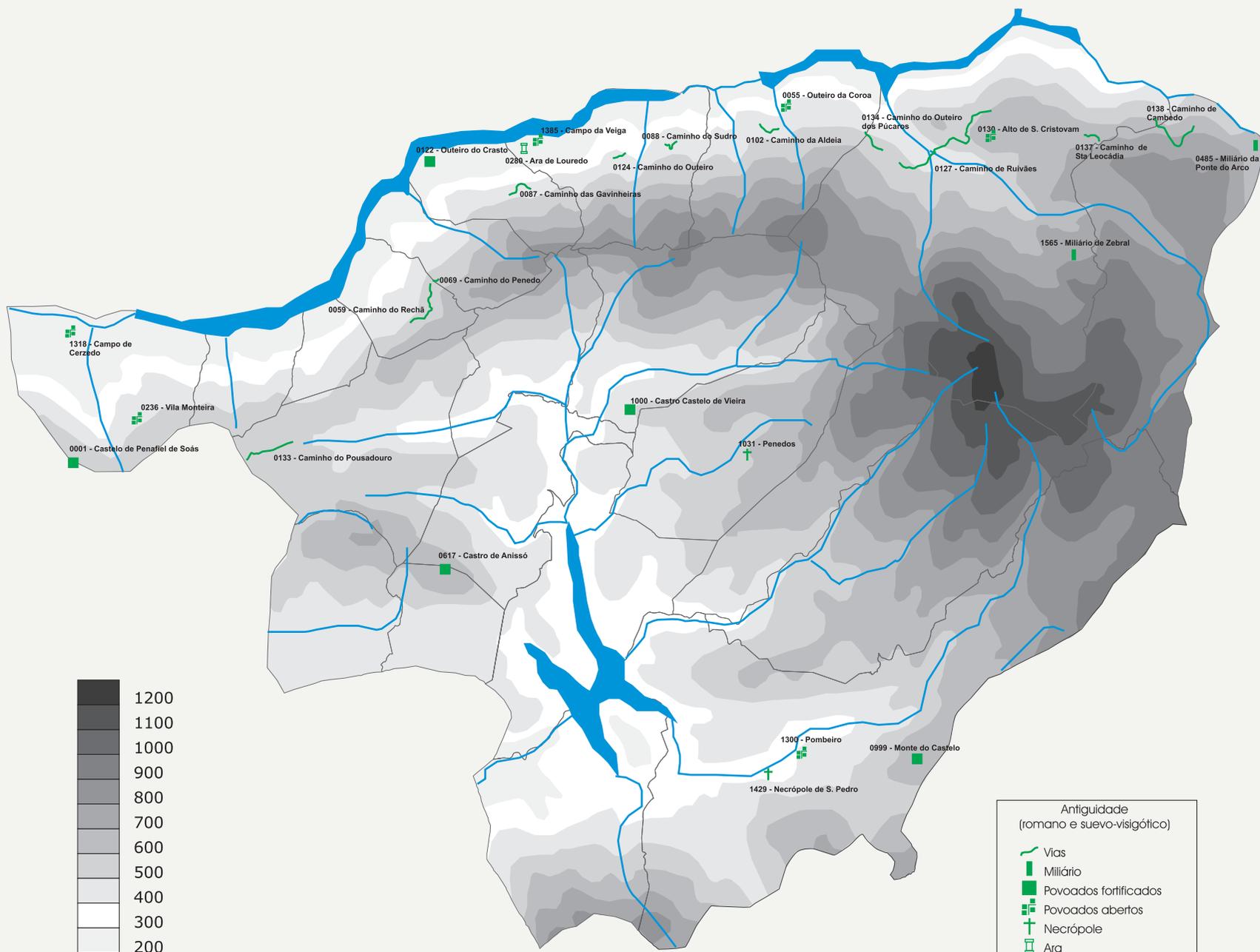
Miliário de Zebraal



Troço de via antiga, entre Salamonde e Ruivães

4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.3. Antiguidade (romano e suevo-visigótico)



4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.4. Idade Média

Da Idade Média, período em que se configurou um novo modelo de povoamento, primeiro decorrente do processo de expansão asturiano-leonês e da definição do Condado Portucalense e depois com a afirmação do Reino de Portugal, identificaram-se relativamente poucos sítios arqueológicos, apenas 20, a que se poderão acrescentar os testemunhos arquitectónicos de traça românica da igreja de São João da Cova.

Esta pouca frequência de registos não significa ausência de povoamento medieval, explicando-se antes pelo facto de a estrutura actual de povoamento corresponder à matriz gerada no decurso dos séculos medievais, documentando-se em meados do século XIII quase todas as sedes paroquiais que hoje existem. Portanto, o modelo de povoamento medieval permanece activo, conhecendo actualmente um processo acelerado de transformação, ainda indefinido.

Castelos, igrejas e pontes são as mais comuns expressões arquitectónicas da Idade Média, ocupando um lugar especial no imaginário popular. No conjunto de sítios e achados registados sobressaem precisamente os castelos de São Mamede (Parada de Bouro) e o de Vieira (Cantelães). O primeiro foi cabeça da *Terra de Penafiel* de Soás e o segundo, construído sobre um grande povoado 'castrejo', sede da Terra de Veeira, território no qual tem origem o Município de Vieira do Minho.

Das igrejas paroquiais de Vieira do Minho, todas já referenciadas pelo menos desde o século XI, nenhuma manteve a sua arquitectura original e são raros os testemunhos das edificações de estilo românico, que aqui conheceu uma expressão marginal. Distingue-se entre todas a igreja de São João da Cova, que conserva parte significativa da fábrica românica, datável do século XIII, sobressaindo as suas cachorradas esculpturadas e o portal lateral sul com tímpano ornamentado com cruz vazada, de

clara filiação estilística bracarense, bem como a utilização de silhares de granito rosado.

Relevo especial para os 5 povoados medievais abandonados, quatro na vertente alta da serra da Cabreira, vinculando-se claramente a uma mais intensa exploração dos recursos pastoris da serra e um outro na vertente baixa, nas proximidades de Ruivães. Este último é particularmente importante porque corresponde à antiga sede de freguesia de São Martinho de Vilar de Vacas, mencionada nas Inquirições de 1258, povoação que esteve na origem de Ruivães.

Destaque igualmente para as 4 pontes e 3 troços de via, testemunhando a importância da rede viária local e regional. Efectivamente, as pontes foram obras que na Idade Média mereceram especial atenção dos senhores das terras, dos abades de mosteiros e da coroa, porque serviam as ligações viárias que estruturavam o território, aqui em Vieira do Minho servindo as mais importantes ligações regionais ao Barroso, Rossas e Basto, avultando entre todas a Ponte da Mizarela, notável tanto pelo engenho revelado na sua construção como pela implantação espectacular sobre as escarpas do rio Rabagão, servindo a via medieval que acompanhava o vale do rio Cávado em direcção ao interior galego.

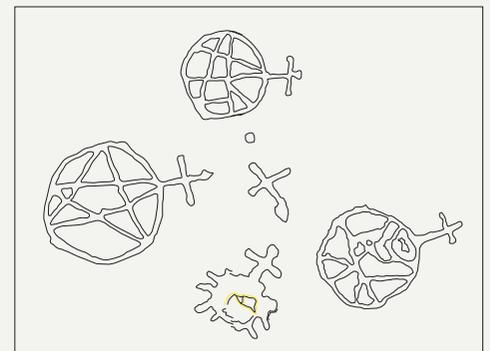
Refiram-se por último os 4 complexos de gravuras rupestres, que monumentalizam a paisagem com símbolos que parecem relacionar-se com marcação de termos, sucessivamente repetidos.



Ponte de Agra



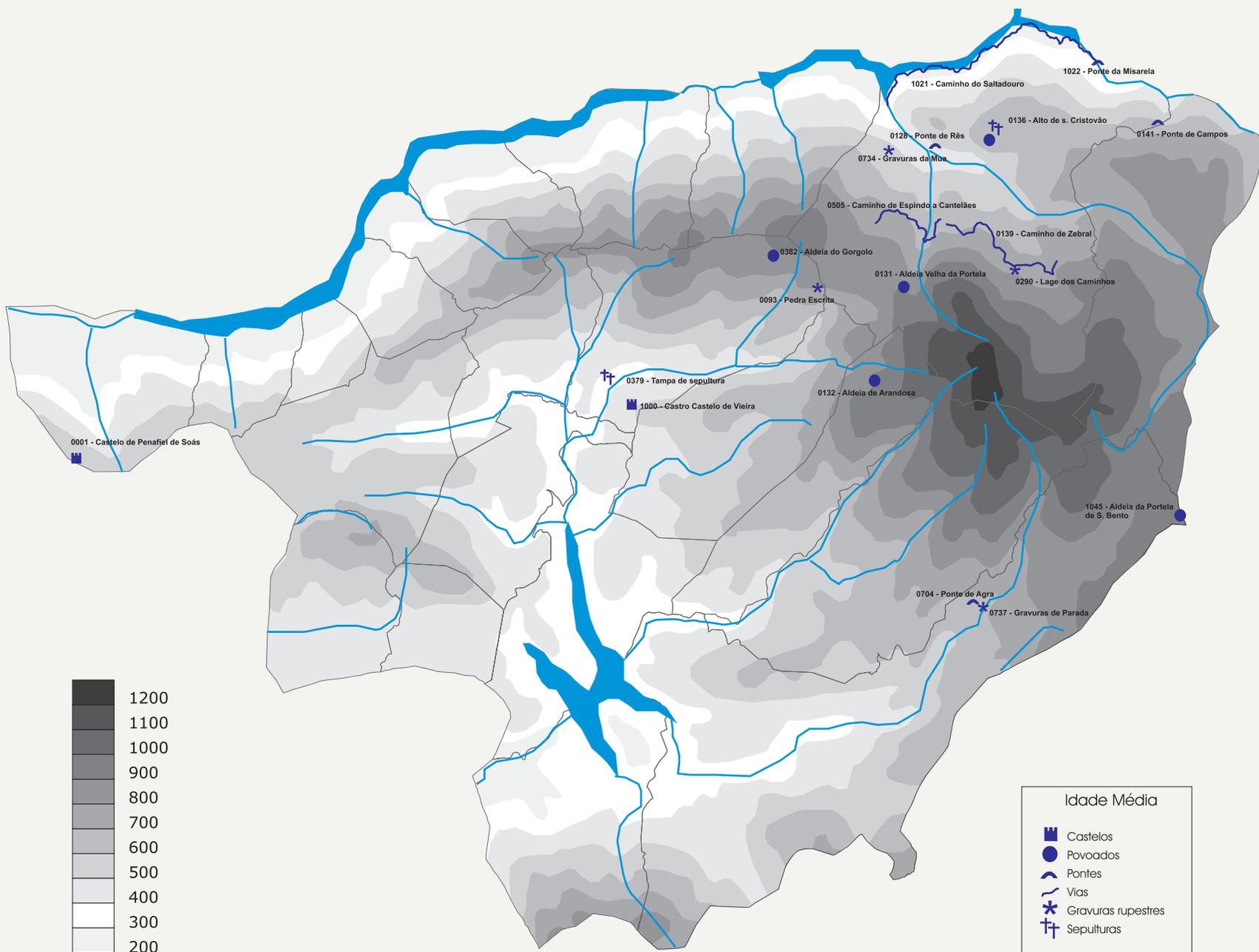
Castelo de Vieira



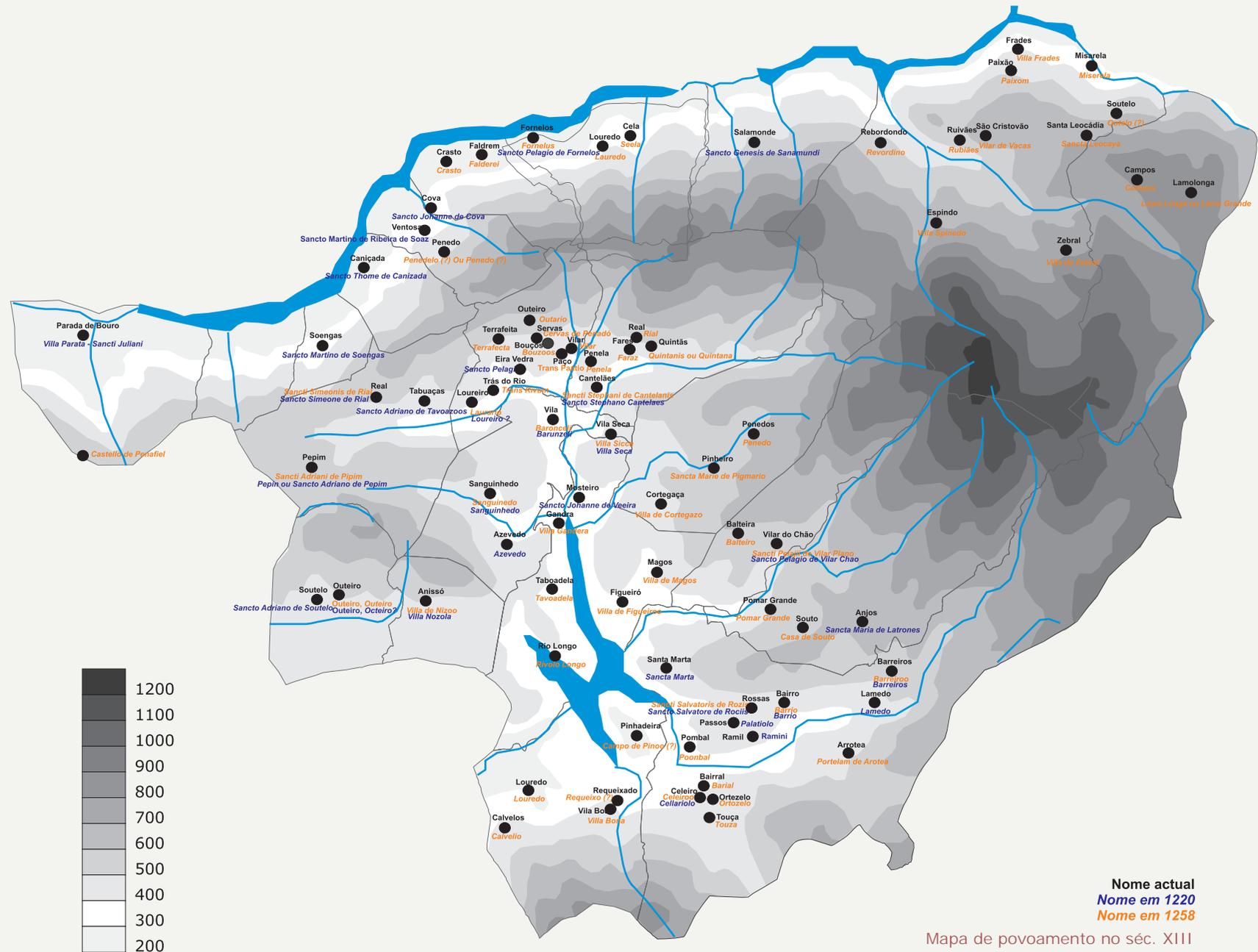
Gravuras da Laje dos Cantinhos

4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.4. Idade Média



4. Do património arqueológico e arquitectónico



4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.5. Idade Moderna e Contemporânea

Ao contrário do que foi habitual nos levantamentos arqueológicos tradicionais, entendeu-se considerar também como vestígios arqueológicos as ruínas de construções que, não sendo susceptíveis de ser recuperadas para a sua função original, se configuram como testemunhos materiais importantes para a compreensão das paisagens moderna e contemporânea e ainda aquelas construções que, conhecendo um uso episódico, se vinculam estreitamente a vestígios arqueológicos de épocas anteriores. Assim, registaram-se para este período um total de 69 arqueossítios, a maioria de época moderna.

A estes sítios arqueológicos haverá que acrescentar os 1347 (90 % do total de registos patrimoniais) que foram classificados na categoria de património arquitectónico. A maior parte corresponde a

expressões de arquitectura vernácula, ainda há poucos anos dita arquitectura tradicional ou popular, destacando-se entre todos os moinhos e espigueiros (que no conjunto somam mais de 70 % dos registos).

Tal como ilustra o gráfico abaixo, menos de 10 % dos bens arquitectónicos registados correspondem a construções de funcionalidade religiosa, como sejam capelas, igrejas e alminhas. É nos dois primeiros tipos, a que se devem juntar os solares e paços rurais, que se revelam algumas soluções construtivas mais elaboradas, que aceitam a sua classificação adentro dos mais diversos estilos arquitectónicos que se desenvolveram entre os séculos XVII e XIX.

O património arquitectónico inventariado reporta-se, quase na totalidade, a uma época balizada entre os séculos XVI e XIX, correspondente às Idade Moderna e Contemporânea e revela um forte incremento do povoamento,

particularmente notório a partir do século XVIII, acompanhando a larga difusão e ampla aceitação do cultivo do milho grosso ou *maíz*.

A matriz do povoamento do município de Vieira do Minho, na qual se distingue um povoamento disperso nos vales baixos e um povoamento concentrado na vertente inferior das serras ou na bordadura do planalto de Barroso, tem origem no povoamento medieval fixado nos séculos XII e XIII, então como hoje orientado para uma economia de base agro-silvo-pastoril.

Essa estrutura de povoamento ainda se reconhece na distribuição actual dos aglomerados populacionais, apesar das mudanças registadas a partir do último terço do século XX, as quais se traduziram na diminuição da população nos núcleos rurais mais isolados e aumento de construção nas zonas de vale melhor servidas por equipamentos sociais e por transportes.

Reconhecendo que a análise da sua distribuição espacial poderá fornecer elementos interessantes para a compreensão do modelo de povoamento que se consolidou nos finais do século XIX, bem como para a compreensão da organização sócio-económica subjacente, limitamo-nos aqui a uma breve caracterização do património arquitectónico inventariado dividindo-o entre 'arquitecturas vernáculas' e 'arquitecturas de estilo' - nas primeiras distinguiram-se as aldeias, espigueiros e moinhos, e nas segundas os santuários de peregrinação e os solares.

Também nesta matéria, o trabalho que origina o presente trabalho constitui o mais recente contributo para o conhecimento dos valores arquitectónicos do território do município de Vieira do Minho, revelando uma riqueza patrimonial até agora insuspeita, constituindo-se como um recurso com elevado potencial de exploração.

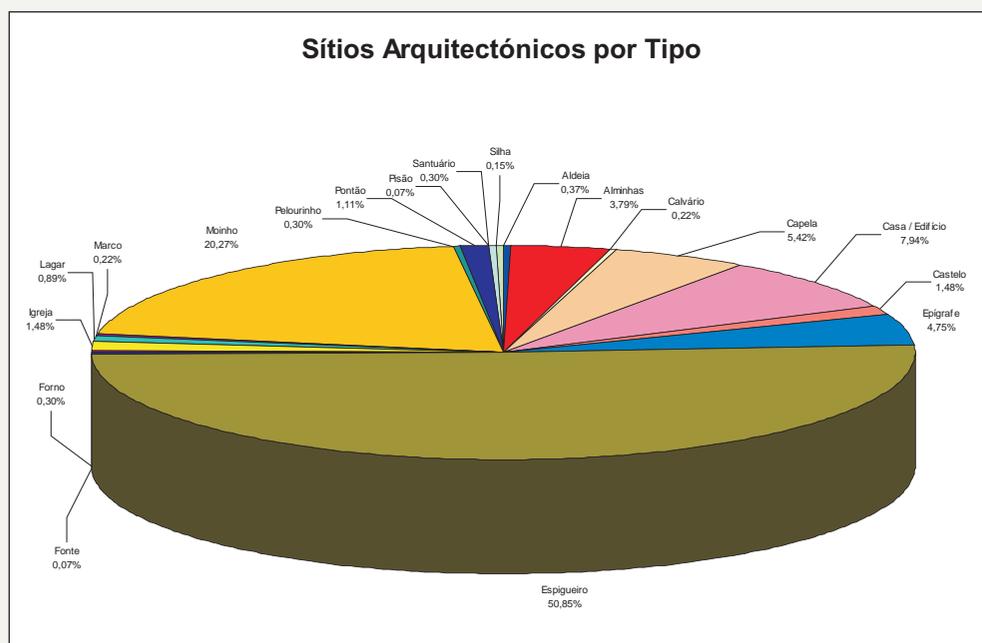
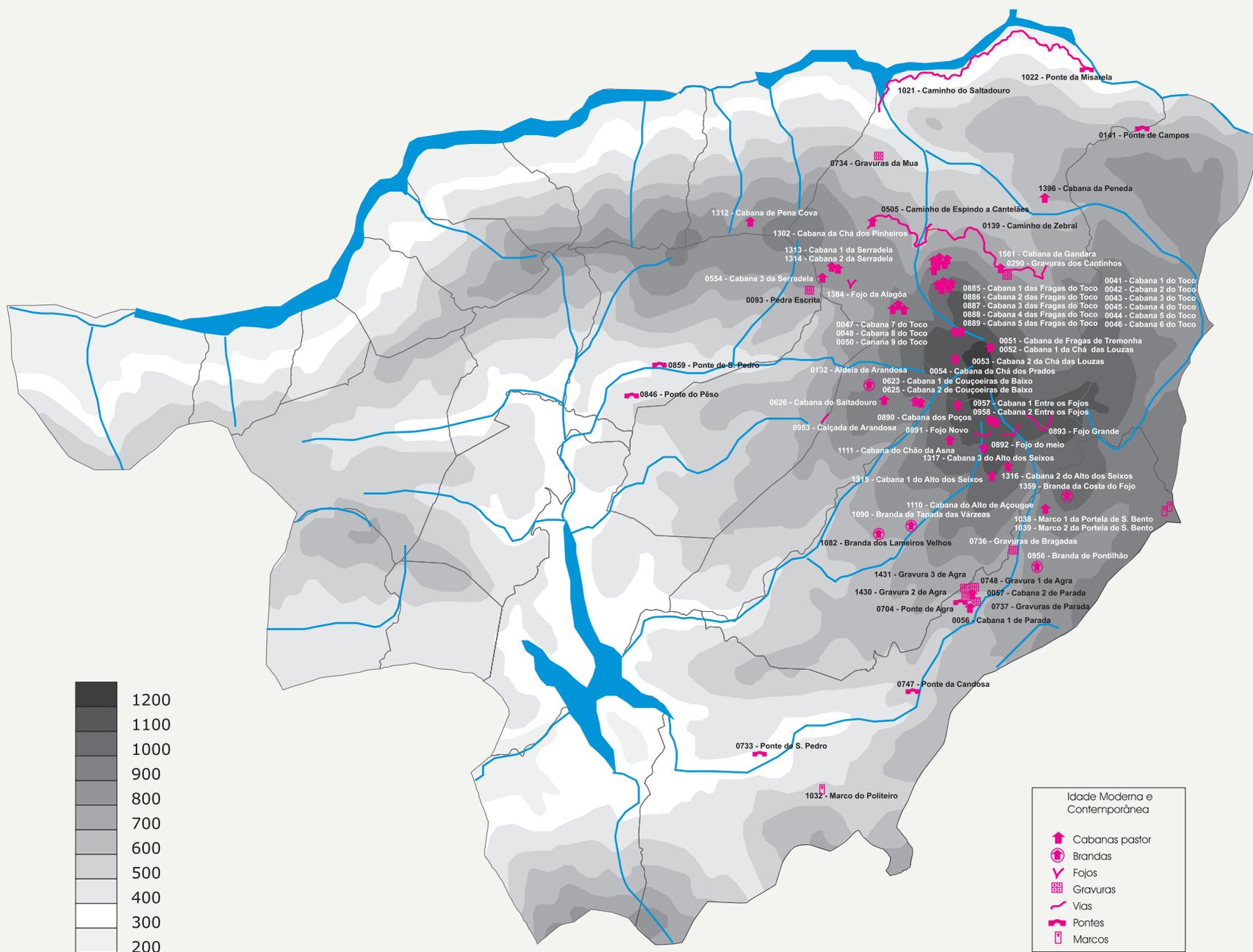


Gráfico de distribuição de sítios arquitectónicos por tipo

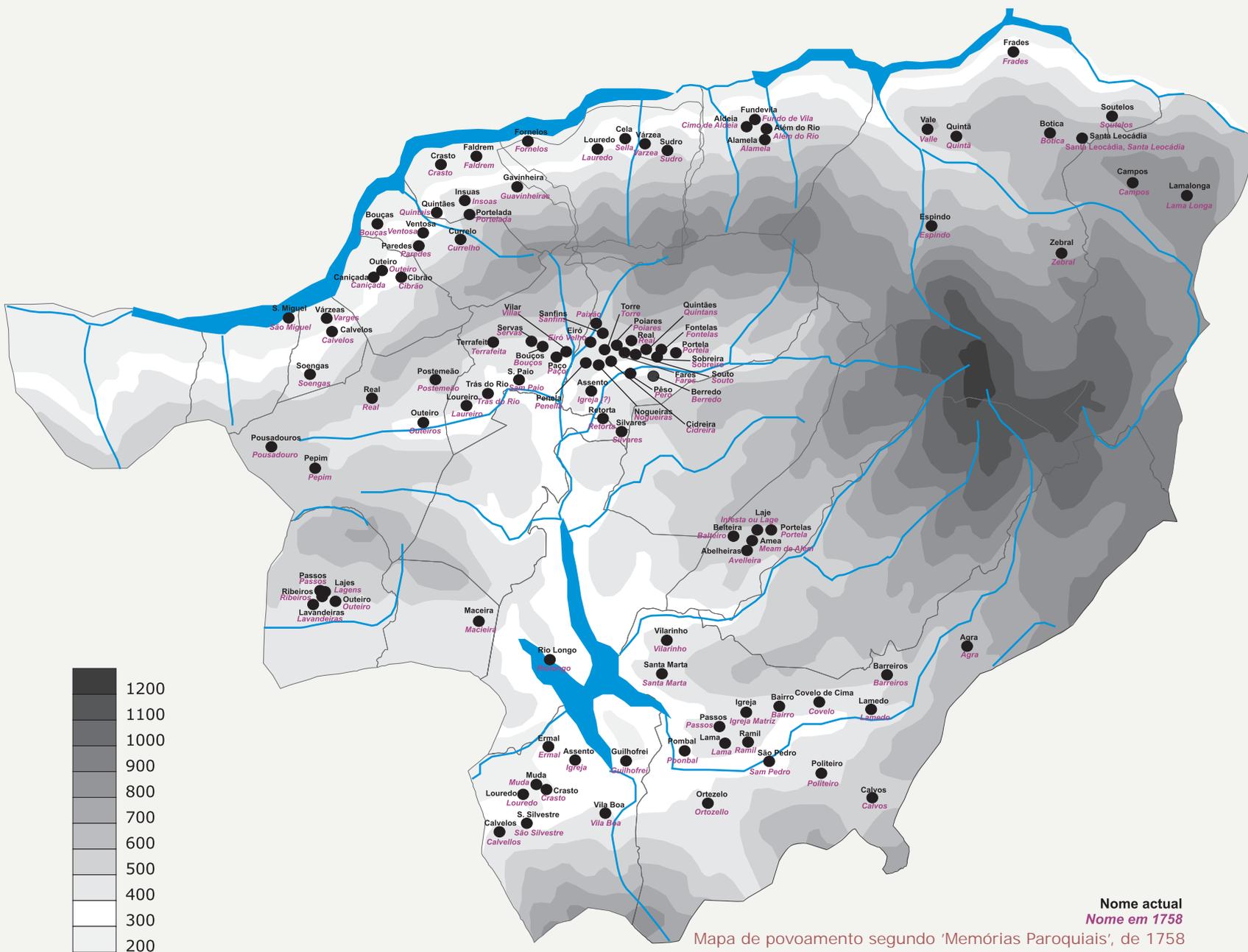
4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.5. Idade Moderna e Contemporânea



4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.5. Idade Moderna e Contemporânea



4. Do património arqueológico e arquitectónico

Destaca-se de modo significativo o conjunto das 38 cabanas de pastor e das 4 brandas pastoris (grupos de cabanas menores, juntas, com redis individuais), que se concentram na vertente alta da serra da Cabreira, revelando uma intensa actividade de pastoreio, cujo incremento se documenta a partir do século XVI. São construções modestas, quase sempre de planta circular, com paredes de simples pedras sobrepostas, com cobertura em falsa cúpula de lajes graníticas, exteriormente recobertas com torrões de terra.

Correlacionados com a actividade pastoril estão também os 4 fojos de lobo, todos no início da vertente sul da serra da Cabreira, 3 dos quais se encontram em vias de classificação como Imóvel de Interesse Público. Apresentam a típica planta em V descendo da cumeada para as linhas de água, aí se localizando o poço circular e profundo, onde os animais afugentados caíam. São obras monumentais, com paredes com cerca de 2,5 metros de altura e que no conjunto se estendem por cerca de 2,5 quilómetros.

Servidas por caminhos de pé posto, que prolongavam, acima dos 600 - 700 metros de altitude, os caminhos carreteiros que serviam as vertentes inferiores, as cabanas e currais e os fojos eram objecto de manutenção periódica, assegurada pelas populações do vale, constituindo uma importante expressão de arquitectura vernácula.

Já referenciadas nas 'Memórias Paroquiais' de 1758, muitas destas construções deverão datar dos séculos XVI-XVII, admitindo-se para algumas uma cronologia mais recuada, sendo certo que o máximo desenvolvimento das actividades agro-silvo-pastoris em torno da Serra da Cabreira se verificou entre meados do século XIX e meados do século XX.

A rede viária conheceu também um significativo reforço, patente no maior número de pontes edificadas ou reparadas neste período, num total de 8. Registaram-se também 4 troços de via lajeada.

Finalmente, refiram-se os marcadores administrativos e simbólicos do território, expressos em 7 conjuntos de gravuras rupestres e 3 marcos de limites.

A maior parte dos conjuntos parecem vincular-se a marcação de termos, sucessivamente repetidos, em que a cronologia mais antiga se poderá recuar ao fim da Idade Média ou princípios da Idade Moderna e a mais recente já do último terço do século XX.

As técnicas de gravação variam entre a martelagem, o picotado e o abrasão e as gramáticas figurativas centram-se em torno dos quadrados, reticulados ou não, nas covinhas, nas cruces ou em desenhos compostos de círculos, estrelas e cruces. Mais raros são os motivos antropomórficos e zoomórficos. As gravuras apresentam-se tanto em painéis verticais como horizontais.

No que respeita especificamente à arquitectura vernácula em Vieira do Minho, as soluções construtivas e mesmo estéticas que a caracterizam manifestam-se no mais variado tipo de construções, desde as alminhas às cabanas de pastor e das casas aos pontões. Distinguem-se entre todos os núcleos bem conservados de algumas aldeias, onde se congregam múltiplas expressões construídas vernaculares, destacando-se o conjunto dos espigueiros e moinhos, quase sempre espacialmente muito distantes mas umbilicalmente ligados pelo mais importante sustento, o pão, neste caso o milho grosso ou *maiz*, cujas espigas se guardam nos espigueiros, até serem levadas para os moinhos a moer.

Em praticamente todas as cerca de 150 aldeias do município de Vieira do Minho se identificam edificações de arquitectura tradicional, mas frequentemente já desenquadradas da antiga malha urbana, que se apresenta alterada.

Contudo, alguns núcleos populacionais rurais serranos ainda conservam a sua estrutura urbana antiga, não se tendo alterado a íntima relação com os espaços agrários envolventes - as veigas profusamente irrigadas, onde se cultivava



Cabana de pastor do Toco, Ruivães



Fojo grande, Anjos



Ponte da Candosa, Rossas

4. Do património arqueológico e arquitectónico



Panorâmica da aldeia de Lamalonga

tudo o que é necessário ao sustento das famílias (hórtícolas, milho, batata); mais afastados, pequenos bosques e zonas de matos continuam a fornecer material para a cama dos gados; na serra alta, pastam os rebanhos e manadas (cabras, bovinos e equinos), em algumas localidades ainda em regime de vezeira. Estão neste caso as aldeias de Lamalonga, Campos, Espindo e Agra e com menos expressão as de Zebral, Vilar Chão e Anjos.

Aí, podem encontrar-se bons exemplares de arquitectura vernácula, desde as habitações (casas de lavoura simples, com duas divisões, ou casas de lavoura grandes, com pátio interior, para onde abrem as cortes, adegas e a habitação, esta frequentemente alpendrada) aos espigueiros, pode ainda fruir-se paisagens equilibradas, bem como tomar contacto com práticas de trabalho tradicionais e perceber o notável esforço das populações na construção e manutenção da paisagem.

Foi nesta categoria de arquitectura vernácula que se incluíram as edificações relacionadas com as primeiras expressões da indústria, como lagares e engenhos de

serra, alguns dos quais já integrados na “Rota do Património Industrial do Vale do Ave” (VV.AA. 2002).

Porque constituem recursos patrimoniais e culturais importantes, algumas destas aldeias têm vindo a ser objecto de programas de conservação e requalificação, existindo já uma razoável oferta de alojamento turístico que aproveita edifícios recuperados, facultando assim ao visitante um contacto mais duradouro edirecto com as populações e com o território.

Os espigueiros são uma reconhecida 'imagem de marca' do Minho. Elevados do solo, marcam as paisagens das aldeias como uma espécie de sentinelas ou cavaleiros, guardando no seu interior algo de precioso, pelo que também se configuram como uma espécie de 'guarda-jóias' (que o eram as espigas de milho - sustento básico dos seres humanos e dos animais), justificando por isso requintes construtivos de valor arquitectónico por vezes superior ao das habitações.

Os espigueiros localizam-se geralmente junto das habitações ou nas

suas proximidades imediatas, sendo menos frequente uma localização isolada, associada aos campos de cultivo do milho. Datam na sua maioria dos séculos XVIII e XIX, época de mais ampla difusão do cultivo do milho grosso.

É também frequente possuírem uma eira, quase sempre bem lajeada, junto do espigueiro, registando-se alguns casos, poucos, de uma eira servir vários espigueiros.

Do ponto de vista tipológico, identificaram-se praticamente todos os tipos de espigueiros comuns à região do Minho, como sejam os 'canastros' todos de madeira sobre pés de granito, os de estrutura de granito (pés, mós, padieiras, ombreiras e cápeas das empenas) e balaústres de madeira e cobertura telhada e ainda aqueles integralmente de granito, incluindo os balaústres e a cobertura capeada com lajes. Refira-se a identificação de um único espigueiro com balaústres horizontais de granito, solução de influência galega.

Ao nível da decoração arquitectónica, os espigueiros inventariados enquadram-se também nas tipologias decorativas que



Inscrição na casa paroquial de Louredo



Relógio de sol da Igreja de Campos



Casa de Faldrem

4. Do património arqueológico e arquitectónico

caracterizam a generalidade dos espigueiros minhotos. Dominam aqui as cruces e pináculos a coroar as empenas, os letreiros epigrafados nas padieiras (enquadrados em cartelas mais ou menos rebuscadas, com predomínio de ramagens, meandros e cruces), as portas de madeira entalhadas e mais raramente ombreiras esculpturadas.

Os moinhos de rodízio horizontal, movimentados pela força da água aduzida por caleira e cubo, marginando as inúmeras linhas de água que recortam os vales e encostas minhotos, são uma das mais características expressões arquitectónicas do Entre Douro e Minho.

Documentados já nos séculos anteriores à formação do reino de Portugal, os moinhos de água são pequenos edifícios de planta rectangular e cobertura telhada de duas águas, frequentemente construídos com rude aparelho granítico, possuindo geralmente uma só moenda, sendo raras instalações com duas moendas. Proliferaram a partir dos séculos XVII-XVIII, com a difusão do cultivo do milho mais ou milho grosso, o cereal que passou a constituir a principal produção agrícola.

Os moinhos inventariados em Vieira do Minho inscrevem-se quase na sua totalidade no tipo de 'moinho de rodízio horizontal com penas, de propulsão inferior', aduzindo-se a água através de levadas e caleiras mais ou menos estruturadas, por vezes recolhendo a água a várias centenas de metros ou mesmo quilómetros. Junto ao moinho a água adquire 'peso' e velocidade precipitando-se por uma caleira em rampa ou num cubo (espécie de pequeno poço) vertical e embate nas penas do rodízio, localizado na 'cave' do edifício. O rodízio roda fixo a um eixo vertical, que por sua vez faz movimentar a mó superior (movente), que tritura o grão esmagando-o contra a mó inferior, fixa (dormente ou pouso). As mós são circulares, com cerca de 1 m de diâmetro, em granito.

No conjunto dos moinhos inventariados destacam-se os do rio Ave, os moinhos de Cantelães, os moinhos de Botica e os de Espindo.



Espigueiro da Casa de Ortezelo



Espigueiro da Casa Grande de Nogueiras



O moinho da Ribeira de Chedas

O município de Vieira do Minho não é particularmente rico em edifícios de vulto representativos dos grandes estilos artísticos que se desenvolveram e difundiram pela Europa e em Portugal. Tal facto dever-se-á, seguramente, não só ao carácter rural interior do território mas, sobretudo, ao baixo nível de rendimentos das suas populações, não gerando os avultados recursos financeiros necessários à edificação de obras de maior dimensão riqueza arquitectónica.

Só na segunda metade do século XVII e praticamente durante todo o século XVIII é que, acompanhando o enriquecimento geral do país, em parte correlacionado com os rendimentos do Brasil, se regista uma elevação dos padrões arquitectónicos, aqui manifesta na renovação de muitas igrejas e capelas e na edificação de paços ou solares rurais.

Domina o chamado Estilo Chão nacional, solução arquitectónica onde se cruzam influências de vários estilos, do Maneirismo ao Neoclássico, com evidentes preferências por traços barrocos, bem ao gosto minhoto.

Também não cabe aqui desenvolver qualquer análise sobre os estilos dominantes, mais do âmbito da história da arte ou da arquitectura. Mas justifica-se apresentar alguns comentários sobre dois dos conjuntos mais significativos, a saber: as igrejas, com especial destaque para os santuários e os solares.

A generalidade das igrejas paroquiais de Vieira do Minho conheceu remodelações ou mesmo reconstruções durante os séculos XVII e XVIII, acompanhando os impulsos reformistas pós-tridentinos da Igreja Católica.

Muito poucas conservaram a igreja medieval ou partes da edificação medieval. Entre estas, o destaque vai para a igreja de São João da Cova, que conserva partes significativas da igreja românica e que já se referiu acima.

Nas igrejas modernas, frequentemente de maior dimensão que as

4. Do património arqueológico e arquitectónico



Santuário de Nossa Senhora da Lapa, Soutelo



Retábulo-mor da Igreja de Mosteiro

anteriores, dominam as naves rectangulares e capelas-mores também rectangulares mas alongadas, coros altos e uma maior profusão de altares colaterais, em concorrência com o altar-mor, geralmente enquadrado por tribunas ou retábulos de talha dourada, merecendo destaque os das igrejas de Mosteiro, Soengas, Soutelo e Ventosa.

Os séculos XVII e XVIII foram igualmente uma época de florescimento do culto mariano, materializado na reconstrução ou edificação nova de santuários de peregrinação dedicados ao culto da Virgem, de quem se espera uma protecção alargada. Assim aconteceu também em Vieira do Minho, com inúmeros santuários dispersos pelo seu vasto território, servindo uma população de grande fervor religioso. Entre todos destacam-se os santuários de Nossa Senhora da Orada, Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora dos Remédios e Nossa Senhora da Fé, convergindo neste último a grande peregrinação anual do arceprelado de Vieira do Minho.

Construídos quase sempre em lugares proeminentes da serra, são bem o testemunho da definitiva apropriação dos montes pelas populações dos vales, sacralizando espaços até então dominados por medos e superstições.

Os solares ou casas senhoriais rurais são uma das mais expressivas modalidades arquitectónicas do Minho setecentista. Vinculadas a domínios agrários mais ou menos extensos, a sua edificação foi possível graças ao aumento da riqueza dos seus proprietários, proporcionada tanto pelo maior rendimento do milho *maís* ou milho grosso, que conheceu então uma larga aceitação e difusão, como pelos proventos do ouro e dos diamantes do Brasil, que a nobreza rural soube aproveitar para acrescentar as suas propriedades e influência.

Sem grandes variações na tipologia das edificações, que se caracterizam basicamente pela disposição de corpos rectangulares em torno de um pátio central,

4. Do património arqueológico e arquitectónico

desenhando plantas em “U” ou em “L”, tal qual as grandes casas de lavoura, os solares são construções de grande sobriedade arquitectónica, limitando-se as expressões artísticas, de sabor barroquizante, à decoração arquitectónica dos vãos de portas e de janelas, às empenas, às capelas anexas e, principalmente, aos portais de aparato, onde quase sempre foi mandada colocar a pedra de armas da família proprietária.

Assim foi também no território do actual município de Vieira do Minho, onde se registam dez solares (Casa de Lamas, Casa da Laje e Casa da Cuqueira, em Vieira do Minho; Casa da Pena, em Mosteiro; Casa de Dentro, em Ruivães; Casa de Cibrão, em Caniçada; Casa do Vale e Casa de Senrela, em Parada de Bouro; Casa do Bairral e Casa do Lodeirô, em Rossas), uns ainda propriedade das famílias originais, outros já não, alguns bem conservados e habitados, outros encerrados ou já abandonados e raros em estado de franco abandono e ruína.

Com excepção da Casa de Lamas, propriedade do Município de Vieira do Minho, que o pretende adaptar a equipamento cultural, todos os outros são propriedade privada, de acesso reservado.



Casa da Laje, Vieira do Minho



Casa de Lodeirô, Rossas

Anissó



Localizada na bordadura Sudoeste do concelho de Vieira do Minho, Anissó confronta a Oeste com a freguesia de Soutelo, a Nordeste com Tabuaças, a Norte e Nordeste com a freguesia de Vieira do Minho, a Este com Mosteiro e a Sul com o concelho de Póvoa de Lanhoso.

Embora em 1059 se documente já uma povoação chamada “villa Nizola”, a freguesia de Anissó não aparece referenciada nas Inquirições do século XIII e é omitida no Catálogo das igrejas de 1320.

Autonomizou-se como freguesia apenas em 1722, consagrando-se então a sua igreja

a Nossa Senhora da Esperança, cuja festa se celebra no segundo domingo de Agosto.

Com uma população residente que tem vindo a decrescer, em 2001 Anissó registava apenas 263 habitantes, distribuídos pelos lugares de Povoinha, Anissó, Carvoeiras e Maceira, dedicando-se à agricultura e ao pequeno comércio.

No que respeita ao património, registaram-se aqui 17 sítios, 16 dos quais são de interesse arquitectónico e apenas um com interesse arqueológico.

Referências bibliográficas:

Capela 2003, 441-442; Costa 1997,

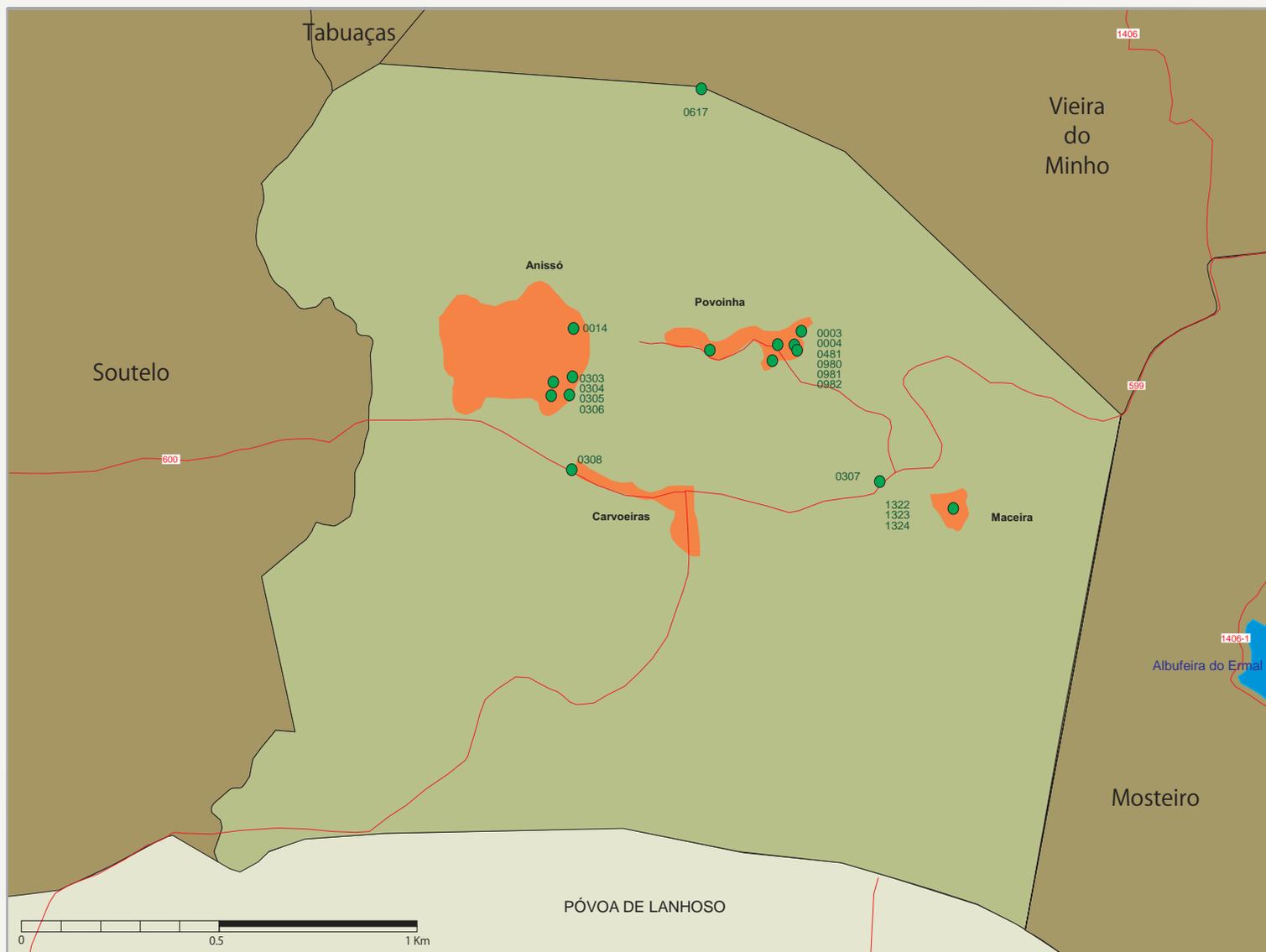
355; Costa 2000, 116; Oliveira 2005, 21-26.

Inventário de património

Anissó

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0003 - Espigueiro 4 da Povoinha
- 0004 - Espigueiro 5 da Povoinha
- 0014 - Cruzeiro de Anissó
- 0303 - Igreja de Santa Maria da Esperança de Anissó
- 0304 - Espigueiro 1 da Povoinha
- 0305 - Espigueiro 2 da Povoinha
- 0306 - Espigueiro 3 da Povoinha
- 0307 - Alminhas de Maceira
- 0308 - Alminhas de Anissó
- 0481 - Espigueiro 6 da Povoinha
- 0617 - Castro de Anissó
- 0980 - Espigueiro 7 da Povoinha
- 0981 - Espigueiro 8 da Povoinha
- 0982 - Espigueiro 9 da Povoinha
- 1322 - Casa de Maceira
- 1323 - Espigueiro 1 da Casa de Maceira
- 1324 - Espigueiro 2 da Casa de Maceira



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Anissó

Inventário de património

Anissó

Castro de Anissó

Trata-se de um povoado fortificado que coroa o relevo denominado Crasto, elevação que, com os seus 732 metros de altitude, domina a bordadura poente do alvéolo que configura as nascentes do rio Ave.

Ocupando uma área aproximada de 4 hectares, circunscrita por três poderosas linhas de muralhas construídas em alvenaria granítica de aparelho regular, este povoado terá tido uma ocupação compreendida entre os primeiros séculos a.C. e a Alta Idade Média, como testemunham os fragmentos de cerâmicas de várias tipologias que se recolhem à superfície.

Referências bibliográficas: Almeida 1978, 35; Guia de Portugal 1986, 869; Silva 1986, 79; Vieira 2000, 359.

URL - <http://www.ipa.min-cultura.pt>



Igreja paroquial de Anissó

Dedicada a Santa Maria da Esperança, a igreja de Anissó é uma construção em alvenaria granítica de aparelho irregular, com nave e capela-mor rectangulares, com coberturas telhadas independentes, de duas águas, sobre cornija. Os cunhais e empenas, com aparelho de cantaria mais perfeito, são coroadas por pináculos e cruzes.

A torre sineira, de construção mais recente, situa-se frente à fachada ocidental da igreja, onde se rasga a porta axial, despida de qualquer decoração arquitectónica. No interior, modesto, destaca-se o retábulo em talha dourada do altar-mor.

As Inquirições e o Catálogo das Igrejas de 1320 omitem a Igreja de Anissó, pois esta

freguesia só foi criada em 1722 por desanexação da freguesia de Mosteiro, embora já existisse povoação em 1059. A igreja acabou de se construir em 1724, substituindo uma antiga capela com a mesma invocação.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 441; Costa 1997, 355; Craesbeeck 1992, 183, 185; Oliveira 2005, 70-71; Vieira 2000, 364



Anjos



A freguesia e Anjos localiza-se na zona sudeste do município de Vieira do Minho, estendendo-se da margem direita do Rio Ave até à cumeada da Serra da Cabreira, confrontando a Oeste com a freguesia de Vilar Chão, a Norte com Ruivães e a Este e Sul com Rossas. Até 1836 pertenceu ao extinto concelho de Rossas.

A paróquia de Santa Maria dos Anjos está documentada desde o século XI, designando-se então como *Sancta Maria de Latrones.*, nome que mudou para Santa Maria dos Anjos depois de 1551. Nas festividades religiosas destaca-se a festa em

honra de Santa Luzia, no dia 13 de Dezembro, a do Sagrado Coração de Jesus no mês de Agosto e a festa de Nossa Senhora do Socorro a 15 de Agosto.

Em 2001 registaram-se 415 habitantes, distribuídos pelos lugares de Souto, Outeiro, Pomar Grande, Portela, Fundo de Vila, Cernadas, Carude e Cabo, dedicando-se predominantemente à agricultura, embora exista também alguma actividade de pequeno comércio, indústria e serviços.

No inventário do património registaram-se 76 sítios com interesse, sendo 15 sítios arqueológicos e 61 arquitectónicos.

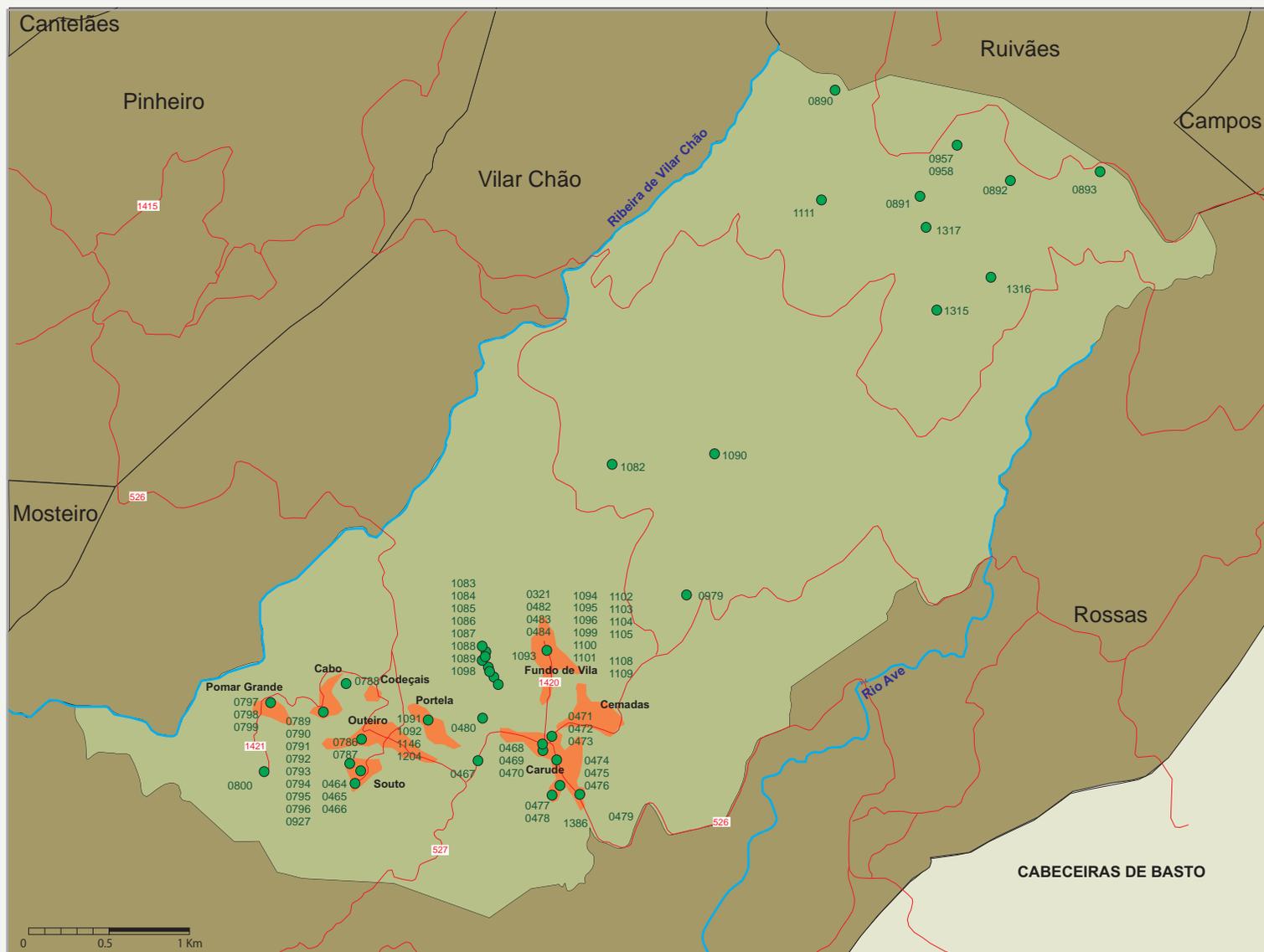
Referências bibliográficas:
Costa 1868-1869,137; Costa 1997, 156; Costa 2000, 122 e 309.

Inventário de património

Anjos

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- | | |
|--|---------------------------------------|
| 0321 - Epígrafe de Fundo de Vila | 1083 - Moinho 1 de Fundo de Vila |
| 0464 - Capela N ^a Sr ^a do Socorro | 1084 - Moinho 2 de Fundo de Vila |
| 0465 - Casa do Pedra | 1085 - Moinho 3 de Fundo de Vila |
| 0466 - Espigueiro do Souto | 1086 - Moinho 4 de Fundo de Vila |
| 0467 - Capela de N ^a Sr ^a da Boa Morte | 1087 - Moinho 5 de Fundo de Vila |
| 0468 - Igreja de Santa Maria de Anjos | 1088 - Moinho 6 de Fundo de Vila |
| 0469 - Casa do Cancela | 1089 - Moinho 7 de Fundo de Vila |
| 0470 - Alminhas 1 de Carude | 1090 - Branda das Tapadas da Várzea |
| 0471 - Espigueiro 1 de Carude | 1091 - Espigueiro 1 de Portela |
| 0472 - Espigueiro 2 de Carude | 1092 - Espigueiro 2 de Portela |
| 0473 - Espigueiro 3 de Carude | 1093 - Espigueiro 3 de Fundo de Vila |
| 0474 - Casa do Coirado | 1094 - Epígrafe de Anjos |
| 0475 - Alminhas 2 de Carude | 1095 - Espigueiro 5 de Fundo de Vila |
| 0476 - Espigueiro 4 de Carude | 1096 - Espigueiro 6 de Fundo de Vila |
| 0477 - Casa do Barroso | 1098 - Moinho 8 de Fundo de Vila |
| 0478 - Espigueiro 1 da Casa do Barroso | 1099 - Espigueiro 7 de Fundo de Vila |
| 0479 - Casa da Fonte | 1100 - Espigueiro 8 de Fundo de Vila |
| 0480 - Pala do Chamor | 1101 - Espigueiro 9 de Fundo de Vila |
| 0482 - Epígrafe da casa de Riba | 1102 - Espigueiro 10 de Fundo de Vila |
| 0483 - Espigueiro 1 de Fundo de Vila | 1103 - Moinho 9 de Fundo de Vila |
| 0484 - Espigueiro 2 de Fundo de Vila | 1104 - Espigueiro 11 de Fundo de Vila |
| 0786 - Espigueiro 1 do Outeiro | 1105 - Espigueiro 12 de Fundo de Vila |
| 0787 - Espigueiro 2 do Outeiro | 1108 - Espigueiro 13 de Fundo de Vila |
| 0788 - Abrigo do Outeiro da Fisga | 1109 - Espigueiro 4 de Fundo de Vila |
| 0789 - Epígrafe da casa do Cabo | 1111 - Cabana do Chão da Asna |
| 0790 - Espigueiro 1 da Casa do Cabo | 1146 - Espigueiro 3 de Portela |
| 0791 - Espigueiro 2 da Casa do Cabo | 1204 - Espigueiro 4 de Portela |
| 0792 - Espigueiro 1 do Cabo | 1315 - Cabana 1 do Alto dos Seixos |
| 0793 - Moinho de Cabo | 1316 - Cabana 2 do Alto dos Seixos |
| 0794 - Espigueiro 2 do Cabo | 1317 - Cabana 3 do Alto dos Seixos |
| 0795 - Espigueiro 3 do Cabo | 1386 - Espigueiro 5 de Carude |
| 0796 - Espigueiro 4 do Cabo | |
| 0797 - Espigueiro 1 de Pomar Grande | |
| 0798 - Espigueiro 2 de Pomar Grande | |
| 0799 - Espigueiro 3 de Pomar Grande | |
| 0800 - Espigueiro 4 de Pomar Grande | |
| 0890 - Cabana dos Poços | |
| 0891 - Fojo Novo | |
| 0892 - Fojo do Meio | |
| 0893 - Fojo Grande | |
| 0927 - Espigueiro 5 do Cabo | |
| 0957 - Cabana 1 de Entre os Fojos | |
| 0958 - Cabana 2 de Entre os Fojos | |
| 0979 - Mamoá de Tapadas da Várzea | |
| 1082 - Branda das Tapadas do Lameiro Velho | |



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da Freguesia de Anjos

Inventário de património

Anjos



Igreja paroquial de Anjos

Dedicada a Santa Maria, a igreja de Anjos é um edifício setecentista composto por nave e capela-mor rectangulares, orientadas Este-Oeste mas com fachada principal virada a nascente, ao contrário do que é comum. A construção é de cantaria granítica de blocos bem esquadrados mas montados em fiadas irregulares.

A fachada principal apresenta desenho mais cuidado, com cunhais apilastrados, empena de desenho barroco coroada por coruchéus e cruz ao centro. Possui um portal de aparato também de traço barroco. No enfiamento da fachada, no lado Norte, foi adossada uma torre campanário que suporta dois sinos.

A paróquia de Santa Maria dos Anjos documenta-se já desde o século XI, designando-se então Santa Maria de Ladrões.

Referências bibliográficas: Costa 1868-1869, 137; Costa 1997, 156; Costa 2000, 122, 309; Craesbeeck 1992, 144; INQ 1220; INQ 1258; Vieira 2000, 414.



Capela de Nossa Senhora do Socorro

Capela construída no meio do lugar de Souto. De planta rectangular, está orientada a NE e construída em alvenaria granítica de aparelho irregular, com cobertura telhada de duas águas, sobre cornija, com empenas coroadas por cruces e pináculos nos cunhais. Na empena da fachada existe um pequeno sino suportado por uma armação em ferro.

Na fachada principal gravaram-se duas inscrições, onde parece ler-se, reforçado com tinta branca, a data de 1850 e a invocação "Mater".



Fojos de lobo da Cabreira

O conjunto monumental designado por fojos de lobo da Cabreira, em vias de classificação como Imóvel de Interesse Público e recentemente objecto de uma intervenção de limpeza e restauro, por iniciativa do Município de Vieira do Minho, é constituído por três construções independentes, formada cada uma por dois paredões que convergem num poço desenhando uma planta em "V".

O monumento localizado a Este é conhecido simplesmente por Fojo do Ribeiro do Fojo, Fojo de Pau da Bela ou Fojo Grande, como também se designa neste texto; o monumento central é conhecido por Fojo do Ribeiro das Figueiras Bravas ou Fojo do Meio; o monumento localizado a Oeste do conjunto é nomeado Fojo Novo. Os terrenos onde se implantam os monumentos são baldios das freguesias de Agra, Ruivães, Vilar Chão e Anjos, administrados pelos respectivos conselhos directivos.

Fojo Grande

Fojo situado na cabeceira do ribeiro do Fojo. Na margem esquerda deste, junto da linha de água, a uma altitude aproximada de 1100 metros, implanta-se um poço de planta sub-circular com cerca de 6 metros de diâmetro e profundidade aproximada de 3,5



metros. Na parte superior do poço abre-se um vão, delimitado pelos arranques de dois paredões com cerca de 2,5 metros de altura média e 0,80 metros de espessura, que divergem subindo pelas encostas. O paredão Este estende-se por cerca de 380 metros subindo até ao Pau da Bela, onde atinge os 1200 metros de altitude. O paredão Oeste, que nas proximidades do poço incorpora uma laje onde foi epigrafada, em letra cursiva dos séculos XVIII-XIX, o antropónimo João Mário (?), prolonga-se por 520 metros subindo a encosta oposta até aos 1180 metros. Os dois extremos superiores dos paredões ficam distantes entre si cerca de 650 metros. A altitude aproximada de 1130 metros e numa extensão de 160 metros, um paredão une transversalmente, em arco de círculo, os dois paredões laterais, modelando na encosta um soalco e desenhando em planta uma espécie de "A" invertido. Sensivelmente ao centro do comprimento deste paredão, num afloramento granítico, foi gravado o topónimo Campos, também em letra cursiva dos séculos XVIII-XIX. O poço e os paredões são construídos com blocos de granito não afeiçoado, tipo laje, de tamanho médio e grande, montados em bom aparelho de mamposteria ou alvenaria insossa. A face externa dos paredões eleva-se em rampa, induzindo uma ligeira inclinação para dentro da face interna, que é acentuada pelo

remate capeado da parede, nesse lado. Entre o poço e o muro do meio, os paredões laterais foram desmantelados pela abertura do estradão florestal, encontrando-se grande parte das lajes de pedra amontoadas nas proximidades ao longo das bermas. Admite-se que a sua construção possa recuar ao século XVI.

Fojo do Meio

Fojo localizado na cabeceira da ribeira das Figueiras Bravas. Na margem esquerda desta, à altitude aproximada de 1090 metros, localiza-se um poço de planta circular com 6 metros de diâmetro e cerca de 4 metros de profundidade. Na parte superior do poço conserva-se uma porta, de cujos lados arrancam dois paredões com cerca de 2,5 metros de altura e 0,80 metros de espessura média, que divergem subindo pelas encostas de acentuado declive que marginam a linha de água. O paredão Oeste sobe, ao longo de mais de 200 metros, até ao topo da vertente Norte do Alto dos Seixos, onde atinge os 1160 metros de altitude. Os dois extremos superiores dos paredões ficam distantes entre si cerca de 450 metros, desenhando o conjunto de planta em "V" de lados simétricos. Com as mesmas características técnicas do Fojo Grande e provavelmente com a mesma cronologia, esta construção apresenta-se praticamente intacta, incluindo o poço, tendo sido rompida pelo estradão florestal mais ou menos à cota dos 1125 metros de altitude.



Inventário de património

Anjos

Fojo Novo

O fojo implanta-se na vertente superior do talvegue do Ribeiro do Fojo Novo. Na margem esquerda deste, à altitude aproximada de 1110 metros, localiza-se um poço de planta circular com 6,5 metros de diâmetro. Com cerca de 225 metros de comprimento, o paredão Este sobe até ao topo NO do Alto dos Seixos, onde atinge os 1159 metros de altitude. O paredão Oeste estende-se por cerca de 225 metros subindo pela encosta de Cortegacinhas até cerca de 1140 metros. Os dois extremos superiores dos paredões ficam distantes entre si cerca de 450 metros, desenhando no conjunto uma planta em "V" com lados abertos em arco de círculo. Esta construção é, comparada com o Fojo do Meio e o Fojo Grande, de menor qualidade técnica, tendo-se recorrido predominantemente a blocos e lajes de granito de grande dimensão, montadas em aparelho ciclópico. Mais baixas, nunca ultrapassando os 2 metros de altura, as paredes apresentam um alinhamento irregular, particularmente notório no paredão poente. Como elemento

adicional, esta construção apresenta, sensivelmente a meio do comprimento do paredão Oeste, adossadas à face interna da parede, 11 pequenos abrigos de planta sub-circular e cobertura em falsa cúpula, integralmente construídos com lajes graníticas, numa solução arquitectónica que tem paralelos nas inúmeras cabanas-abrigo de pastores que se dispersam pelas serras do Minho. Estes pequenos abrigos, com cerca de 1,5 metros de diâmetro e menos de 1 metro de altura, medidas interiores, distribuem-se ao longo da parede a espaços regulares, distando entre si cerca de 6 metros. Apresentam toda uma estreita "porta", ligeiramente dissimulada através do rebaixamento do terreno junto à entrada, virada para o topo da encosta. Foi construído na segunda década do século XX.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 443, 453, 455; Craesbeeck 1992, 185; Fontes 1998, VM 02; Guia de Portugal 1986, 868; Vieira 2000, 144-147, 486

URL: <http://www.ippar.pt>

Em Vias de Classificação com Despacho de Abertura



Branda das Tapadas do Lameiro Velho

Conjunto de "tapados" de planta sub-rectangular, contíguos, formando uma espécie de favo, em muro de mamposteria. Estes "tapados" correspondem a redis, no interior dos quais se recolhia o gado.

Em cada um dos "tapados" existiria uma cabana abrigo, para o pastor, conservando-se apenas oito. De planta circular e sub-circular, nunca ultrapassando os dois metros de diâmetro, estes abrigos são construídos em mamposteria granítica e teriam cobertura em falsa cúpula, como se observa em alguns dos abrigos conservados.

Trata-se de um conjunto de redis e cabanas abrigo correspondente a uma branda tipo pastoril, com paralelos em conjuntos semelhantes existentes na vertente poente da serra da Peneda - Soajo, aceitando-se que a sua origem possa recuar ao século XVI.



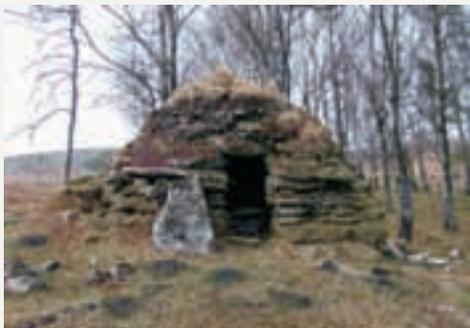


Cabana do Alto dos Seixos

Cabana de planta circular, com cerca de 3,5 metros de diâmetro e 2,5 metros de altura, localizada numa pequena chã, actualmente ocupada com bosque de bétulas.

Construída com blocos e lajes de granito, em aparelho de mamposteria, apresenta cobertura em falsa cúpula, exteriormente recoberta com terra. No interior observam-se três esteios de reforço da estrutura.

Trata-se de uma cabana - abrigo de pastores, igual a tantas outras espalhadas pelas serras do NO português e utilizada pelas populações das aldeias que enviam o gado para a serra, habitualmente em sistema de "vezeira", podendo a sua construção recuar ao século XVI.



Moinhos de Fundo de Vila

Marginando a ribeira que desce do lugar de Fundo de Vila para poente, conserva-se um interessante conjunto de moinhos de pequena dimensão, de caleira, cubo e rodízio horizontal, de característica construção em alvenaria granítica e também em cantaria bem esquadrada, com coberturas lajeadas com lajes igualmente graníticas.



Campos



A freguesia de Campos está localizada no extremo Nordeste do município, abarcando já a bordadura do planalto do Barroso. Bem delimitada a Norte e Este pelos rios Cávado e Rabagão, faz aí fronteira com o município de Montalegre, enquanto a Oeste confronta com a freguesia de Ruivães e a Este e Sul com Rossas.

No século XVIII, S. Vicente de Campos pertencia à *Villa de Ruivães*, concelho que integrava então a província de Trás-os-Montes. Em 1853, na sequência das reformas administrativas do território, o concelho de Ruivães foi extinto e a freguesia

de Campos foi incorporada no concelho de Vieira do Minho.

Como paróquia, S. Vicente de Campos está bem documentada no século XVIII, mas está omissa nas Inquirições do século XIII e no Catálogo das Igrejas de 1320. A festa em honra a S. Vicente realiza-se no último dia de Agosto, a do Sagrado Coração de Jesus no mês de Agosto e a festa de Santo António no segundo domingo de Agosto.

No recenseamento de 2001 foram aqui registados 240 moradores, distribuídos pelos lugares de Campos, Lamalonga e Cambedo. Outrora ligada à exploração

agrícola, à pastorícia de montanha e à exploração mineira, a população de Campos dedica-se actualmente à agricultura, à criação de gado e ao pequeno comércio.

Registaram-se aqui 98 sítios com interesse patrimonial, dos quais 95 com interesse arquitectónico e apenas 3 com interesse arqueológico.

Referências bibliográficas:

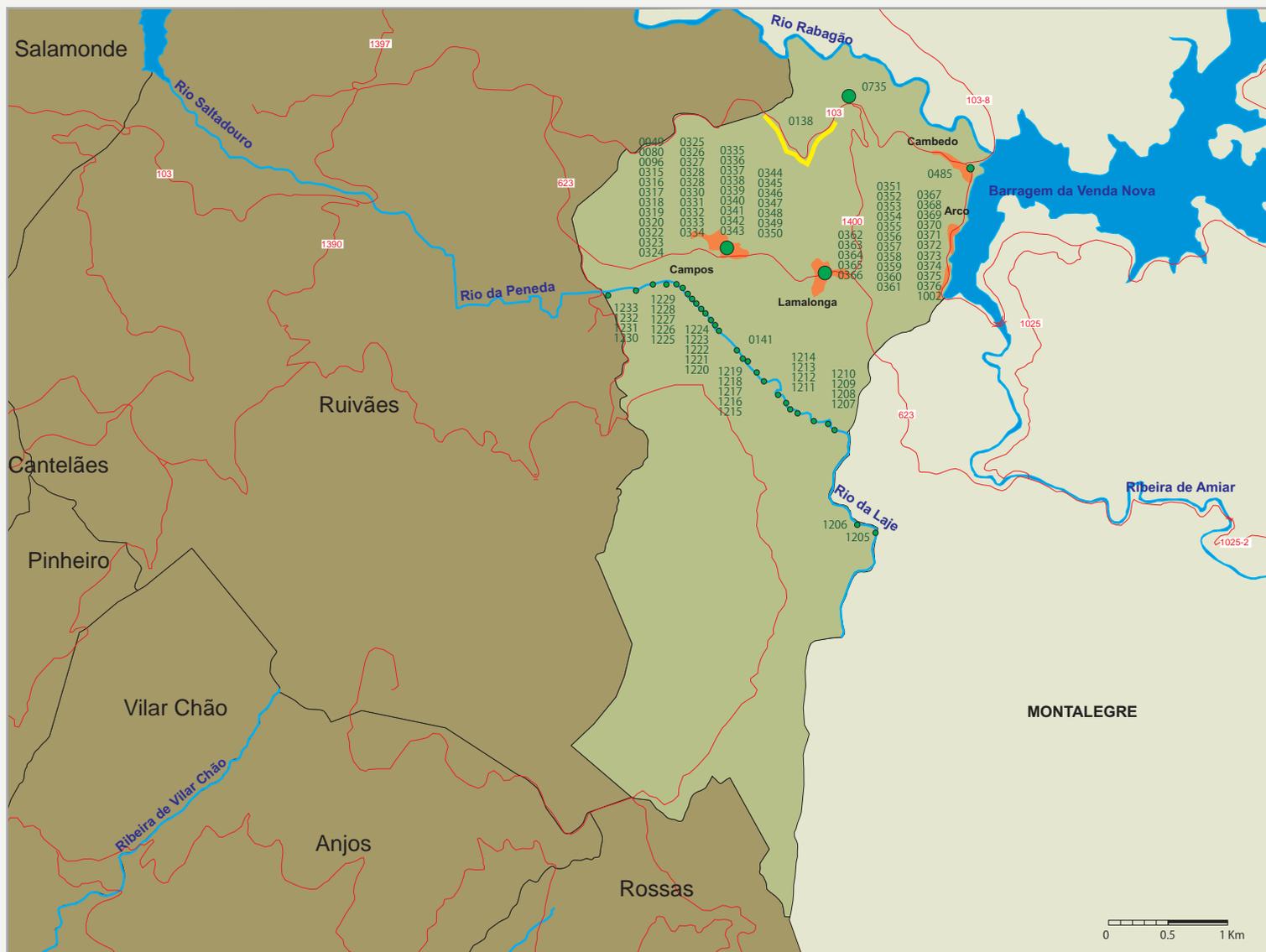
Capela 2003, 442-444; Costa 1997, 355.

Inventário de património

Campos

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0049 - Cruzeiro 2 de Campos	0357 - Espigueiro 1 da Casa do Martins	1228 - Moinho 24 do Rio da Laje
0080 - Casa do Martins	0358 - Espigueiro 2 da Casa do Martins	1229 - Moinho 25 do Rio da Laje
0096 - Forno da Casa do Martins	0359 - Espigueiro 7 de Lamalonga	1230 - Moinho 26 do Rio da Laje
0138 - Caminho de Cambedo	0360 - Espigueiro 8 de Lamalonga	1231 - Moinho 27 do Rio da Laje
0141 - Ponte de Campos	0361 - Espigueiro 9 de Lamalonga	1232 - Moinho 28 do Rio da Laje
0315 - Aldeia de Campos	0362 - Espigueiro 10 de Lamalonga	1233 - Moinho 29 do Rio da Laje
0316 - Forno da Casa do Lopes	0363 - Espigueiro 11 de Lamalonga	
0317 - Casa do Lopes	0364 - Espigueiro 12 de Lamalonga	
0318 - Casa da Fonte	0365 - Espigueiro 13 de Lamalonga	
0319 - Casa do Barreiro	0366 - Espigueiro 14 de Lamalonga	
0320 - Casa das Rendas	0367 - Espigueiro 15 de Lamalonga	
0322 - Alminhas da Senhora da Piedade	0368 - Espigueiro 16 de Lamalonga	
0323 - Forno Comunitário de Campos	0369 - Espigueiro 17 de Lamalonga	
0324 - Cruzeiro de Campos	0370 - Espigueiro 18 de Lamalonga	
0325 - Igreja de S. Vicente de Campos	0371 - Espigueiro 19 de Lamalonga	
0326 - Espigueiro 1 de Campos	0372 - Espigueiro 5 de Lamalonga	
0327 - Espigueiro 2 de Campos	0373 - Espigueiro 6 de Lamalonga	
0328 - Espigueiro 3 de Campos	0374 - Capela de Santo António	
0329 - Espigueiro 4 de Campos	0375 - Alminhas de Lamalonga	
0330 - Espigueiro 5 de Campos	0376 - Cruzeiro de Lamalonga	
0331 - Espigueiro 6 de Campos	0485 - Miliário da Ponte do Arco	
0332 - Espigueiro 7 de Campos	0735 - Silha de Entorcidas	
0333 - Espigueiro 8 de Campos	1002 - Epigrafe de Lamalonga	
0334 - Espigueiro 9 de Campos	1205 - Moinho 1 do Rio da Laje	
0335 - Espigueiro da Casa da Fonte	1206 - Moinho 2 do Rio da Laje	
0336 - Espigueiro 11 de Campos	1207 - Moinho 4 do Rio da Laje	
0337 - Espigueiro 12 de Campos	1208 - Moinho 3 do Rio da Laje	
0338 - Espigueiro 13 de Campos	1209 - Moinho 5 do Rio da Laje	
0339 - Espigueiro 14 de Campos	1210 - Moinho 6 do Rio da Laje	
0340 - Espigueiro 15 de Campos	1211 - Moinho 7 do Rio da Laje	
0341 - Espigueiro 16 de Campos	1212 - Moinho 8 do Rio da Laje	
0342 - Espigueiro 17 de Campos	1213 - Moinho 9 do Rio da Laje	
0343 - Espigueiro 18 de Campos	1214 - Moinho 10 do Rio da Laje	
0344 - Espigueiro 19 de Campos	1215 - Moinho 11 do Rio da Laje	
0345 - Espigueiro 20 de Campos	1216 - Moinho 12 do Rio da Laje	
0346 - Espigueiro 21 de Campos	1217 - Moinho 13 do Rio da Laje	
0347 - Espigueiro 22 de Campos	1218 - Moinho 14 do Rio da Laje	
0348 - Espigueiro 23 de Campos	1219 - Moinho 15 do Rio da Laje	
0349 - Espigueiro 24 de Campos	1220 - Moinho 16 do Rio da Laje	
0350 - Espigueiro 25 de Campos	1221 - Moinho 17 do Rio da Laje	
0351 - Aldeia de Lamalonga	1222 - Moinho 18 do Rio da Laje	
0352 - Forno Comunitário de Lamalonga	1223 - Moinho 19 do Rio da Laje	
0353 - Espigueiro 1 de Lamalonga	1224 - Moinho 20 do Rio da Laje	
0354 - Espigueiro 2 de Lamalonga	1225 - Moinho 21 do Rio da Laje	
0355 - Espigueiro 3 de Lamalonga	1226 - Moinho 22 do Rio da Laje	
0356 - Espigueiro 4 de Lamalonga	1227 - Moinho 23 do Rio da Laje	



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Campos

Inventário de património

Campos



Ponte de Campos

Ponte de um arco de volta perfeita, bem alicerçado nas margens graníticas através de paramentos de aparelho em



mamposteria de calhaus e blocos graníticos mal afeiçãoados. O arco apresenta um aparelho cuidado com aduelas "cúbicas" de modulação regular. O piso do tabuleiro, lajeado, assenta ao centro da ponte no



extradorso das aduelas do arco, reduzindo a lomba em cavalete do tabuleiro.

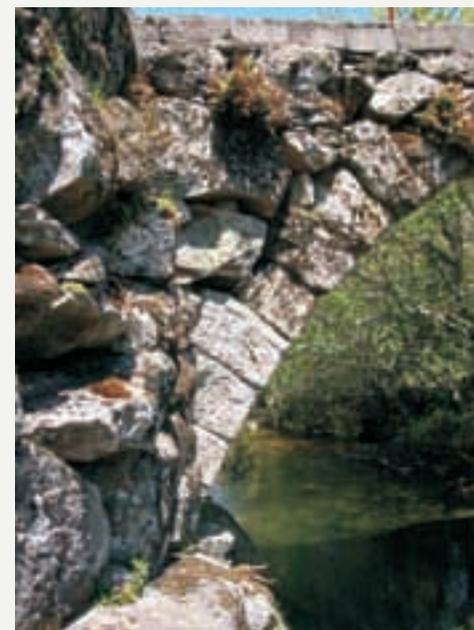
Com largura inferior a três metros, que se apresentava originalmente sem guardas (tem actualmente uma guarda baixa formada por blocos de cimento, que sustentam uma vedação de arame), vence um vão com cerca de seis metros de comprimento e mais de três metros de altura.

Grande parte do caminho que da aldeia de Campos segue até esta ponte apresenta bons troços de pavimento lajeado, característica que justificou a fixação do topónimo Ladeira de Campos.

Esta ponte, relacionável com a rede de comunicações vicinais de Campos, apresenta uma estereotipada "estética medieval", apesar das suas características construtivas serem mais frequentes em época moderna.

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM10; Capela 2003, 444

URL: <http://www.monumentos.pt>



Igreja Paroquial de S. Vicente de Campos

Igreja paroquial de S. Vicente de Campos. É um edifício com orientação E-O, composto por nave e capela-mor rectangulares, com sacristia adossada na fachada norte da capela-mor.

É construída em cantaria granítica de aparelho pseudo-isódomo, com cobertura de duas águas, telhada, sobre cornija. As empenas são coroadas com pináculos e cruzes, também em granito.

A fachada principal apresenta decoração arquitectónica mais elaborada, destacando-se o retábulo esculpado com nicho que alberga a imagem de N^a Sr^a da Conceição, em granito, e o campanário com dois sinos que se eleva sobre a empena, ladeado por pináculos. Na fachada Sul, junto ao cunhal poente, existe um relógio de sol, sobre mísulas.

No interior, simples, destacam-se as talhas do arco triunfal e do retábulo do altar-mor.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 442; Costa 1868-1869, 454; Vieira 2000, 349

URL: <http://www.monumentos.pt>



Inventário de património

Campos

Aldeia de Campos

A aldeia de Campos é um núcleo rural que conserva praticamente intactas as suas características de aglomerado concentrado, como é comum nas aldeias do Barroso. Ladeando as ruas que convergem na igreja, conserva-se parte significativa das edificações originais, grande parte das quais são bons exemplos de arquitectura vernácula.

Destacam-se, entre outras, a Casa do Lopes, a Casa da Renda, a Casa da Fonte, a Casa do Barreiro e ainda outras que ostentam inscrições, muitas do século XVIII. Refiram-se ainda os inúmeros espigueiros, entre os quais o do Cortinhal de Cima (Casa do Lopes), pela sua magnífica decoração.

A Igreja, as Alminhas e o Forno Comunitário são outros edifícios de grande interesse e que justificaram a classificação turística da aldeia de Campos como "Aldeia de Portugal".

Referências bibliográficas: Campos 1997, 5; Capela 2000, 86-92; Vieira 2000, 347-354

URL: <http://www.monumentos.pt>



Forno de pão



Inventário de património

Campos

Alminhas de Nossa Senhora da Piedade

Alminhas em forma de edícula de apurado recorte arquitectónico. Construída em cantaria granítica, desenha uma planta de forma rectangular, com cobertura de duas águas, também de lajes graníticas, sobre paredes fechadas, excepto a da fachada principal, virada à aldeia.

A fachada, de traço neoclássico, é ladeada por cunhais moldurados que suportam um frontão triangular, cuja empena é coroada por uma cruz central e pináculos laterais. Ao centro abre-se um nicho, com moldura esculpada, que abriga uma imagem em granito representando a 'Piedade'. No capitel do cunhal direito foi pintado "Ano de 1848" e no do lado esquerdo "Vila Real Borralha". No lintel do frontão "Casa do Lopes".

Na padieira do nicho lê-se "N. Senhora da Piedade". Conforme conserva a memória da população de Campos, estas alminhas foram construídas pela família Lopes, como promessa feita a Nossa Senhora da Piedade, pela existência de água para rega dos campos.

URL: <http://www.monumentos.pt>



Espigueiro de Cortinhal de Cima

Espigueiro com oito pés onde assentam as mós em forma de mesa, em granito. As padieiras, colunas e cápeas são também em granito. Os balaústres e a porta são em madeira, excepto o balaústre traseiro, em chapa. A cobertura é em telha marselha.

Este espigueiro, com a data de "1838" inscrita na padieira de arco abatido, apresenta uma decoração arquitectónica notável, que recobre as arestas chanfradas dos pés, as faces das colunas dos topos e as padieiras, bem como os painéis da porta, com motivos de traço neoclássico.

URL: <http://www.monumentos.pt>



Caniçada



Situada na margem esquerda do rio Cávado, a Noroeste do concelho, a freguesia de Caniçada tem a particularidade de estar dividida pela freguesia de Soengas.

Confronta a Oeste com Parada de Bouro, a Norte com o rio Cávado, a Este e Sudeste com Ventosa e Eira Vedra, respectivamente e a Sul com a freguesia de Tabuaças e o concelho de Póvoa de Lanhoso.

A paróquia de S. Mamede é referenciada desde o século XI, celebrando-se o dia de Nossa Senhora do Rosário no 7.º domingo após a Páscoa, o de Nossa Senhora da Glória no último domingo de Junho e o dia de S.

Miguel em Setembro.

Caniçada foi antiga sede do concelho de Penafiel de Soás, conservando-se ainda fragmentos do seu pelourinho.

Dos 446 residentes que se distribuem pelos lugares de S.Miguel, Assento, Outeiro, Chelo e Toucedo, a maior parte dedica-se ao turismo rural, à agricultura e ao pequeno comércio.

A nível patrimonial registaram-se 32 sítios, 31 dos quais arquitectónicos e apenas 1 arqueológico.

Referências bibliográficas:

Capela 2003, 444-445; Costa 1997,

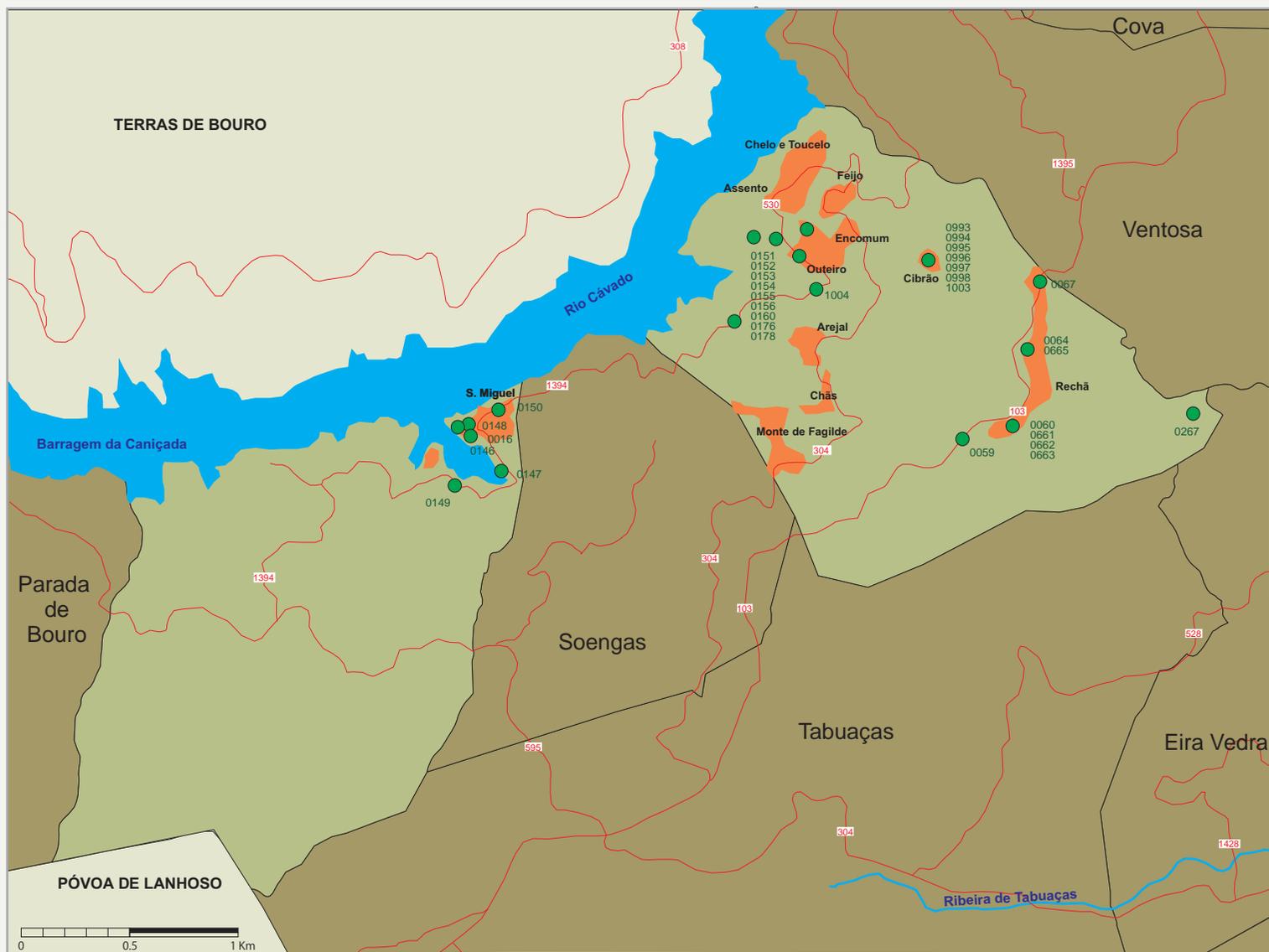
355; Costa 2000, 117, 306.

Inventário de património

Caniçada

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0016 - Alminhas de S. Miguel
0059 - Caminho da Rechã
0060 - Espigueiro 1 da Rechã
0061 - Espigueiro 2 da Rechã
0062 - Espigueiro 3 da Rechã
0063 - Moinho 1 da Rechã
0064 - Casa de N^a Sr^a da Glória
0065 - Capela de N^a Sr^a da Glória
0067 - Alminhas da Rechã
0146 - Capela de S. Miguel
0147 - Espigueiro 1 de S. Miguel
0148 - Espigueiro 2 de S. Miguel
0149 - Moinho de S. Miguel
0150 - Casa de S. Miguel
0151 - Moinho 2 do Assento
0152 - Moinho 1 do Assento
0153 - Casa de Encomum
0154 - Lagar da Ribeira da Boca
0155 - Igreja de S. Mamede da Caniçada
0156 - Pelourinho da Caniçada
0160 - Espigueiro 1 do Assento
0176 - Espigueiro 2 do Assento
0178 - Edifício dos Paços de Concelho de
Ribeira de Soaz
0267 - Mamoá 5 da Lama dos Eidos
0993 - Casa de Cibrão
0994 - Capela da Casa de Cibrão
0995 - Espigueiro da Casa do Cibrão
0996 - Epígrafe 1 de Cibrão
0997 - Espigueiro 1 de Cibrão
0998 - Espigueiro 2 de Cibrão
1003 - Epígrafe 2 de Cibrão
1004 - Lagar de Fagilde



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da Freguesia de Caniçada

Inventário de património

Caniçada

Igreja de S. Mamede da Caniçada

Igreja paroquial de Caniçada, dedicada a São Mamede, já registada no século XI, no Censual do Bispo D. Pedro.

Com nave e capela-mor rectangulares, esta virada a poente, é uma construção de alvenaria granítica irregular, aparente, mas outrora rebocada e pintada de branco, com alçados contidos por cunhais salientes de boa cantaria granítica, coroados por pináculos. A cobertura, de duas águas independentes, assenta sobre cornija de perfil em S, rematando-se as empenas, ao centro, com cruzes sobre peanhas.

A porta é simples, sem qualquer decoração, sobrepujada por um pequeno óculo quadrilobado, abrindo-se em cada lado da nave dois janelões em capialso. Contra o cunhal SE da fachada foi adossada uma torre-campanário com dois sinos, suspensos em arcos de pedra coroados por entablamento moldurado e com pináculos.

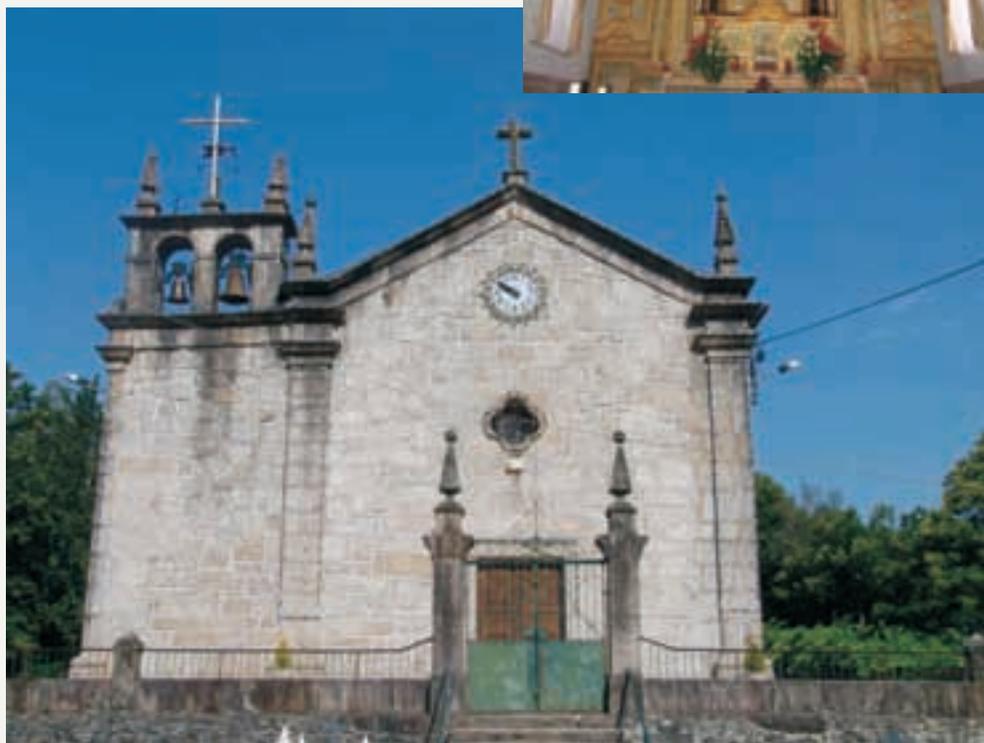
No interior, modesto, destacam-se os tectos abobadados de madeira pintada e os retábulos dos altares pintados.

Trata-se de uma reconstrução oitocentista do templo primitivo, que seria de traça românica, a julgar por vestígios aqui recolhidos e guardados no Museu Pio XII de Braga.

Referências bibliográficas: Almeida 1978, 206; Capela 2003, 444; Costa 1868-1869, 141; Costa 1997, 157; Costa 2000, 117, 306; Craesbeeck 1992, 138; Fontes 1993, 59; Vieira 2000, 309-312



Modilhão românico proveniente da Igreja da Caniçada e actualmente depositada no Museu Pio XII, em Braga



Inventário de património

Cançada



Pelourinho da Cançada

A freguesia da Cançada era sede do extinto Concelho de Ribeira de Soás (antiga Terra medieval de Penafiel de Soás).

Do seu pelourinho conserva-se hoje no lugar do Assento a base cúbica e o fuste cilíndrico, com toro no topo e espigão de ferro. O coroamento, com as armas da coroa portuguesa, encontra-se no tanque da quinta da Picota.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 444; Chaves 1939, 94; Craesbeeck 1992, 130; Nóbrega 1974; 74-76; Vieira 2000, 309-312

URL: <http://www.monumentos.pt>; <http://www.ippar.pt>

Classificado como IIP Imóvel de Interesse Público pelo Dec. Nº 23 122, DG 231 de 11 Outubro 1933



Capela de S. Miguel

Capela de planta rectangular e cobertura de duas águas, construída em alvenaria regular de granito, aparente.

De desenho simples, apresenta fachada enquadrada por cunhais ligeiramente salientes, com empena triangular rematada por pináculos e cruz sobre peanha. A porta principal é ladeada por duas pequenas frestas e sobrepujada por um janelão quadrilobado.

O interior, austero, foi recentemente objecto de obras de conservação.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 444; Craesbeeck 1992, 139; Vieira 2000, 312



Capela da Casa de Cibrão

A capela da Casa de Cibrão é uma construção de excelente cantaria granítica, de planta rectangular e cobertura de duas águas. Apresenta um desenho arquitectónico harmonioso, de traço clássico, manifesto na fachada enquadrada por cunhais apilastrados, que suportam um frontão triangular cuja empena, moldurada, é coroada por pináculos e cruz sobre peanha.

A porta, rectilínea, é ladeada por duas janelas com molduras lisas que integram uma cruz no topo e é sobrepujada por uma pequena abertura rectangular, parcialmente recoberta pela pedra de armas com heráldica familiar, mandada lavar no terceiro quartel do século XVIII por António Vieira Barbosa Correia Pinto, Monteiro-mor do concelho da Ribeira de Soás. Actualmente a capela não tem orago, mas foi inicialmente dedicada a S. João Baptista.

Referências bibliográficas: Nóbrega 1974, 77-81; Vieira 2000, 312



Inventário de património

Caniçada

Casa de S. Miguel

Grande casa de lavoura, de planta em L com pátio interior.

Distingue-se um bloco, a residência, em excelente aparelho de cantaria bem esquadrada, com vãos moldurados, incluindo duas pequenas varandas com bacia de granito sob mísulas, viradas ao caminho. As fachadas são rematadas por entablamentos moldurados com cornijas, que suportaram uma cobertura de várias águas, hoje desaparecida.

Na padieira do portal de acesso ao pátio interior está gravada a data de 1730, inscrita em cartela rectangular.



Cantelães



Localizada na parte central do concelho, a freguesia de Cantelães confronta a Norte com as freguesias de Louredo e Salamonde, a Oeste e Sul com Ruivães, Pinheiro e Vieira do Minho e finalmente a Este com a freguesia de Eira Vedra.

A paróquia de Santo Estêvão de Cantelães já aparece registada no Censual do Bispo D. Pedro, no século XI. Incorpora o santuário de Nossa Senhora da Fé, cuja festa se celebra no 1.º domingo de Junho. Celebram-se ainda as festas do Senhor no 3.º domingo de Agosto e a festa de S. Sebastião, Santo Amaro, S. Pedro e Santo

Estêvão, em Julho.

Tem 933 pessoas residentes, que se distribuem pelos lugares de Sanfins, Berredo, Nogueiras, Fares, Pêso, Fontelas e Portela. Dedicam-se predominantemente à agricultura e ao pequeno comércio.

Em relação ao património, registaram-se 9 sítios com interesse arqueológico e 102 com interesse arquitectónico, fazendo um total de 111 sítios com interesse patrimonial.

Referências Bibliográficas:

Capela 2003, 445-447; Costa 1868-1869, 137-138; Costa 2000, 120, 307 308.

Inventário de património

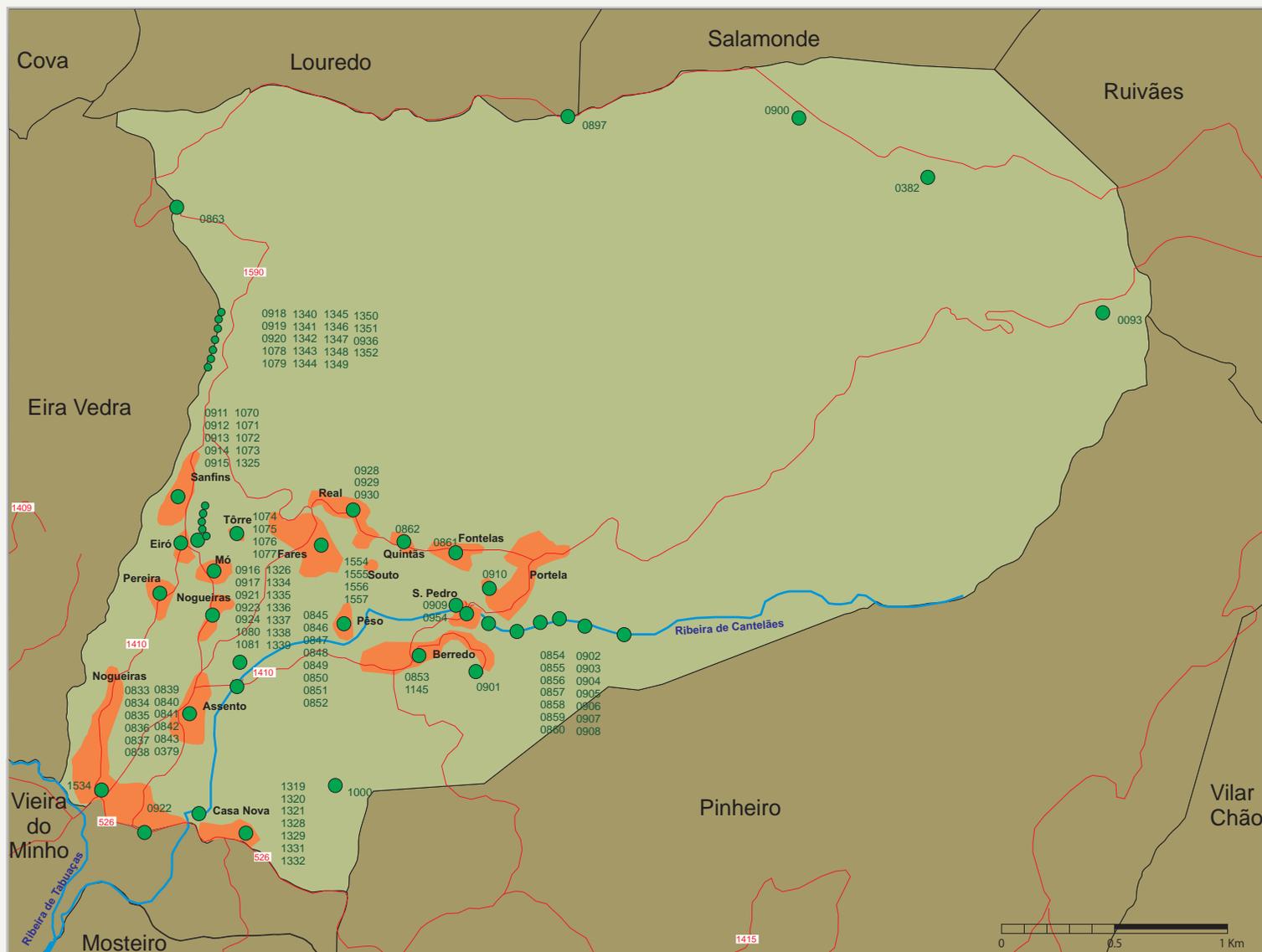
Cantelães

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- | | | |
|--|--|---|
| 0093 - Pedra Escrita | 0909 - Espigueiro 1 de S. Pedro | 1335 - Espigueiro 1 da Casa Grande de Nogueiras |
| 0379 - Tampa de Sepultura | 0910 - Casa do Henrique | 1336 - Espigueiro 2 da Casa Grande de Nogueiras |
| 0382 - Aldeia de Gorgolo | 0911 - Espigueiro 1 de Paires | 1337 - Espigueiro 3 da Casa Grande de Nogueiras |
| 0833 - Espigueiro 1 do Assento | 0912 - Espigueiro 1 de Fares | 1338 - Espigueiro 1 de Nogueiras |
| 0834 - Capela do Calvário de Cantelães | 0913 - Casa das Cidreiras | 1339 - Alminhas de Nogueiras |
| 0835 - Espigueiro 2 do Assento | 0914 - Capela de S. Roque e Santo Amaro | 1340 - Moinho 2 de Sanfins |
| 0836 - Casa antiga do Assento | 0915 - Espigueiro 2 de Paires | 1341 - Moinho 3 de Sanfins |
| 0837 - Igreja de Santo Estevão de Cantelães | 0916 - Espigueiro 1 de Mó | 1342 - Moinho 4 de Sanfins |
| 0838 - Casa dos Viscondes de Vieira | 0917 - Espigueiro 2 de Mó | 1343 - Moinho 5 de Sanfins |
| 0839 - Alminhas da Casa dos Viscondes de Vieira | 0918 - Casa do Miranda | 1344 - Moinho 6 de Sanfins |
| 0840 - Espigueiro da Casa dos Viscondes de Vieira | 0919 - Espigueiro da Casa do Miranda | 1345 - Moinho 1 de Brinhôs |
| 0841 - Cruzeiro do Cemitério | 0920 - Espigueiro 1 de Eiró | 1346 - Moinho 2 de Brinhôs |
| 0842 - Casa do Assento ou Capitão | 0921 - Espigueiro 3 de Mó | 1347 - Moinho 3 de Brinhôs |
| 0843 - Moinho 10 da Ribeira de Turio | 0922 - Alminhas de Cantelães | 1348 - Moinho 4 de Brinhôs |
| 0845 - Lagar do Peso | 0923 - Espigueiro 2 de Nogueiras | 1349 - Moinho 5 de Brinhôs |
| 0846 - Ponte do Pêso | 0924 - Espigueiro 3 de Nogueiras | 1350 - Moinho 6 de Brinhôs |
| 0847 - Moinho 9 da Ribeira do Turio | 0928 - Casa de Real | 1351 - Moinho 7 de Brinhôs |
| 0848 - Espigueiro 1 do Pêso | 0929 - Espigueiro 1 da Casa de Real | 1352 - Espigueiro de Sanfins |
| 0849 - Espigueiro 2 do Pêso | 0930 - Espigueiro 2 da Casa de Real | 1534 - Epígrafes de Nogueiras |
| 0850 - Espigueiro 3 do Pêso | 0936 - Moinho de Eiró | 1554 - Espigueiro 2 da Casa dos Quartas |
| 0851 - Casa do Pêso | 0954 - Moinho 8 da Ribeira do Turio | 1555 - Espigueiro da Casa do Souto |
| 0852 - Casa do Pêso de Cima | 1000 - Castro e Castelo de Vieira | 1556 - Espigueiro 1 do Souto |
| 0853 - Alminhas de Berredo | 1070 - Casa dos Quartas | 1557 - Espigueiro 2 do Souto |
| 0854 - Cruzeiro de S. Pedro | 1071 - Espigueiro 1 da Casa dos Quartas | |
| 0855 - Espigueiro 2 de S. Pedro | 1072 - Moinho de Fares | |
| 0856 - Espigueiro 3 de S. Pedro | 1073 - Espigueiro 2 de Fares | |
| 0857 - Caminho de Cantelães | 1074 - Espigueiro 1 da Torre | |
| 0858 - Capela de S. Pedro | 1075 - Casa da Torre | |
| 0859 - Ponte de S. Pedro | 1076 - Espigueiro da Casa da Torre | |
| 0860 - Alminhas de S. Pedro | 1077 - Espigueiro 2 da Torre | |
| 0861 - Espigueiro 1 de Fontelas | 1078 - Moinho 1 de Sanfins | |
| 0862 - Espigueiro de Quintãs | 1079 - Espigueiro 2 de Eirós | |
| 0863 - Santuário de N ^a Sr ^a da Fé | 1080 - Quinta da Mó | |
| 0897 - Assentamento dos Gaimbos | 1081 - Espigueiro da Quinta da Mó | |
| 0900 - Mamoá de Pena Cova | 1145 - Espigueiro 2 de Berredo | |
| 0901 - Espigueiro 1 de Berredo | 1319 - Casa Nova | |
| 0902 - Moinho 1 da Ribeira do Turio | 1320 - Capela da Boa Morte | |
| 0903 - Moinho 2 da Ribeira do Turio | 1321 - Espigueiro da Casa Nova | |
| 0904 - Moinho 3 da Ribeira do Turio | 1325 - Espigueiro da Casa das Cidreiras | |
| 0905 - Moinho 4 da Ribeira do Turio | 1326 - Espigueiro 4 de Mó | |
| 0906 - Moinho 5 da Ribeira do Turio | 1328 - Casa da Retorta | |
| 0907 - Moinho 6 da Ribeira do Turio | 1329 - Espigueiros-sequeiro da Casa da Retorta | |
| 0908 - Moinho 7 da Ribeira de Turio | 1331 - Moinho 11 da Ribeira de Cantelães | |
| | 1332 - Moinho 12 da Ribeira de Cantelães | |
| | 1334 - Casa Grande de Nogueiras | |

Inventário de património

Cantelães



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Cantelães

Inventário de património

Cantelães

Castro - Castelo de Vieira

O Castro e Castelo de Vieira situa-se estrategicamente ao centro do grande alvéolo que conforma a bacia onde convergem as inúmeras linhas de água que originam o rio Ave, no sopé da vertente Sul da Serra da Cabreira, dominando todo o troço inicial da correspondente bacia hidrográfica.

Implantado no topo de um dos promontórios que recortam a vertente da serra, com a cota máxima de 563 metros de altitude, de onde se abarca uma paisagem única, bem conservada nas suas envolventes imediata e alargada, o sítio arqueológico posiciona-se sobranceiro à ribeira de Cantelães, ligando-se à vertente da serra por uma chã aplanada, de fácil acesso, onde têm origem pequenas linhas de água.

A vertente Norte, menos extensa mas mais declivosa, apresenta mais afloramentos graníticos, contrastando com a vertente Sul, mais ampla e armada em largas plataformas artificiais, com boa exposição solar. O povoado fortificado 'castrejo' ocupa uma área de cerca de 15 hectares, apresentando um sistema defensivo composto por três linhas de muralhas concêntricas, que na vertente Sul defendem amplas plataformas artificiais, por onde se distribuem vestígios de construções de planta circular e rectangular, recolhendo-se aí fragmentos de cerâmica doméstica indígena e fragmentos de cerâmica doméstica e de construção de época romana.

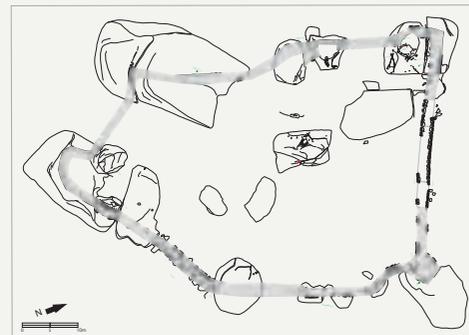
Em trabalhos arqueológicos recentes, recolheram-se instrumentos líticos diversos, fragmentos de peças cerâmicas de cronologia compreendida entre a Idade do Ferro e a Idade Média, a parte superior de uma ara romana e definiu-se com rigor a planta da fortificação medieval, que se implantou na plataforma superior e cuja muralha, com cerca de 1.5 metros de espessura, se desenvolve por um perímetro superior a 150 metros.

Do ponto de vista histórico, o Castro de

Vieira reveste um interesse particular porque aí se edificou, nos séculos centrais da Idade Média, o castelo sede do *Territorio Velariae* (ou Terra de Veeira), à sombra do qual se fundou o mosteiro de São João de Vieira, celebrizado por aí ter falecido Santa Senhorinha, a 22 de Abril do ano 982.

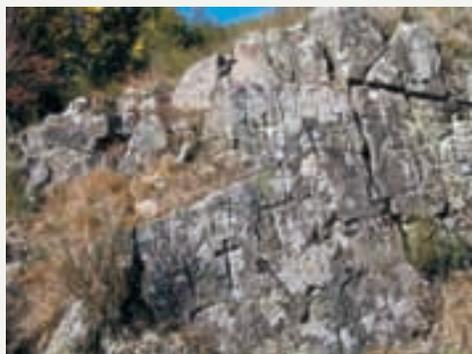
O reconhecimento do valor histórico, cultural e científico do monumento, a par da percepção do seu elevado potencial de valorização, conduziram o Município de Vieira do Minho a promover, em parceria com a Universidade do Minho, um projecto de estudo, valorização e divulgação do Castro e Castelo de Vieira, com o objectivo de garantir a sua conservação e de o tornar acessível ao público.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 445; Costa 1868-1869, 138; Cunha 1975, 507- 508; Guia de Portugal 1986, 866; Sarmiento 1999, 148-149, 460-461; Silva 1986, 79; Teixeira 1955-1956, 21; Vieira 2000, 380.



Planta da fortificação medieval





Pedra Escrita

Nas proximidades dos limites de Cantelães, Pinheiro e Ruivães, marginando o antigo caminho carreteiro que ligava Cantelães a Ruivães, pela Serradela, existe um importante conjunto de gravuras rupestres, que deu origem ao nome com que se designa o local - Pedra Escrita, gravado num extenso painel vertical do afloramento granítico aí existente.

Gravados maioritariamente por abrasão, com sulcos mais ou menos profundos, estão representados motivos cruciformes (cruzes simples ou inscritas em círculo, cruz "de Cristo", cruz sobre peanha), motivos circulares e alguns letreiros com datas desde o século XVIII.

A existência de datas e de cruzes sugere tratar-se de gravações relacionadas com verificação de limites, isto é, com delimitação de termos, prática usual desde a Idade Média.

Sem quaisquer outros elementos de contextualização, poderá colocar-se a hipótese das gravações na rocha testemunharem uma acção repetida de demarcação dos limites territoriais.

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM19; Sarmiento 1999, 459



Inventário de património

Cantelães



Igreja de Santo Estêvão de Cantelães

Igreja paroquial de Cantelães, dedicada a Santo Estêvão. A planta, orientada Este/Oeste, é composta por nave e capela-mor rectangulares, com cobertura a duas águas e telhados independentes. As paredes são em alvenaria granítica de aparelho regular, hoje aparentes mas que originalmente seriam rebocadas. Os cunhais, cornijas e empenas são de cantaria mais cuidada.

A fachada integra no cunhal setentrional um campanário, coroado por pináculos iguais aos que rematam as empenas da igreja. Na fachada Sul identificam-se, reaproveitados, elementos arquitectónicos esculpturados com motivos de tipologia românica, que se admite serem provenientes da primitiva igreja de Cantelães.

No interior destacam-se os retábulos de talha dourada e a pintura do tecto da nave, que representa Santo Estêvão.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 445; Costa 1868-1869, 138; Costa 2000, 120, 307, 308; Craesbeeck 1992, 182; Vieira 2000, 386



Santuário de Nossa Senhora da Fé

Grande santuário dedicado a Nossa Senhora da Fé, que acolhe a peregrinação anual do arcebispo de Vieira do Minho, realizada no 1º Domingo de Junho.

Implantado a meio da encosta Sul da serra de Cantelães, dominando o troço inicial do vale do Ave, ergue-se um templo de nave e capela-mor rectangulares, construído em cantaria granítica de aparelho pseudo-isódomo e cobertura telhada de duas águas, sobre cornija, com empenas coroadas por cruzes e pináculos.

As fachadas deveriam originalmente ser rebocadas, fazendo destacar as molduras dos cunhais, entablamentos e guarnições de vãos, de mais cuidada cantaria.

A fachada principal apresenta um elaborado desenho barroco, com porta axial moldurada por sanefa sobrepujada por um nicho-retábulo, onde se abriga a imagem de Nossa Senhora da Fé. Dois janelões de iluminação abrem-se ao lado do nicho e em baixo, ladeando a entrada, dois óculos quadrilobados permitem ao visitante olhar o interior do templo, onde sobressaem os retábulos laterais pintados e um simples retábulo-mor de talha.

Era tradição, já perdida, de se fazerem pagamentos de promessas transportando-se peregrinos dentro de um caixão ou amortalhados.

O recinto do santuário integra dois coretos e uma fonte e estende-se até à plataforma onde se ergue a grande cruz de betão armado que sinaliza para o vale a existência do santuário.

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 386



Inventário de património

Cantelães



Capela de S. Pedro

Capela implantada na margem esquerda da ribeira de Cantelães / Turio, construída em alvenaria granítica de aparelho regular. De planta rectangular e alpendre frontal, apresenta coberturas independentes de duas águas na capela, com cruzeiros a coroar as empenas e de três águas no alpendre.

O alpendre abriga um pequeno púlpito à direita da porta axial, existindo ainda uma pequena porta lateral e uma janela no alçado Sul.

A poucos metros do cunhal Norte da fachada ergue-se um pequeno campanário em arco de granito, sobre embasamento de alvenaria granítica.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 447; Craesbeeck 1992, 182; Vieira 2000, 400

Capela de Santo Amaro e S. Roque

Pequena capela quinhentista dedicada a Santo Amaro e a S. Roque. Construída em alvenaria granítica de aparelho irregular, desenha uma planta rectangular, com cobertura telhada de duas águas, onde se destaca a fachada enquadrada por cunhais apilastrados e empena com cornija, rematada por pináculos e cruz central.

Contra a fachada encosta um alpendre com bancos perimetrais e platibanda sobre a qual se erguem quatro colunas prismáticas, tudo em granito, que suportam um telhado de três águas. À direita da porta axial, sob o alpendre, abriga-se um pequeno púlpito. Sobre o cunhal setentrional da fachada ergue-se um pequeno campanário com um sino. No interior, muito modesto, evidencia-se um retábulo de talha de desenho simples.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 445; Vieira 2000, 400



Inventário de património

Cantelães

Ponte de S. Pedro

Ponte sobre a ribeira de Cantelães, com um arco de volta perfeita que vence um vão aproximado de 5 metros.

O arco, com aro moldurado, é de cantaria granítica bem afeiçãoada, assentando directamente na rocha, junto às margens da ribeira, onde se alicerçam os paramentos laterais que suportam o tabuleiro horizontal, com cerca de 9 metros de comprimento e cerca de 3 metros de largura, com guardas em granito e ferro a montante e apenas em ferro a jusante. Está pavimentado com calçada portuguesa.

Esta ponte é posterior a 1758, pois nessa data registou-se apenas a existência de uma ponte de pau.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 445



Moinho de Fares

Moinho de planta rectangular, construído em alvenaria granítica de aparelho irregular e cobertura de duas águas, com telha de canudo.

A água é aduzida por caleira estruturada, despejando em cubo de manilhas circulares de granito.



Cova



Localizada na margem esquerda do rio Cávado, na parte norte do concelho, a freguesia de Cova faz fronteira com Ventosa a Oeste, Louredo a Este e Eira Vedra a Sul.

S. João da Cova, cuja festa se celebra no dia 24 de Junho, a par de Santo António e S. Sebastião, está já referenciada como paróquia no Censual do Bispo D. Pedro, do século XI. Já a festa de Nossa Senhora da Conceição celebra-se no 1.º domingo de Julho, a da Senhora da Begonha no domingo seguinte ao 15 de Agosto e a de Santo Amaro no dia 15 de Janeiro.

Com os lugares de Cova, Crasto,

Faldrem, Ínsuas e Gavinheiras, a freguesia em 2001 registava 333 pessoas residentes, que se dedicam à agricultura e ao pequeno comércio.

No que respeita ao património, Cova registou 27 sítios, 24 arquitectónicos e apenas 3 arqueológicos.

Referência Bibliográficas:

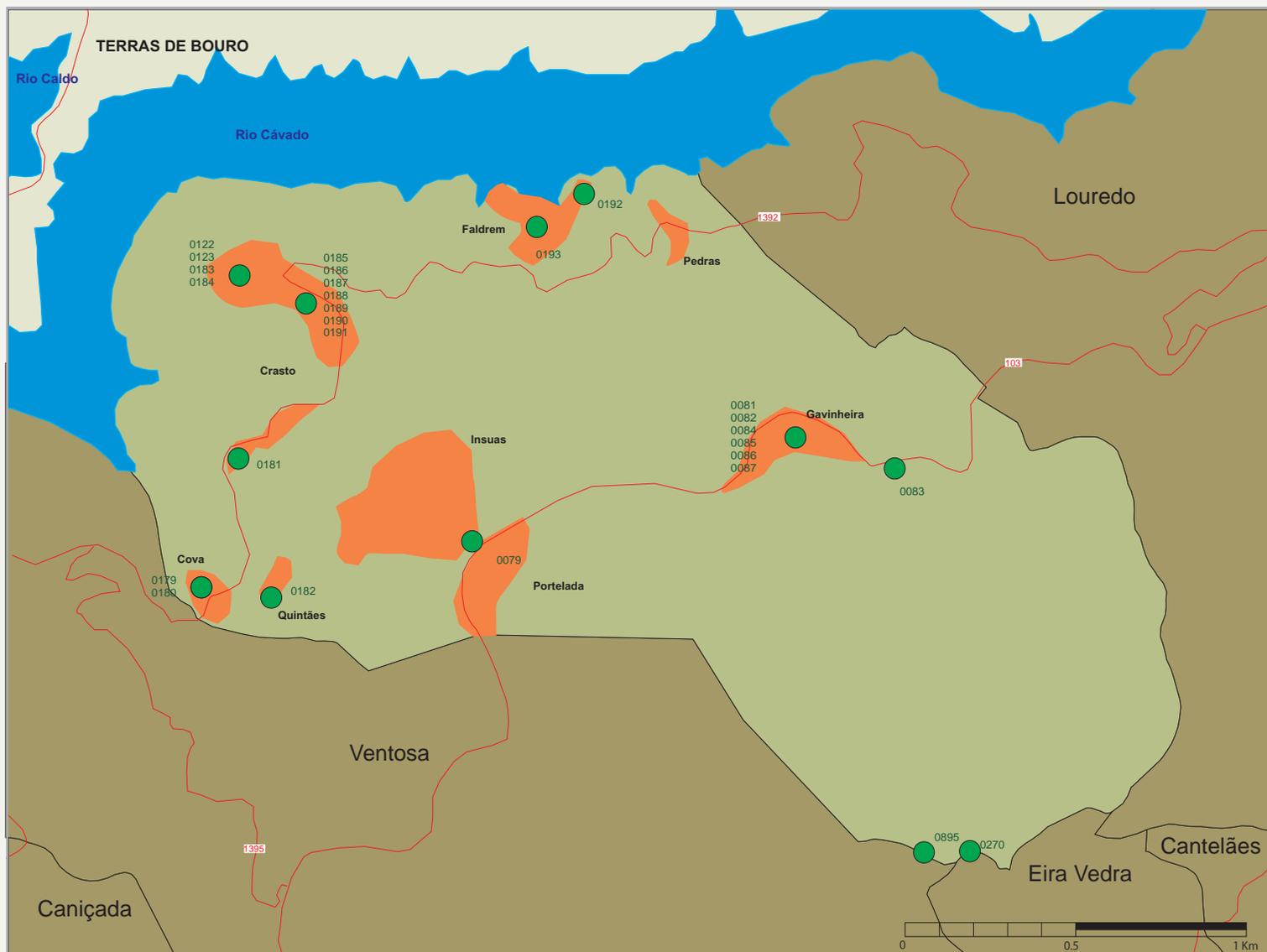
Capela 2003, 447 - 448; Costa 1868-1869, 141-142; Costa 1997, 157; Costa 2000, 117-118 e 306 307.

Inventário de património

Cova

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0079 - Alminhas de Ínsua
0081 - Aglomerado Rural das Gavinheiras
0082 - Alminhas das Gavinheiras
0083 - Capela N^a Sr^a da Begonha
0084 - Moinho das Gavinheiras
0085 - Espigueiro 1 de Gavinheiras
0086 - Espigueiro 2 de Gavinheiras
0087 - Caminho das Gavinheiras
0122 - Outeiro do Crasto
0123 - Capela de N^a Sr^a da Conceição
0179 - Igreja de S. João da Cova
0180 - Alminhas de S. João
0181 - Capela Bom Jesus da Paz
0182 - Casa das Quintãs
0183 - Espigueiro 1 de Crasto
0184 - Espigueiro 2 de Crasto
0185 - Espigueiro 3 de Crasto
0186 - Espigueiro 4 de Crasto
0187 - Espigueiro 5 de Crasto
0188 - Espigueiro 6 do Crasto
0189 - Casa do Seminário
0190 - Casa do Cabo
0191 - Casa da Regueira
0192 - Casa de Faldrem
0193 - Capela de Santo Amaro
0270 - Mamoa 2 de Penedo Covo
0895 - Fossas de Penedo Covo



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da Freguesia de Cova

Inventário de património

Cova

Outeiro do Crasto

O Outeiro do Crasto é um esporão que se destaca da vertente Norte da serra de Cantelães, na margem esquerda do rio Cávado, elevando-se a cerca de 330 metros de altitude. Apresenta uma topografia característica dos povoados fortificados, dominando a confluência dos rios Caldo e Gerês com o rio Cávado.

Nas suas encostas poucos vestígios se percebem, observando-se alguns restos de eventuais ocupações antigas na plataforma superior, também ela profundamente alterada com a implantação da capela de N^ª Sr.^a da Conceição e respectiva escadaria. Nos pequenos taludes laterais recolhem-se fragmentos de cerâmica doméstica e de construção de tipologia romana. Não são visíveis quaisquer estruturas ou linhas de muralha.



Capela de Nossa Senhora da Conceição

Grande capela dedicada a N^ª Sr.^a da Conceição, implantada no topo do monte de Crasto. Com nave e capela-mor rectangulares, é construída em granito de aparelho pseudo-isódomo, que se apresenta rebocado nas fachadas laterais e aparente na fachada principal. As coberturas, independentes, são de duas águas, telhadas, delimitando-se por empenas molduradas coroadas por cruzeiros e pináculos.

No interior existe um retábulo modesto, originário do Santuário de S. Bento da Porta Aberta. Na fachada principal existe um nicho que abriga uma pequena mas bela imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448; Craesbeek 1992, 138





Igreja de S. João da Cova

Igreja de nave e capela-mor rectangulares, orientada Este-Oeste, construída com silhares bem esquadros de granito rosa. Conserva parte significativa da edificação original, de traça românica, destacando-se os entablamentos originais das paredes com cachorros decorados.

Na porta lateral Sul conserva-se, embora deslocado da sua posição original, um tímpano com cruz vazada. No interior destaca-se o retábulo da capela-mor e o tecto pintado.

A paróquia guarda ainda uma interessante caixa-relicário, com caixa de vidro e tampa em prata, com restos de outros relicários medievais.

Referências bibliográficas: Almeida 1978, 214; Barroca e Real 1993, 153-155; Capela 2003, 447; Costa 1868-1869, 141; Costa 1997, 157; Costa 2000, 117, 306; Craesbeeck 1992, 138; Fontes 1993, 55; Vieira 2000, 319.

Inventário de património

Cova

Capela de Bom Jesus da Paz

Capela com nave e capela-mor rectangulares, construída em alvenaria granítica irregular, deixada aparente. Na modesta traça arquitectónica destacam-se os cunhais em cantaria granítica de aparelho mais cuidado, o remate das paredes em cornija simples de perfil em S e a empena da fachada, coroada com pináculos e uma cruz ao centro. A cobertura, de duas águas, é em telha. Tem uma torre sineira, de construção recente, adossada à fachada Este.

Nas padieiras da porta principal e da lateral Sul gravaram-se inscrições retiradas de Isaías e de Zacarias, e sobre a porta principal colocou-se uma lápide alusiva à edificação da capela, onde se lê "NO ANNO DE 1668 / FES CASTELA PAX / CO PORTVGAL O PO / VO FES ESTA OBRA / DO BO IHS DA PAS".

No interior, modesto, conservam-se três notáveis figuras processionais, usadas na Semana Santa: um Senhor dos Paços e uma Nossa Senhora das Dores, do tipo 'roca' (cabeça, mãos e pés montados sobre armação de madeira, recoberta pelo vestuário) e um expressivo Senhor Morto, de braços articulados, guardado numa vitrina central.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448; Craesbeeck 1992, 138; Vieira 2000, 322



Capela de Nossa Senhora da Begonha

Capela de grandes dimensões, com nave e capela-mor rectangulares, construída em granito com aparelho pseudo-isódomo.

As fachadas, que originalmente seriam rebocadas, são enquadradas por cunhais salientes, em excelente aparelho de cantaria, que na fachada principal se rematam com entablamentos e cornijas em empena triangular, de recorte clássico, coroadas com cruces sobre peanhas e pináculos. Diversos vãos de janelas, com molduras mais elaboradas, animam as fachadas. Possui coberturas independentes de duas águas, telhadas.

No interior, modesto, destaca-se o retábulo da capela-mor, com imitações de marmoreados e as belas imagens de Nossa Senhora da Begonha, uma das quais, a do lado esquerdo, foi trazida do Santuário de Biscaia para Portugal por Domingos Martins Gonçalves, benemérito a quem se deve a construção da capela em 1806.

Referências bibliográficas: Alves 2001

Capela de Santo Amaro

Capela de grandes dimensões, com capela-mor e nave rectangulares, dedicada a Santo Amaro.

Construída em alvenaria granítica, apresenta as fachadas rebocadas e enquadradas por cunhais em cantaria granítica bem esquadrada, que suportam cornijas de perfil em S, coroadas nas empenas com pináculos e cruces sobre peanhas.

No interior, muito modesto, sobressai o crucifixo, de desenho recente, proveniente da igreja da Cividade, de Braga.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448; Craesbeeck 1992, 138; Vieira 2000, 323



Eira Vedra



Localizada a Norte da sede do concelho, a freguesia de S. Paio de Eira Vedra faz fronteira a Norte com as freguesias de Ventosa e Cova, a Este com Cantelães, a Sul com Vieira do Minho e a Oeste e Nordeste com Tabuaças e Caniçada, respectivamente.

Referenciada como paróquia desde o século XI, no Censual do Bispo D. Pedro, designando-se então *Sancto Pelagio de Palacios*, a freguesia de Eira Vedra tinha, em 2001, 706 moradores, distribuídos pelos lugares de Loureiro, Terrafeita, Bouços, Servas, Vilar e Espaço, dedicando-se sobretudo ao pequeno comércio.

Dos 45 sítios com interesse patrimonial, 43 são arquitectónicos e apenas 2 arqueológicos.

Referências Bibliográficas:

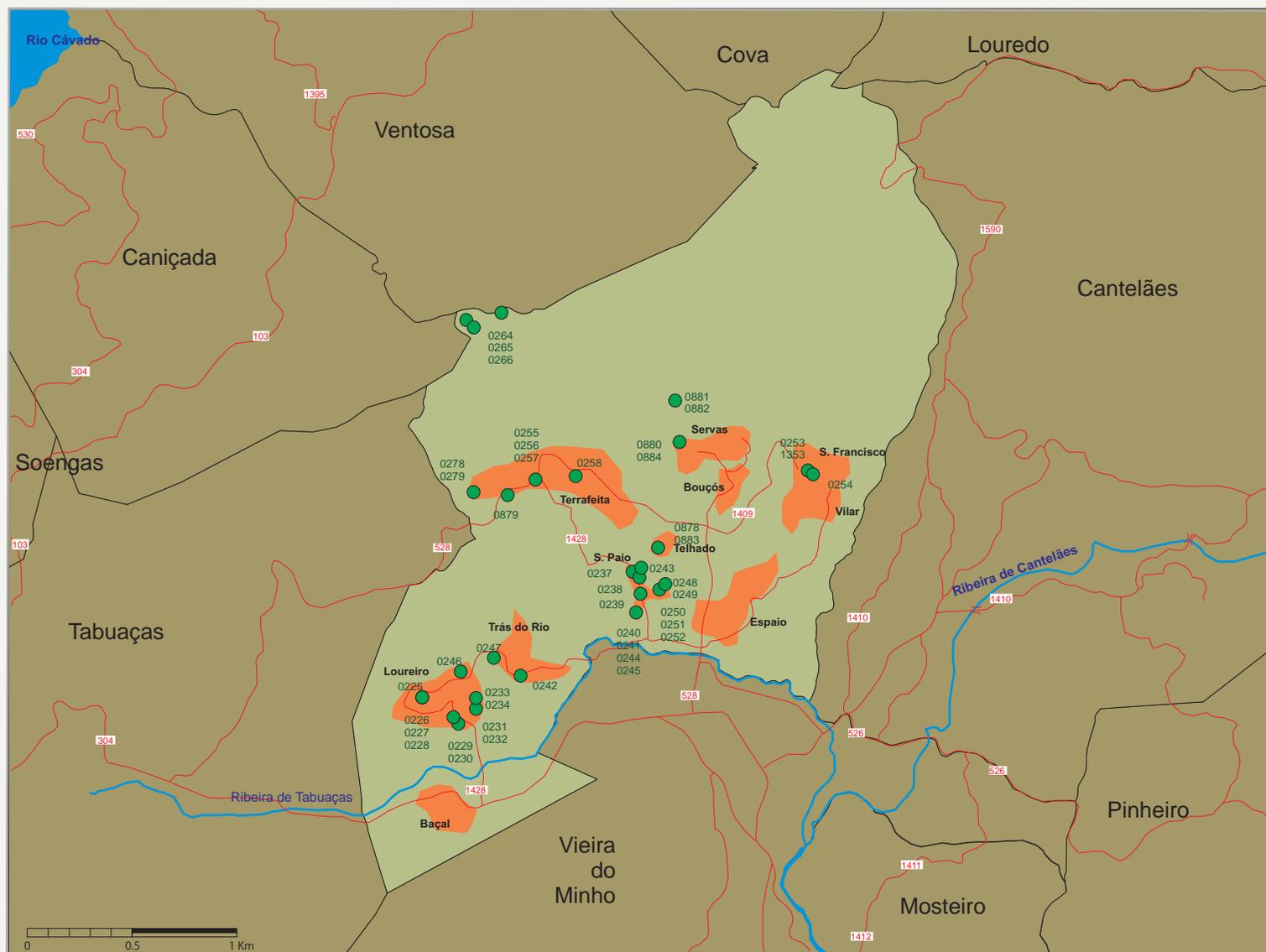
Capela 2003, 448-449; Costa 1868-1869, 138; Costa 2000, 120, 221.

Inventário de património

Eira Vedra

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0144 - Assentamento do Poço das Várzeas
- 0222 - Espigueiro 1 da Casa de Atafona
- 0223 - Espigueiro 2 da Casa de Atafona
- 0224 - Moinho 5 da Ribeira de Tabuaças
- 0225 - Capela de Santa Ana
- 0226 - Casa do Reguengo
- 0227 - Espigueiro da Casa do Reguengo
- 0228 - Capela da Casa do Reguengo
- 0230 - Espigueiro da Casa da Veiga
- 0231 - Casa do Outeiro
- 0232 - Espigueiro da Casa do Outeiro
- 0234 - Espigueiro da Casa das Quintãs
- 0237 - Igreja de S. Paio de Eira Vedra
- 0238 - Alminhas de S. Paio de Eira Vedra
- 0239 - Cruzeiro de S. Paio
- 0241 - Espigueiro 1 da Casa de S. Paio
- 0242 - Alminhas de S. Paio de Eira Vedra
- 0243 - Espigueiro do Assento
- 0244 - Espigueiro 3 da Casa de S. Paio
- 0245 - Espigueiro 2 da Casa de S. Paio
- 0246 - Espigueiro 1 de Loureiro
- 0247 - Espigueiro 2 de Loureiro
- 0248 - Epigrafe da Casa de Ameã
- 0249 - Espigueiro da Casa de Ameã
- 0250 - Casa Travessa
- 0251 - Espigueiro da Casa Travessa
- 0252 - Espigueiro 1 de Terrafeita
- 0253 - Santuário de N^a Sr^a dos Remédios
- 0254 - Espigueiro de S. Francisco
- 0255 - Quinta da Regada
- 0256 - Espigueiro da Quinta da Regada
- 0257 - Moinho da Quinta da Regada
- 0278 - Quinta da Portela
- 0279 - Espigueiro da Quinta da Portela
- 0831 - Epigrafe da casa do Balteiro
- 0878 - Epigrafes da Casa do Telhado
- 0879 - Espigueiro da Casa das Glicínias
- 0880 - Espigueiro 1 de Servas
- 0881 - Moinho 1 de Canteiro
- 0882 - Moinho 2 de Canteiro
- 0883 - Espigueiro da Casa do Telhado
- 0884 - Espigueiro 2 de Servas
- 1311 - Abrigo das Pelisqueiras
- 1353 - Capela do calvário de S. Francisco
- 1535 - Espigueiro de Espao



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Eira Vedra

Inventário de património

Eira Vedra



Abrigo das Pelisqueiras

Trata-se de um abrigo sob rocha granítica, tipo "pala", frequentemente formado pela deslocação das massas rochosas ou, por vezes, por erosão.

No abrigo das Pelisqueiras, no decorrer de uma sondagem arqueológica realizada em 1999, foi identificado espólio lítico em quartzo, confirmando a sua ocupação desde tempos pré-históricos.

Nas proximidades identificaram-se, nos finais da década de 90, alguns fragmentos de cerâmica manual.

Referências bibliográficas: Batista 2001
URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>

Igreja de S. Paio de Eira Vedra

A igreja paroquial de Eira Vedra, dedicada a S. Paio, é construída em alvenaria granítica, regular na nave e irregular na capela-mor, ambas rectangulares e orientadas Este-Oeste. Possuem coberturas independentes, de duas águas, enquadradas por empenas coroadas por pináculos e cruces centrais sobre peanhas.

A porta axial é em arco de volta perfeita, enquanto as janelas laterais da nave são rectangulares e em capialso. Contra o cunhal Norte da fachada conserva-se a antiga torre sineira, com campanário sem sino. No adro fronteiro ergueu-se outro campanário, coroado por entablamento moldurado com pináculos e cruz central.

No interior, em obras aquando a visita, merecem destaque apenas os retábulos laterais de talha policroma e o tecto pintado com a figura de S. Paio. A actual igreja é uma



reconstrução datável dos séculos XVI-XVIII, devendo ter substituído a primitiva, pois a paróquia de São Paio de Eira Vedra já aparece registada no século XI, no Censual do Bispo D. Pedro.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448; Costa 1868-1869, 138; Costa 2000, 120, 308; Craesbeeck 1992, 185; Vieira 2000, 76-78



Santuário de Nossa Senhora dos Remédios

Capela dedicada a Nossa Sr.^a dos Remédios e S. Francisco. Tem nave e capela-mor rectangulares e galilé a anteceder a fachada, construídas em alvenaria irregular, aparente, mas que originalmente deveria ser rebocada e pintada. Tem coberturas independentes de duas águas, apoiada sobre cornija granítica de perfil em S.

As empenas molduradas da fachada e do arco cruzeiro são coroadas por cruzes latinas sobre peanhas decoradas e pináculos sobre os cunhais, em granito. Nas padieiras das janelas quadrangulares que ladeiam a porta principal existem duas inscrições gravadas e pintadas, onde se lêem as datas de 1696 e 1988.

No interior destaca-se a tribuna da capela-mor em talha dourada, assim como os altares laterais e o tecto pintado. A SO, sobre parede de cantaria, localiza-se um campanário de arco peraltado decorado, com um sino, ladeado por pináculos e encimado por cruz latina com pontas floreadas.

Construída em 1686, a capela conheceu beneficiações posteriores, como o púlpito, colocado em 1723 como testemunha a epígrafe gravada nos degraus.

Em tábua pintada, conserva notícia de privilégio concedido pelo Papa Pio VI [1775-1799].

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448; Craesbeeck 1992, 185



Inventário de património

Eira Vedra

Capela de Santa Ana

Já referenciada nas 'Memórias Paroquiais' de 1758, a capela tem planta rectangular e é construída em alvenaria granítica de aparelho irregular, com sacristia adossada na fachada Norte. A cobertura, de duas águas, é em telha de aba e canudo, com empenas coroadas com pináculos e cruzes latinas em granito. Na fachada Este existe um campanário.

O interior modesto possui um pequeno coro alto e tecto pintado com figuração de Santa Ana.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448, 459



Cruzeiro de S. Paio

Cruzeiro de granito composto por um Cristo crucificado sobre peanha esférica, assente em coluna de capitel moldurado e fuste canelado, com base em forma de plinto de perfil em S com faces molduradas por cartelas rebaixadas. Numa das faces gravou-se a seguinte inscrição "Fece No ano De 1767".

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 76-78
URL: <http://www.monumentos.pt>



Guilhofrei



Localizada no extremo Sudoeste do concelho, Guilhofrei confronta a Norte com a freguesia de Mosteiro, a Este com a freguesia de Rossas, a Sul com o concelho de Fafe e a Oeste com o concelho de Póvoa de Lanhoso.

Embora S. Tiago de Guilhofrei esteja omisso nas Inquirições e no Catálogo das Igrejas de 1320, já constituía povoação no século anterior. Pertenceu ao concelho de Villa Boa da Roda, que obteve foral em 1261, tendo sido extinto em 1832, altura em que foi incorporado no actual concelho de Vieira do Minho.

Distribuídos pelos lugares de Guilhofrei, Penelas, Roda, Vila Boa, Louredo, S. Silvestre, Calvelos e Ermal, a freguesia registou em 2001, 1154 residentes que se dedicam à indústria, ao comércio e à agricultura, festejando o dia de S. Silvestre no 2.º domingo de Maio, Nossa Senhora de Fátima no 2.º domingo de Agosto, S. Tiago no domingo mais próximo a Julho e a da Nossa Senhora de Lurdes no último domingo de Dezembro.

Registaram-se 65 valores patrimoniais, dos quais 64 dizem respeito ao património arquitectónico e apenas 1 ao património

arqueológico.

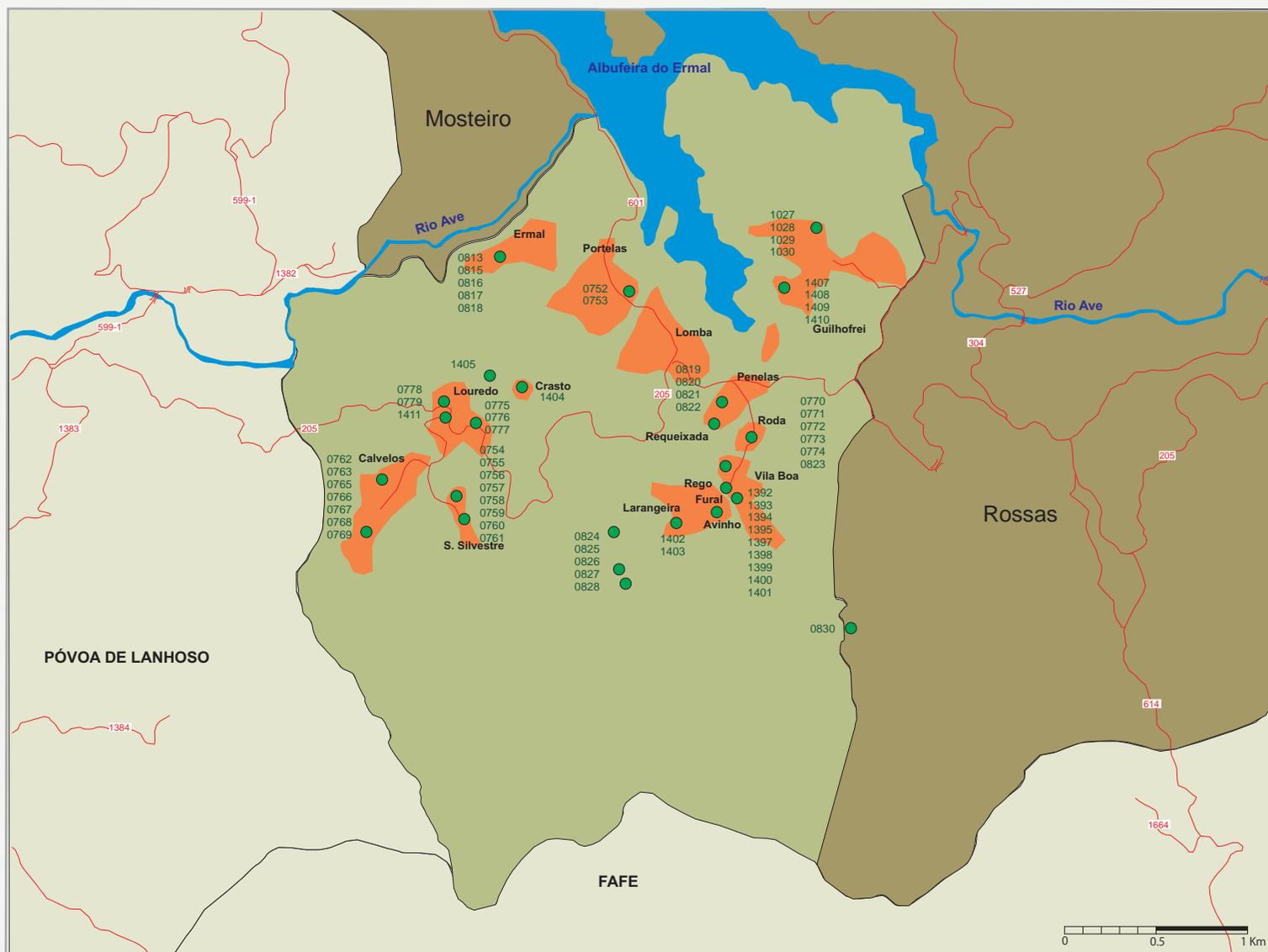
Referências bibliográficas:
Capela 2003, 449-450; Costa 1868-1869, 137; Costa 2000, 309.

Inventário de património

Guilhofrei

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0752 - Igreja de S. Tiago de Guilhofrei	Novas
0753 - Cruzeiro da Igreja	1030 - Espigueiro 2 da Quinta das Casas
0754 - Capela de S. Silvestre	Novas
0755 - Alminhas de S. Silvestre	1392 - Casa da Cadeia
0756 - Espigueiro 1 de S. Silvestre	1393 - Espigueiro da Casa da Cadeia
0757 - Espigueiro 2 de S. Silvestre	1394 - Casa do Foral
0758 - Espigueiro 3 de S. Silvestre	1395 - Espigueiro da Casa do Foral
0759 - Casa do Carneiro	1397 - Espigueiro 1 de Foral
0760 - Espigueiro da Casa do Carneiro	1398 - Espigueiro 2 de Foral
0761 - Cruzeiro de S. Silvestre	1399 - Espigueiro 3 de Foral
0762 - Espigueiro 1 de Calvelos	1400 - Espigueiro 4 de Foral
0763 - Espigueiro 2 de Calvelos	1401 - Espigueiro 5 de Foral
0765 - Espigueiro 3 de Calvelos	1402 - Espigueiro 1 de Langeira
0766 - Casa do Ribeiro	1403 - Espigueiro 2 de Langeira
0767 - Casa do Fundo do Lugar	1404 - Espigueiro 1 de Crasto
0768 - Epigrafe de Calvelos	1405 - Espigueiro da Muda
0769 - Espigueiro 5 de Calvelos	1407 - Espigueiro 1 de Pinhodeira
0770 - Casa do Visconde	1408 - Espigueiro 2 de Pinhodeira
0771 - Capela da Casa do Visconde	1409 - Espigueiro 3 de Pinhodeira
0772 - Espigueiro da Casa do Visconde	1410 - Alminhas de Guilhofrei
0773 - Espigueiro 1 de Vila Boa	1411 - Espigueiro 4 de Louredo
0774 - Espigueiro 2 de Vila Boa	
0775 - Alminhas da Casa do Ribeiro	
0776 - Espigueiro da Casa de Louredo	
0777 - Espigueiro 1 de Louredo	
0778 - Espigueiro 2 de Louredo	
0779 - Espigueiro 3 de Louredo	
0813 - Espigueiro 1 do Ermal	
0815 - Espigueiro 2 do Ermal	
0816 - Casa dos Leites	
0817 - Espigueiro 1 da Casa dos Leites	
0818 - Espigueiro 2 da Casa dos Leites	
0819 - Espigueiro 1 de Requeixada	
0820 - Espigueiro 2 de Requeixada	
0821 - Capela de Santo André	
0822 - Espigueiro 3 de Requeixada	
0823 - Epigrafe de Vila Boa	
0824 - Moinho 1 da Ribeira de Ínsuas	
0825 - Moinho 2 da Ribeira de Ínsuas	
0826 - Moinho 3 da Ribeira de Ínsuas	
0827 - Moinho 4 da Ribeira de Ínsuas	
0828 - Moinho 5 da Ribeira de Ínsuas	
0830 - Mamoá do Penedo de Penas	
1027 - Quinta das Casas Novas	
1028 - Capela N ^a Sr ^a da Saúde	
1029 - Espigueiro 1 da Quinta das Casas	



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da Freguesia de Guilhofrei

Inventário de património

Guilhorei



Mamoa de Penedo das Penas

No Monte de Guilhofrei, na bordadura de uma chã de meia vertente que remata no Penedo de Penas, identifica-se uma estrutura tipo "mamoa", com cerca de 7,5 metros de diâmetro e menos de 1 metro de elevação, já bastante revolvida. Incorpora uma espécie de anel lítico de contenção, formado por calhaus e lajes graníticas.

Nos pequenos taludes do estradão que desce a encosta e passa junto dos vestígios, recolhem-se fragmentos de cerâmica manual. Admite-se que este seja o local de proveniência de um vaso semi-esférico de fabrico manual, atribuível ao Neolítico-Bronze, dado como recolhido no monte de Guilhofrei.

O alinhamento circular de calhaus poderá corresponder a um anel lítico de contenção, característico dos enterramentos sob *tumulus*.

Referências bibliográficas: Jorge 1986, 874; Sanches 1981, 88-91

URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>



Capela de S. Silvestre

Capela dedicada a S. Silvestre, de planta rectangular orientada Este-Oeste. Construída em alvenaria granítica rebocada e pintada, apresenta o volume definido pelos cunhais, cornijas, empenas e molduras de vãos salientes, em boa cantaria granítica, coberto por telhado de duas águas.

Na fachada destacam-se a molduração da porta em edícula com frontão triangular, sobrepujada por ampla janela de iluminação, os remates da empena com urnas e cruz central e o campanário que amplia o cunhal setentrional, rematado por entablamento recto coroado com duas urnas.

No interior, modesto, destaca-se um retábulo central de desenho simples.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 450; Craesbeeck 1992, 187; Vieira 2000, 436,444



Igreja de Santiago de Guilhofrei

Igreja paroquial de Guilhofrei, dedicada a S. Tiago. A edificação actual, em cantaria granítica de aparelho pseudo-isódomo e orientada Este-Oeste, reflecte as sucessivas alterações e reconstruções que sofreu, apresentando-se com nave e capela-mor rectangulares, duas capelas laterais que formam um transepto e uma torre sineira adossada ao cunhal Sul da fachada. As paredes da nave são coroadas com cornija sobre cachorradas lisas, que pretendem imitar a solução original românica. A cobertura, de várias águas, é de telha de aba e canudo, rematando-se as empenas com cruzeiros e pináculos nos cunhais.

No interior destaca-se o retábulo do altar-mor, em talha dourada, com uma estátua de Santiago e a pintura no tecto de madeira da nave representando Santiago Mata-Mouros.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 450; Costa 1868-1869, 137; Costa 2000, 309, 363; Craesbeeck 1992, 187; Fontes 1993, 59; Vieira 2000, 428-429



Louredo



Louredo localiza-se na margem esquerda do rio Cávado e confronta a Este com Salomonde, a Sul com Cantelães e a Oeste com a freguesia de Cova.

Louredo foi lugar da extinta paróquia de Fornelos, referenciada desde 1093 e pertenceu ao extinto concelho de Penafiel de Soás. A actual igreja de Nossa Senhora do Rosário reduziram-se as igrejas de S. Paio de Fornelos e a de S. Pedro de Sela. A festa em honra de Nossa Senhora da Guia realiza-se no 2.º domingo de Junho, a de S. Pedro no dia 29 de Junho, a de Nossa Senhora de Fátima no último domingo de Julho e a de

Santo António no dia 13 de Junho.

Em 2001, Louredo registava 479 residentes distribuídos pelos lugares de Cubo, Outeiro, Cela, Boa Vista, Louredo, Sudro, Choqueira e Fornelos, identificando-se como principais actividades a agricultura e o pequeno comércio.

No que respeita ao património registaram-se 33 valores, dos quais, 5 arqueológicos e 28 arquitectónicos.

Referências bibliográficas:

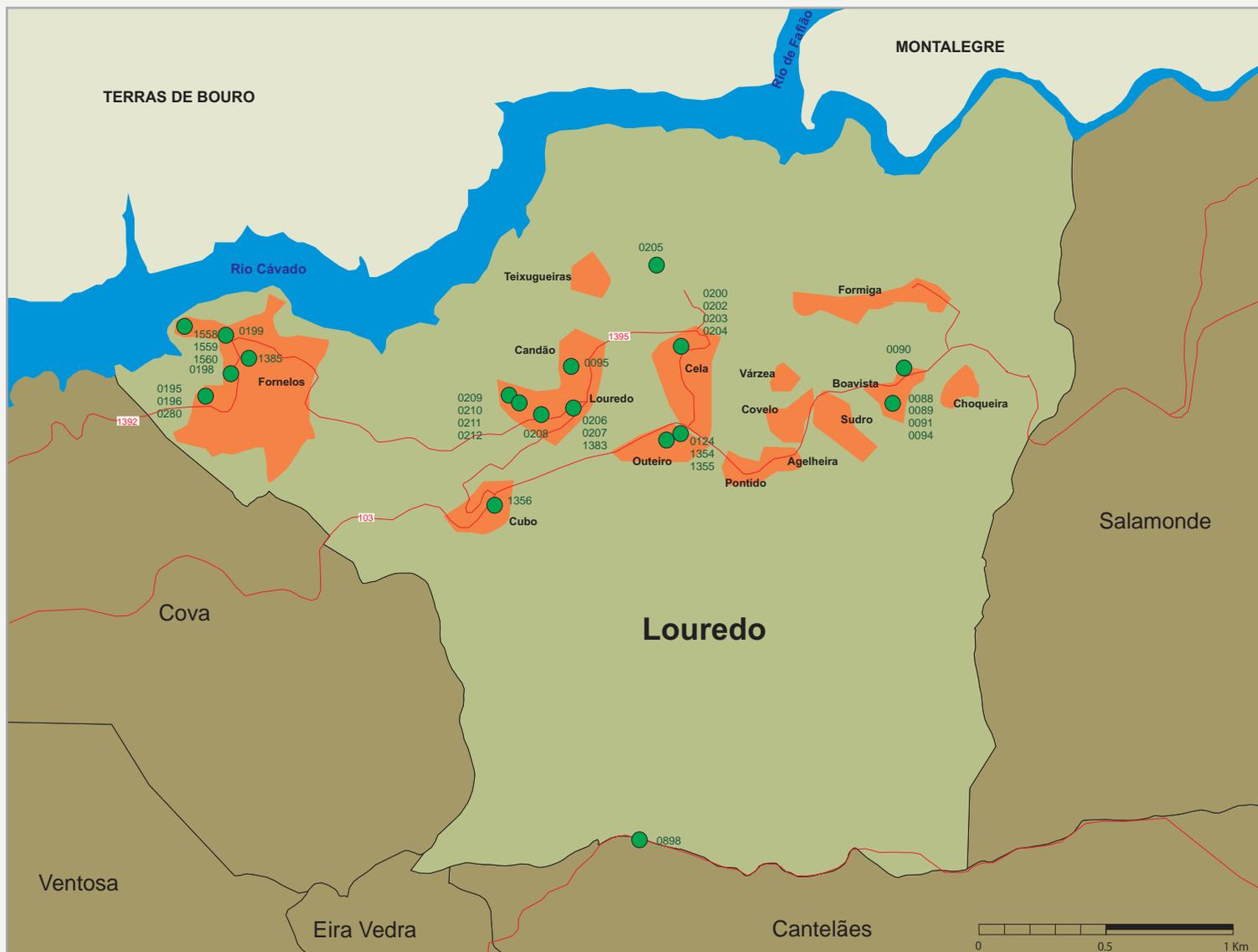
Capela 2003, 451-452; Costa 1868-1869, 141; Costa 2000, 118 e 307.

Inventário de património

Louredo

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0088 - Caminho do Sudro
0089 - Alminhas do Sudro
0090 - Espigueiro 1 do Sudro
0091 - Espigueiro 2 Sudro
0094 - Epigrafe casa do Sudro
0095 - Casa Paroquial
0124 - Caminho do Outeiro
0195 - Capela Sr^a da Guia / Igreja Velha de S. Paio de Fornelos
0196 - Espigueiro da Casa do Assento
0198 - Espigueiro 1 de Fornelos
0199 - Espigueiro 2 de Fornelos
0200 - Capela de S. Pedro de Cela / Igreja Velha de Cela
0202 - Espigueiro 2 de Cela
0203 - Espigueiro 3 de Cela
0204 - Espigueiro 1 de Cela
0205 - Capela de N^a Sr^a de Fátima
0206 - Igreja N^a Sr^a do Rosário
0207 - Espigueiro de Candão
0208 - Asilo de Acolhimento Rebelo Duarte
0209 - Casa de Barreiros
0210 - Espigueiro da Casa do Barreiro
0211 - Espigueiro 1 do Eido
0212 - Espigueiro do Asilo Rebelo Duarte
0280 - Ara de Louredo
0898 - Mamoá do Monte das Carvalhas
1354 - Moinho 1 do Outeiro
1355 - Moinho 2 do Outeiro
1356 - Moinho de Cubo
1383 - Epigrafe de Louredo
1385 - Campo da Veiga
1558 - Espigueiro 3 de Fornelos
1559 - Espigueiro 4 de Fornelos
1560 - Espigueiro 5 de Fornelos



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Louredo

Inventário de património

Louredo

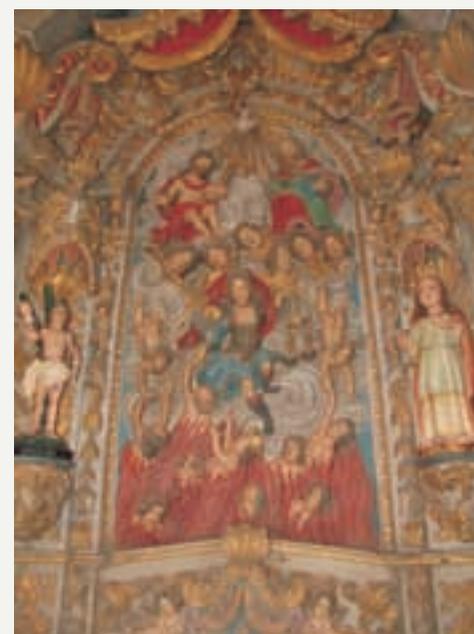
Igreja Paroquial de Louredo

A igreja paroquial de Louredo é dedicada a Nossa Senhora do Rosário.

Construída em bom aparelho de cantaria granítica, apresenta nave e capela - mor rectangulares, com coberturas independentes de duas águas, enquadradas por empenas coroadas por pináculos e cruzes sobre peanhas. A torre sineira adossada à fachada Oeste tem também dois pináculos e uma cruz.

No interior destaca-se a tribuna do altar-mor em talha dourada e dois altares laterais, o da Epístola com um magnífico retábulo em talha policroma representando a purificação das almas.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 451; Costa 2000, 118; Craesbeeck 1992, 141; Fontes 1993, 59; Gouveia 1993, 20; Vieira 2000, 330



Capela Nossa Senhora da Guia

A capela da Senhora da Guia é um pequeno edifício em alvenaria de granito, aparente no exterior e rebocada no interior, com aparelho irregular que incorpora muitos silhares bem esquadrados, embora dominem os blocos poligonais com acabamento pouco cuidado.

Os vãos (portas e janelas), todos rectilíneos, são delimitados por elementos de granito melhor acabados, definindo guarnições lisas, sem molduras, distinguindo-se a janela meridional da capela-mor por apresentar guarnição em capialso. A porta principal abre-se a Oeste, ao centro da fachada, sendo sobrepujada por uma pequena janela quadrangular. Uma outra porta abria-se junto ao cumhal poente da fachada sul, testemunhando a existência de um antigo acesso a um desaparecido coro alto da nave.

Sobre o cumhal nascente da fachada principal, no alinhamento da parede lateral, ergue-se um campanário simples, encimado por uma cruz de granito, que alberga um pequeno sino.

A nave e a capela-mor apresentam coberturas independentes, em telhado de duas águas, assente na cornija moldurada que coroa as paredes e que na empena da fachada é rematada por uma cruz simples de granito, de secção quadrada. Na fachada principal observa-se a data de 1817.

No interior sobressai o arco triunfal em ogiva e a mesa de altar suportada por uma ara romana anepígrafe, em granito de grão grosso. Mede cerca de 0,65 metros de altura e cada face mede cerca de 0,30 metros de largura. Na parte superior observam-se 4 molduras e na parte inferior apenas 3, embora possamos admitir a existência de uma quarta, estando esta ocultada com o cimento que serviu para a fixar ao chão da capela. Poderá colocar-se a hipótese de esta ara ser proveniente do povoado próximo do Campo da Veiga.

A capela da Senhora da Guia corresponde à antiga igreja matriz da

extinta paróquia de São Paio de Fornelos, a qual tem existência documentada pelo menos desde o século XI. Conforme se depreende do Índex de 1749, a paróquia de Fornelos terá sido extinta poucos anos antes, pois aí se explicita que tinha sido incorporada na de Louredo, que se criou com a junção daquela mais a de São Pedro de Sela.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 451; Costa 2000, 118; Craesbeeck 1992, 141; Gouveia 1993, 20; Vieira 2000, 330



Inventário de património

Louredo

Capela de S. Pedro de Cela

Capela de planta rectangular, em boa cantaria de granito aparente, com cobertura de duas águas. A fachada principal apresenta um desenho arquitectónico cuidado, com os cunhais apilastrados a enquadrarem a porta rectilínea, encimada por um relógio de sol e sobrepujada por um nicho retábulo, onde se abriga uma imagem moderna de São Pedro. Quatro óculos circulares completam a animação da fachada. As paredes são rematadas por entablamentos com cornijas de perfil em S, coroando-se a empena frontal com pináculos e uma cruz central sobre peanha. A torre sineira, também em granito, encontra-se ao lado da capela, com data de 1919.

O interior é modesto. Conforme testemunha a data de 1759 gravada na padieira da porta principal, esta capela corresponderá à reconstrução da primitiva ermida de São Pedro de Sela, já referenciada no séc. XIV no Censual do Cabido da Sé de Braga, e o seu carácter de antiga paroquial transparece na manutenção da separação entre a nave e a capela-mor, esta conservada mais elevada.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 451; Costa 2000, 118, 307; Craesbeeck 1992, 141; Gouveia 1993, 20; Vieira 2000, 328



Capela de Nossa Senhora de Fátima

Capela de grandes dimensões com nave rectangular e capela-mor semi-circular adossada no topo Norte, com cobertura de duas águas. Construída em alvenaria granítica aparente, apresenta uma fachada de desenho arquitectónico elaborado, de traça barroquizante, com portal esculpado encimado por frontão interrompido e sobrepujado por janela esculpada, rematando-se o conjunto com uma empena moldurada coroada por pináculos e cruzes.

Refira-se que esta capela se localizava originalmente no lugar da Rechã, sendo então dedicada a N^a Sr^a da Glória, tendo sido trasladada e reconstruída e ampliada no local actual em 1970, por iniciativa do pároco José Alves, passando a ter como invocação N^a Sr^a de Fátima.

No arranjo do adro envolvente incorporaram-se elementos arquitectónicos diversos provenientes de outros locais, como a pedra decorada com a data de 1737 que se encontra sobre um dos fontanários, trazida de uma capela privada de Soengas. A pequena 'capela' que existe nas traseiras foi edificada nos meados do século XX.

Referências bibliográficas: Gouveia 1993, 20



Casa Paroquial

Antiga casa paroquial de Louredo, mandada edificar pelo Padre Gervásio Antunes em 1735, como testemunha a inscrição gravada nas padieiras das portas, onde se lê "ESTA OBRA MANDOV FAZER OP GERVAZIO ANTUNES VIGRo & C: NO ANNO DE [cruz] 1735".

De planta rectangular e construída em bom aparelho de cantaria granítica, a edificação alonga-se à margem do caminho, animando-se a fachada com vãos de portas e de janelas rectangulares, ladeadas por mísulas-floreiras. Ao centro da fachada, no primeiro piso, uma varanda com bacia granítica e balaustrada de ferro forjado reforça o carácter excepcional desta construção em meio rural.



Mosteiro



Localizada na parte Sudoeste do concelho, Mosteiro confronta a Norte com a freguesia de Vieira do Minho e Cantelães, a Este com Pinheiro e Vilar Chão, a Sul com Rossas e Guilhofrei, a Sudoeste com o concelho de Póvoa de Lanhoso e a Oeste com Anissó e Vieira do Minho.

A origem da paróquia de Mosteiro remonta ao século X, pois a documentação regista que em 982, no 'mosteiro de S. João de Vieira, da ordem beneditina', aí morreu Santa Senhorinha.

Em 2001, S. João de Mosteiro registava 931 residentes, distribuídos pelos lugares de

Gandra, Taboadela, Rio Longo, Salgueiro, Fundo de Vila, Magos e Figueiró, cuja população se dedica à agricultura e ao pequeno comércio.

Em relação ao património, em Mosteiro registaram-se 44 sítios exclusivamente de interesse patrimonial arquitectónico.

Referências Bibliográficas:
Capela 2003, 452; Costa 1868-1869, 138; Costa 2000, 121-122, 363.

Inventário de património

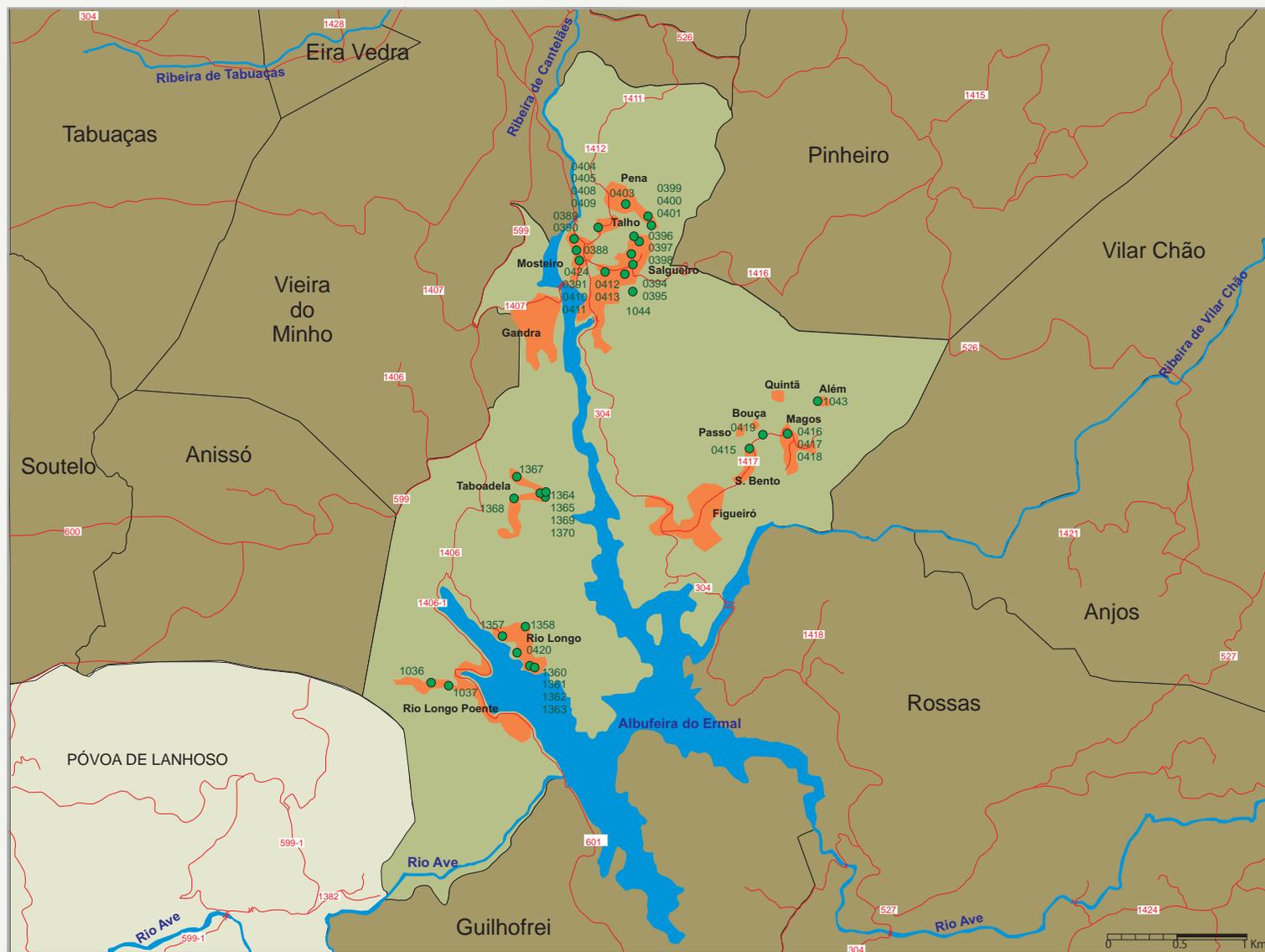
Mosteiro

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0388 - Igreja de S. João de Mosteiro
- 0389 - Capela de S. Salvador
- 0390 - Cruzeiro de S. Salvador
- 0391 - Casa do Padre Casimiro
- 0394 - Espigueiro 1 da Casa do Outeiro
- 0395 - Espigueiro 2 da Casa do Outeiro
- 0396 - Casa do Requeixo
- 0397 - Espigueiro da Casa do Requeixo
- 0398 - Espigueiro 1 de Salgueiro
- 0399 - Casa da Pena
- 0400 - Capela da Casa da Pena
- 0401 - Moinho da Pena
- 0403 - Moinho 1 de Talho
- 0404 - Espigueiro 1 do Talho
- 0405 - Espigueiro 2 do Talho
- 0408 - Casa do Ribeiro
- 0409 - Espigueiro da Casa do Ribeiro
- 0410 - Espigueiro da Casa do Padre Casimiro
- 0411 - Espigueiro 1 de Rissondo
- 0412 - Epigrafe da Casa da Madrôa
- 0413 - Espigueiro de Madrôa
- 0415 - Capela de S. Bento de Magos
- 0416 - Espigueiro 1 de Magos
- 0417 - Espigueiro 2 de Magos
- 0418 - Casa de Magos
- 0419 - Espigueiro da Casa Carreira
- 0420 - Capela de S. Pedro de Riolongo
- 0424 - Espigueiro da Casa da Vinha
- 1036 - Espigueiro 1 de Riolongo Poente
- 1037 - Espigueiro 2 de Riolongo Poente
- 1043 - Espigueiro 3 de Magos
- 1044 - Moinho da Baralha
- 1357 - Alminhas 1 de Rio Longo
- 1358 - Alminhas 2 de Rio Longo
- 1360 - Espigueiro da Casa dos Gaios
- 1361 - Espigueiro 1 de Riolongo
- 1362 - Espigueiro 2 de Riolongo
- 1363 - Espigueiro 3 de Riolongo
- 1364 - Espigueiro 1 de Taboadela
- 1365 - Espigueiro 2 de Taboadela
- 1367 - Espigueiro 4 de Taboadela
- 1368 - Espigueiro 5 de Taboadela
- 1369 - Espigueiro 6 de Taboadela
- 1370 - Alminhas de Taboadela

Inventário de património

Mosteiro



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da Freguesia de Mosteiro

Inventário de património

Mosteiro



Igreja Paroquial de Mosteiro

A igreja paroquial de Mosteiro, dedicada a S. João, é um edifício amplo, com nave e capela-mor rectangulares, orientadas Norte-Sul. Construída com boa cantaria granítica aparente, montada em fiadas regulares, possui coberturas independentes de duas águas, assentes sobre cornija e enquadradas por empenas coroadas com pináculos e cruces de granito. A torre sineira, também de granito, encontra-se adossada ao cunhal Este da fachada principal, na qual se abriga, em nicho central sobre a porta, uma imagem pética de S. João.

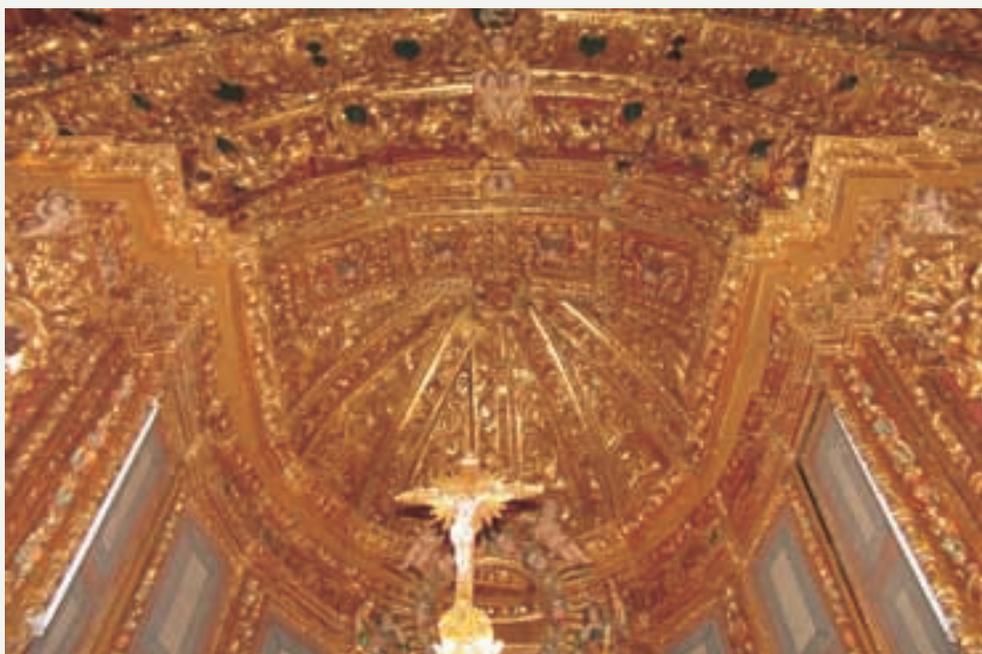
Nas fachadas Oeste e Norte identificam-se alguns silhares com siglas, sugerindo reaproveitamento de anterior construção, eventualmente uma edificação de feição românica, pois também se referencia o achado de elementos com decoração arquitectónica deste estilo.

No interior, recentemente remodelado, conservam-se dois altares laterais e a tribuna da capela-mor em magnífica talha dourada. Conserva-se ainda um painel historiado, com 15 quadros pintados sobre madeira alusivos à vida de Cristo.

São João de Vieira foi mosteiro de freiras, documentando-se já no século X. Santa Senhorinha foi sua Abadessa, aí tendo falecido em 22 de Abril de 982.

Referências bibliográficas: Barros 1919, 83; Costa 1868-1869, 138; Costa 1997, 157; Costa 2000, 121, 309, 363; Craesbeeck 1992, 182); Cunha 1975, 508); Gouveia 1993, 20

URL: <http://www.monumentos.pt>

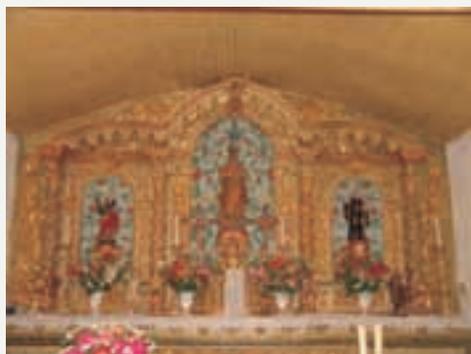


Capela de Magos

A capela de S. Bento de Magos é uma construção modesta em alvenaria granítica rebocada. De planta rectangular, apresenta cunhais de cantaria granítica aparente, que na fachada enquadram uma porta rectilínea e rematam numa empena moldurada que se eleva em frontão triangular, coroado por um pequeno campanário com sino e nos cantos por pináculos. A cobertura é de duas águas.

No interior, modesto, existe um retábulo em talha dourada e uma pequena imagem do padroeiro. Segundo Craesbeeck, em 1726 esta capela era dedicada a Nossa Senhora da Graça.

Referências bibliográficas: Craesbeeck 1992, 183



Capela de S. Pedro de Riolongo

Capela dedicada a S. Pedro, construída em alvenaria granítica rebocada, de planta rectangular. A cobertura, de duas águas, é enquadrada por empenas molduradas sobre cornija, rematadas por cruzeiros latinas e pináculos e um pequeno campanário na fachada lateral.

A fachada principal, de desenho simples, é animada pelo vão moldurado da porta, ladeada por dois vãos de janelas quadrangulares também molduradas e por um janelão circular sobre o portal. A sacristia localiza-se adossada à fachada SE.

O interior, modesto, tem uma pequena tribuna de talha policroma e marmoreados, com a imagem de Cristo crucificado.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 450; Craesbeeck 1992, 183, 188



Casa do Padre Casimiro

Antiga casa de lavoura, construída em granito de aparelho pseudo-isódomo, de planta em forma de U que abre para um pátio interior. A cobertura, de várias águas, é em telha de aba e canudo. Numa padieira de porta da fachada principal lê-se a data de 1787.

Mais do que pelo seu valor arquitectónico, pois já há muitos anos que funciona como casa de pasto e obras recentes confirmaram a adaptação a restaurante, este imóvel possui o inegável interesse histórico de aqui ter vivido o célebre Padre Casimiro, personagem central das revoltas populares do Minho oitocentista, em que sobressaiu a igualmente célebre Maria da Fonte.



Inventário de património

Mosteiro

Alminhas de Taboadela

Alminhas em granito compostas por uma edícula com nicho sobre peanha, com desenho arquitectónico elaborado.

O nicho é enquadrado por duas pilastras que suportam um entablamento moldurado, com uma espécie de frontão cónico, onde se esculpam, em baixo relevo, uma coroa e uma caveira com tíbias cruzadas, coroando-se com uma cruz esculpada com a iconografia do calvário de Cristo.

Um 'chapéu' de chapa protege o conjunto.

No interior do nicho conserva-se um painel de azulejos pintados com a característica cena das almas do purgatório.



Casa da Pena

A casa da Pena é um paço rural composto por capela e portal armoriado, através do qual se acede ao edifício principal, formado por um corpo rectangular e outro vertical, tipo torre, ameada. Posteriormente foram acrescentados outros corpos, organizados em torno de um pátio interior.

O solar original datará do século XVIII, pois a pedra de armas do portal, com heráldica de família, foi mandada fazer por Pedro António Vieira da Silva de Meireles, cavaleiro fidalgo da Casa Real, cerca de 1752.

No portal em ferro observa-se a data de 1885, que poderá corresponder a uma possível remodelação da casa, que já não pertence à família de origem.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 68; Nóbrega 1974, 52-57; Stoop 2000, 277; Vieira 2000, 76, 237



Parada de Bouro



Localizada no extremo Oeste do concelho, na margem esquerda do rio Cávado, a freguesia de Parada de Bouro confronta a Este com a freguesia de Caniçada e a Oeste e Sul com o concelho de Póvoa de Lanhoso.

S. Julião de Parada já aparece referenciada desde 1059 e documenta-se como couto desde o século XII, quando D. Sancho I o outorgou a Dona Maria Paes Ribeira e seus filhos.

A festa de S. Julião realiza-se em Dezembro, a de S. Sebastião no domingo posterior a 20 de Janeiro e de Nossa Senhora

dos Prazeres no 2.º domingo de Agosto.

Em 2001 residiam em Parada de Bouro 529 pessoas distribuídas pelos lugares de Pandoses e Parada de Bouro, dedicando-se à agricultura e ao pequeno comércio.

No que respeita ao património registaram-se 48 sítios, sendo 5 com interesse arqueológico e os restantes com interesse arquitectónico.

Referências bibliográficas:

Capela 2003, 452; Costa 1868-1869, 142; Costa 2000, 110; Costa 1997, 157.

Inventário de património

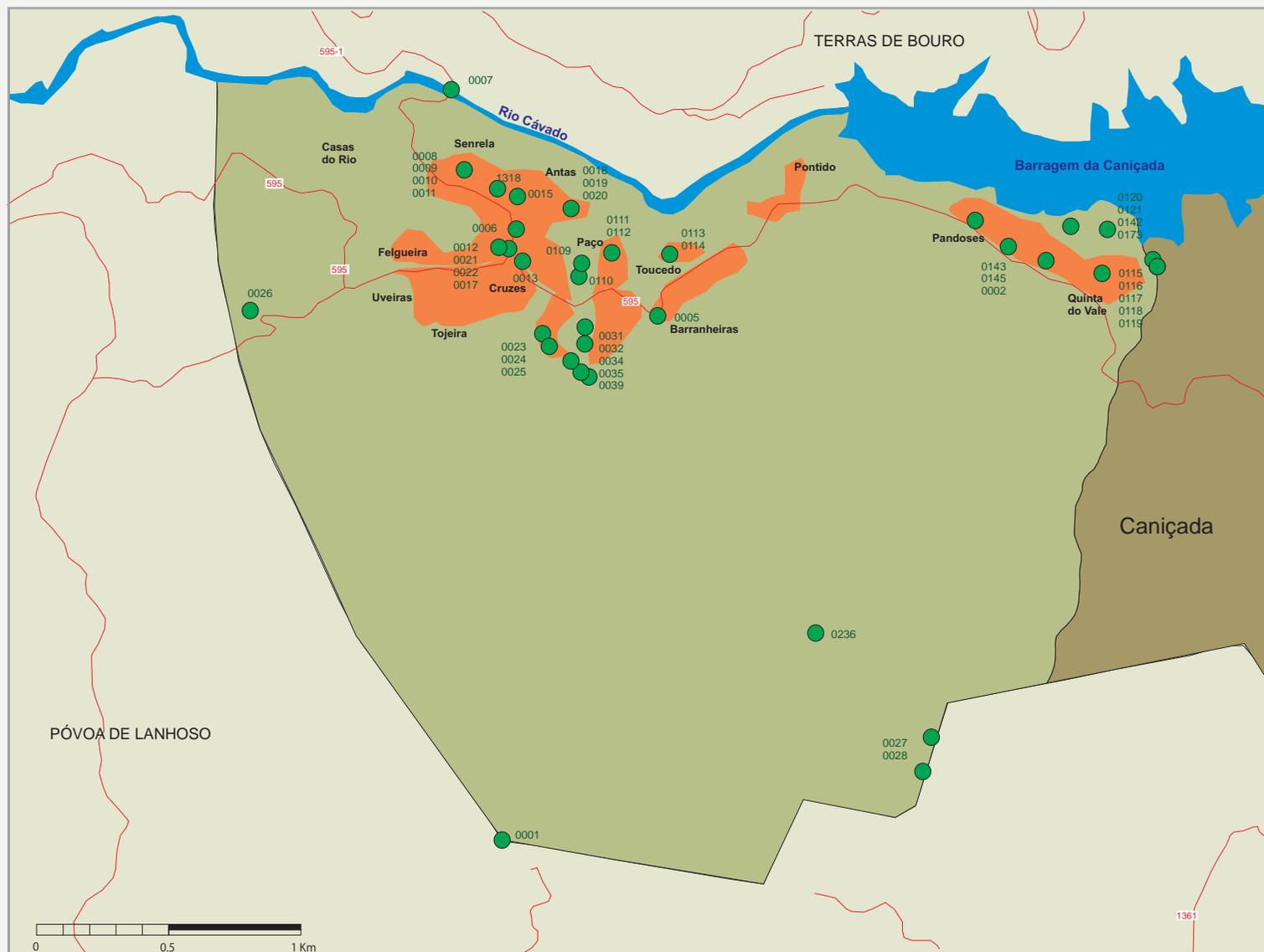
Parada de Bouro

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- | | |
|---|--|
| 0001 - Castelo de Penafiel de Soás | 0145 - Espigueiro da Casa de Fundo de Vila |
| 0002 - Alminhas de Pandoses | 0173 - Espigueiro 2 do Vale |
| 0005 - Capela N ^a Sr ^a dos Prazeres | 0236 - Vila Monteiro |
| 0006 - Igreja de S. Julião de Parada de Bouro | 1318 - Campo de Cerzedo |
| 0007 - Ponte de Parada de Bouro | |
| 0008 - Casa de Senrela | |
| 0009 - Capela da Casa de Senrela | |
| 0010 - Espigueiro da Casa de Senrela | |
| 0011 - Espigueiro de Senrela | |
| 0012 - Pelourinho de Parada de Bouro | |
| 0013 - Alminhas da Aldeia | |
| 0015 - Espigueiro da Quinta das Antas | |
| 0017 - Espigueiro da Aldeia | |
| 0018 - Casa do Outeiro/Arcos | |
| 0019 - Espigueiro da Casa do Outeiro | |
| 0020 - Espigueiro do Outeiro | |
| 0021 - Casa da Lourada | |
| 0022 - Espigueiro da Casa da Lourada | |
| 0023 - Casa do Sorilhal | |
| 0024 - Capela do Sorilhal | |
| 0025 - Espigueiro do Sorilhal | |
| 0026 - Moinho de Uveiras | |
| 0027 - Mamoá 1 da Serra de S. Mamede | |
| 0028 - Mamoá 2 da Serra de S. Mamede | |
| 0031 - Moinho 3 da Ribeira de Fontelas | |
| 0032 - Moinho 4 da Ribeira de Fontelas | |
| 0034 - Moinho 2 da Ribeira de Fontelas | |
| 0035 - Moinho 1 da Ribeira de Fontelas | |
| 0039 - Lagar da Ribeira de Fontelas | |
| 0109 - Moinho 5 da Ribeira de Fontelas | |
| 0110 - Moinho 6 da Ribeira de Fontelas | |
| 0111 - Espigueiro 1 de Cabo D' Além | |
| 0112 - Espigueiro 2 de Cabo D' Além | |
| 0113 - Casa do Toucedo de Baixo | |
| 0114 - Espigueiro da Casa do Toucedo de Baixo | |
| 0115 - Moinho 1 da Ribeira dos Moinhos | |
| 0116 - Moinho 2 da Ribeira dos Moinhos | |
| 0117 - Moinho 3 da Ribeira dos Moinhos | |
| 0118 - Moinho 4 da Ribeira dos Moinhos | |
| 0119 - Moinho 5 da Ribeira dos Moinhos | |
| 0120 - Casa do Vale | |
| 0121 - Capela da Casa do Vale | |
| 0142 - Espigueiro 1 do Vale | |
| 0143 - Capela de S. Sebastião | |

Inventário de património

Parada de Bouro



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Parada de Bouro

Inventário de património

Parada de Bouro



Vila Monteira

Na vertente superior do Monte de Cidrô, em local conhecido pela população como Vila Monteira e/ou como Cova da Moura, conservam-se ruínas de um povoado aberto, observando-se no talude do estradão e nos socalcos que armam a encosta vestígios de paredes e alinhamentos de edificações de planta ortogonal.

Numa área aproximada de 1 hectare, dispersos pela superfície do terreno, recolhem-se fragmentos de "tegullae" e de cerâmica doméstica de tipologia romana, sugerindo a ocupação do local durante os domínios romano e suevo-visigótico.

Referências bibliográficas: Cunha 1975, 534



Igreja de S. Julião de Parada de Bouro

A actual edificação da igreja paroquial de Parada de Bouro, cujo orago é S. Julião, é uma reconstrução integral, feita em 1983, da igreja reedificada no século XVII, como sugerem os elementos arquitectónicos e decorativos subsistentes, bem como a data de 1687 gravada na entrada.

Apresenta nave e capela-mor rectangulares, que ampliaram e elevaram os volumes originais, reutilizando a cantaria granítica em aparelho pseudo-isódomo. O telhado é de duas águas, sobre cornija, com empenas coroadas por cruces e pináculos. A anteceder a porta, do lado esquerdo elevase a torre sineira, em alvenaria de granito.

No interior destacam-se a pia baptismal de granito, com decoração gravada na face externa e a memória do contributo das zeladoras para obras realizadas em 1871, como atesta a epígrafe conservada no embasamento da pia baptismal - "OBRA PAGA PELAS / MOSAS GELADORAS / ANO D 1871"

Sobre a entrada da fachada principal foi recolocada uma inscrição que originalmente teria estado numa capela lateral interior, na qual se lê "ESTA CAPELLA HE DABB JOAO ROZOP/ E A & D SEVIR MAÕANTIOAÕDROC?/ CAPITAOMOR-PERASENELLA EN/ TERRAREM COMTRSMISSAS PERPEV/ AS CADA SOMANA PERASENPRE"

No jardim envolvente conservam-se alguns elementos arquitectónicos da igreja seiscentista.

Referências bibliográficas: Costa 1868-1869, 142; Costa 1997, 157; Costa 2000, 110; Craesbeeck 1992, 237; Vieira 2000, 306



Inventário de património

Parada de Bouro

Pelourinho de Parada de Bouro

Sobre três degraus ergue-se uma coluna composta por base, fuste e remate esférico, sobre o qual hoje se colocou uma cruz florentina, em granito, funcionando o conjunto como cruzeiro (originalmente seria coroada por outro elemento arquitectónico, como é usual nos pelourinhos, mas cujo paradeiro se desconhece - como relata Artur Vaz-Osório da Nóbrega, as armas que encimavam o pelourinho terão sido vendidas a um antiquário!).

Segundo Carvalho da Costa, o pelourinho terá sido mandado fazer em 1672 pelos Condes de Unhão, que se intitulavam senhores do concelho de Parada, o qual havia recebido carta de foral de D. Manuel em 1515.

Referências bibliográficas: Chaves 1939, 95; Costa 1868-1869, 141; Craesbeeck 1992, 237; Lopes 1993; Nóbrega 1974, 86-89; Vieira 2000, 304

URL: <http://www.monumentos.pt>; <http://www.ippar.pt>

Classificado como IIP Imóvel de Interesse Público pelo Dec. N.º 23, 122, DG 231 de 11 de Outubro 1933



Casa do Sorilhal

Casa grande de lavrador com capela anexa, recentemente restaurada e adaptada a turismo de habitação. Construída em cantaria granítica com excelente aparelho pseudo-isódomo, a Casa do Sorilhal desenvolve-se em planta rectangular, integrando na fachada Sul uma escada de aparato de acesso ao piso superior.

Ainda neste alçado distinguem-se as varandas com bacia sobre mísulas e, gravada na padieira, a inscrição " IHS / ANO 1750". A cobertura, de várias águas, assenta em cornija granítica de perfil em S.

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 305
URL: <http://www.monumentos.pt>



Casa do Vale

Conjunto habitacional tipo solar, originalmente composto por casa de residência, capela e anexos organizados em torno de um pátio interior, a que se acede por um portal de aparato, coroado pela pedra de armas mandada colocar por António José de Araújo Vale pouco depois de meados do século XVIII.

A edificação deste conjunto, em boa alvenaria granítica de aparelho regular, datará dos inícios desse século, como sugere a data de 1701 gravada numa padieira interior.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 70; Nóbrega 1974, 82-85; Vieira 2000, 304



Inventário de património

Parada de Bouro



Casa de Senrela

Casa de planta rectangular em cantaria granítica de aparelho pseudo-isódomo e cobertura de duas águas em telha de aba e canudo.

Na fachada Sul incorpora a escada alpendrada de acesso ao piso superior, possuindo um arranque de corrimão com desenho arquitectónico mais elaborado. Na padieira de uma janela tem gravada a data " 173?".

Junto à casa existe um portal de aparato, armoriado, que datará de 1777, ano em que foi atribuída carta de brasão ao Capitão Manuel da Silva Sousa Barbosa, senhor de Morgado e Quinta de Soengas.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 71; Nóbrega 1974, 90-101; Vieira 2000, 304



Capela Nossa Senhora dos Prazeres

Capela de planta rectangular com sacristia adossada e alpendre, construída em alvenaria granítica. O telhado é de duas águas, sobre cornija, com empenas coroadas por cruces e pináculos nos cunhais.

Foi construída, segundo a inscrição na porta principal, em 1732. O alpendre, em cantaria granítica, é composto por bancos perimetrais, cujo encosto serve de embasamento a uma colunata de oito colunas, também em granito, que suportam um entablamento de betão.

Sobre a porta principal, um pequeno nicho abriga uma imagem de Nossa Senhora, em granito. À direita da porta existe um púlpito baixo. Sobre o cunhal Nordeste da fachada colocou-se um sino. No interior não se identifica qualquer valor artístico.

Referências bibliográficas: Craesbeeck 1992, 237; Vieira 2000, 306



Capela de S. Sebastião

Pequena capela dedicada a S. Sebastião. Construída em cantaria granítica, possui planta rectangular com alpendre fronteiro suportado por quatro colunas, também em granito, que abriga um pequeno púlpito à direita da porta. Na cobertura telhada observam-se as empenas coroadas por cruces e pináculos.

No interior possui um modesto retábulo de talha dourada. Na padieira da porta está gravada a data de "> 1696 <".

Referências bibliográficas: Craesbeeck 1992, 237; Vieira 2000, 302



Pinheiro



Localizada no centro do concelho, a freguesia de Pinheiro está limitada a Norte por Cantelães, a Sudeste por Ruivães, a Este e Sul por Vilar Chão e a Sudoeste e Oeste pela freguesia de Mosteiro.

A paróquia de Santa Maria de Pinheiro já aparece referenciada no Censal do Bispo D. Pedro, no século XI. Festeja o dia de Nossa Senhora da Orada no 3.º domingo de Junho e o dia do Senhor no último domingo de Agosto.

Com 544 residentes, em 2001, distribuídos pelos lugares de Parada Velha, Tabuadelo, Vilela, Lugar e Cortegaça, tem

uma população activa que se dedica à agricultura e ao pequeno comércio.

Em Santa Maria de Pinheiro registaram-se 97 valores patrimoniais, sendo 8 com interesse arqueológico e 89 com interesse arquitectónico.

Referencias bibliográficas:

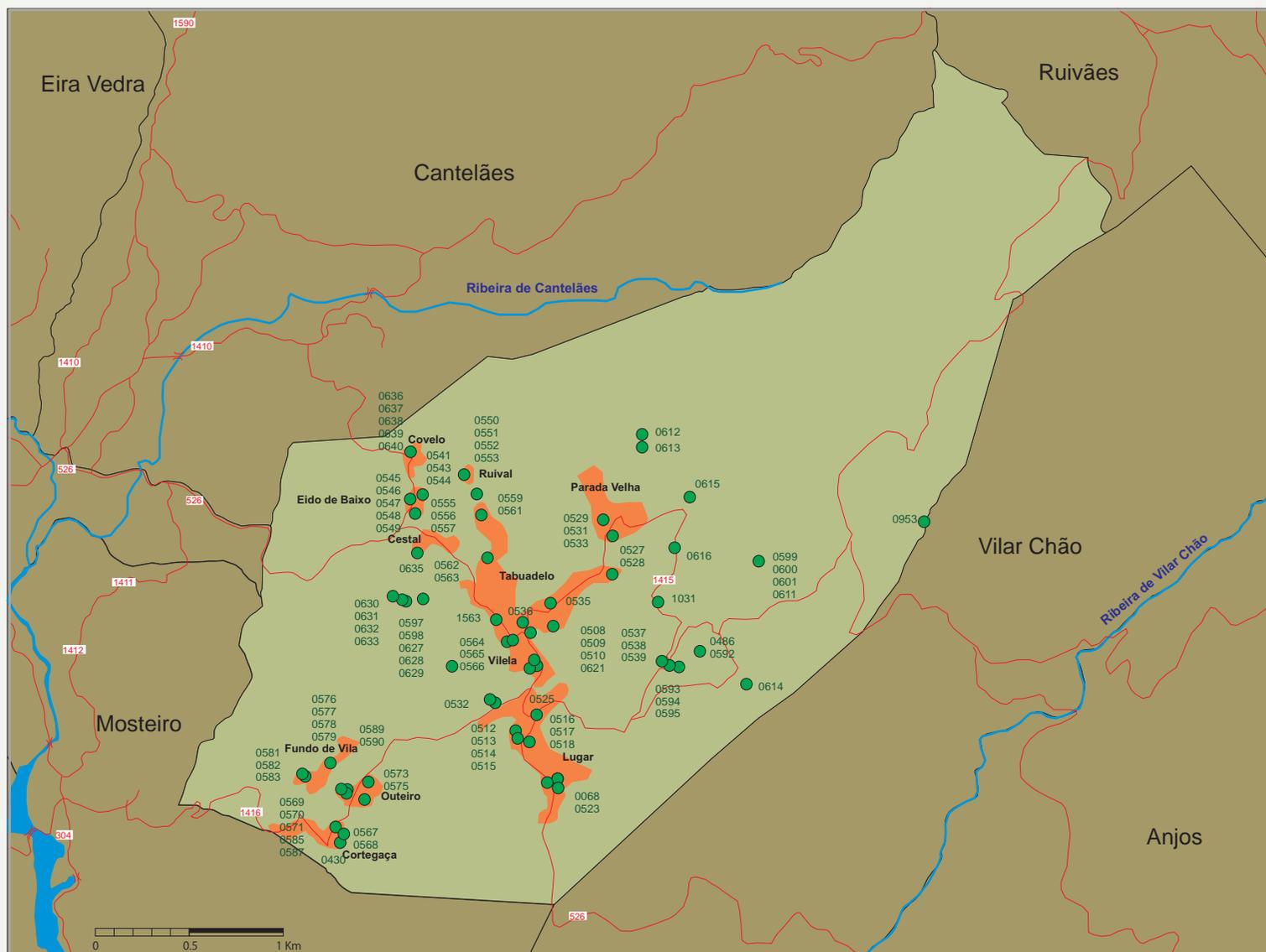
Capela 2003, 452; Costa 1868-1869, 138; Costa 2000, 121 e 308.

Inventário de património

Pinheiro

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- | | | |
|--|--|-----------------------------------|
| 0068 - Espigueiro da Casa da Vitória | 0562 - Espigueiro 1 de Ruival | 0632 - Moinho 8 do Sr dos Aflitos |
| 0430 - Capela N ^a Sr ^a da Guia | 0563 - Espigueiro 2 de Ruival | 0633 - Moinho 9 do Sr dos Aflitos |
| 0486 - Calvário de Pinheiro | 0564 - Moinho 1 de Vilela | 0635 - Espigueiro de Cestal |
| 0508 - Igreja de Santa Maria de Pinheiro | 0565 - Moinho 2 de Vilela | 0636 - Espigueiro 1 de Covelo |
| 0509 - Espigueiro 1 da Casa do Assento | 0566 - Moinho da Quinta do Paço | 0637 - Espigueiro 2 de Covelo |
| 0510 - Espigueiro 2 da Casa do Assento | 0567 - Espigueiro 1 de Cortegaça | 0638 - Epígrafe da Casa do Soares |
| 0512 - Epígrafe da Casa do Marques | 0568 - Espigueiro 2 de Cortegaça | 0639 - Espigueiro 3 de Covelo |
| 0513 - Espigueiro da Casa do Marques | 0569 - Epígrafe da Casa do Obrigadeiro | 0640 - Espigueiro 4 de Covelo |
| 0514 - Espigueiro 1 de Vilela | 0570 - Espigueiro da Casa do Obrigadeiro | 0953 - Mamoá do Alto da Serrinha |
| 0515 - Epígrafe da casa de Eira Nova | 0571 - Moinho da Casa do Obrigadeiro | 1031 - Assentamento dos Penedos |
| 0516 - Epígrafe da Casa de Mateus | 0573 - Espigueiro da Casa de Além Rio de Cima | 1563 - Espigueiro de Barbeito |
| 0517 - Epígrafe da casa do Rocha | 0575 - Espigueiro da Casa de Além Rio de Baixo | |
| 0518 - Espigueiro da Casa do Rocha | 0576 - Epígrafe da Casa da Asnela | |
| 0523 - Espigueiro 3 de Vilela | 0577 - Moinho da Casa da Asnela | |
| 0525 - Alminhas de Vilela | 0578 - Espigueiro 1 da Casa da Asnela | |
| 0527 - Espigueiro 1 da Casa do Penedo | 0579 - Espigueiro 2 da Casa da Asnela | |
| 0528 - Espigueiro 2 da Casa do Penedo | 0581 - Espigueiro da Casa do Mercador | |
| 0529 - Espigueiro 1 de Parada Velha | 0582 - Espigueiro 1 de Fundo de Vila | |
| 0531 - Espigueiro da Casa da Corga | 0583 - Espigueiro 2 de Fundo de Vila | |
| 0532 - Alminhas de Pinheiro | 0585 - Espigueiro da Casa do Barreira | |
| 0533 - Espigueiro da Casa da Corga de Cima | 0587 - Espigueiro da Casa do Paço | |
| 0535 - Espigueiro da Casa do Carvalho | 0589 - Espigueiro da Casa das Nogueiras | |
| 0536 - Espigueiro 2 de Parada Velha | 0590 - Moinho da Casa das Nogueiras | |
| 0537 - Quinta do Paço | 0592 - Santuário da Sr ^a da Orada | |
| 0538 - Espigueiro 1 da Quinta do Paço | 0593 - Moinho 1 da Sr ^a da Orada | |
| 0539 - Espigueiro 2 da Quinta do Paço | 0594 - Moinho 2 da Sr ^a da Orada | |
| 0541 - Espigueiro 1 de Tabuadelo | 0595 - Moinho 3 da Sr ^a da Orada | |
| 0543 - Espigueiro 1 da Casa do Miranda | 0597 - Moinho 1 do Sr dos Aflitos | |
| 0544 - Espigueiro 2 da Casa do Miranda | 0598 - Moinho 2 do Sr dos Aflitos | |
| 0545 - Casa do Fernandes | 0599 - Gravuras do Chão do Gandas | |
| 0546 - Espigueiro 1 da Casa do Fernandes | 0600 - Mamoá 1 do Chão do Gandas | |
| 0547 - Espigueiro 2 da Casa do Fernandes | 0601 - Mamoá 3 do Chão do Gandas | |
| 0548 - Espigueiro 3 da Casa do Fernandes | 0611 - Mamoá 2 do Chão do Gandas | |
| 0549 - Espigueiro 4 da Casa do Fernandes | 0612 - Penedo Pegadinha | |
| 0550 - Casa da Fonte | 0613 - Abrigo da Pedra Bela | |
| 0551 - Capela de N ^a Sr ^a do Rosário | 0614 - Abrigo Rupestre de Cerdeira | |
| 0552 - Espigueiro 1 da Casa da Fonte | 0615 - Silha de Penedos | |
| 0553 - Espigueiro 2 da Casa da Fonte | 0616 - Espigueiro de Penedos | |
| 0555 - Espigueiro 1 da Casa de Eido de Baixo | 0621 - Cruzeiro de Pinheiro | |
| 0556 - Espigueiro 2 da Casa de Eido de Baixo | 0627 - Moinho 3 do Sr dos Aflitos | |
| 0557 - Moinho da Casa da Fonte | 0628 - Moinho 4 do Sr dos Aflitos | |
| 0559 - Espigueiro da Casa de Cimo de Vila | 0629 - Moinho 5 do Sr dos Aflitos | |
| 0561 - Espigueiro da Casa do Barreiro | 0630 - Moinho 6 do Sr dos Aflitos | |
| | 0631 - Moinho 7 do Sr dos Aflitos | |



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da Freguesia de Pinheiro

Inventário de património

Pinheiro

Vale de Cerdeira

O abrigo de Vale de Cerdeira é constituído por três afloramentos e o que forma actualmente a "pala" ter-se-á deslocado do seu local de origem apoiando-se noutros dois afloramentos situados a meia encosta, formando o abrigo. O local foi alvo de intervenção arqueológica nos anos de 1998/1999, recolhendo-se espólio lítico em quartzo, sílex e obsidiana, confirmando-se a sua ocupação durante a Pré-história Recente (V.º - I.º milénio a.C.).

Referências bibliográficas: Batista 2001

URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>



Necrópole do Chão do Gandas

No Chão do Gandas, nas proximidades do estradão que atravessa a chã, estão identificadas 3 estruturas do tipo 'mamoas', correspondentes a monumentos tipo sepulcro sob *tumulus*, aqui associados a gravuras rupestres e a outros monumentos semelhantes, podendo datar-se o conjunto da pré-história recente (IIº - Iº milénio a.C.).

Das 3 calotes formadas por terra, cascalho e calhaus, destaca-se uma maior, que mede cerca de 20 metros de diâmetro e tem cerca de 2 metros de altura máxima. Apresenta uma cratera de violação pouco profunda e não se observa nenhum esteio à superfície.

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM 11





Penedo da Pegadinha

Na bordadura de uma mata de pinheiros, junto a um aceiro "corta-fogo", encontra-se um afloramento granítico de superfície aplanada, com uma dimensão aproximada de 11x 7 metros.

Dispersos por toda a rocha observam-se reticulados e dezenas de fossetes entre os 12 e os 13 cm de diâmetro, de secção cónica, encontrando-se algumas interligadas por sulcos. Na zona central existem dois rebaixamentos configurando pegadas humanas.

O monumento descrito é conhecido pela população local pelo nome de "Penedo da Pegadinha", devido às gravuras com forma de planta de pé.

Embora para nós, hoje, este complexo de gravuras rupestres ao ar livre se apresente com uma funcionalidade e sentido dificilmente apreensíveis, não há dúvida que constitui uma expressão artística que monumentaliza a paisagem, sendo comparável a diversos outros monumentos já conhecidos no norte de Portugal.

Considerando a similitude com conjuntos semelhantes identificados um pouco por todas as serras do noroeste, bem como o contexto arqueológico próximo da necrópole megalítica do Chão do Gandas, assim como do Abrigo da Pedras Bela, este complexo de arte rupestre poderá datar entre os V^o e I^o milénio a.C..

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM

Igreja de Pinheiro

Igreja paroquial de Pinheiro, dedicada a Santa Maria. Construída em granito de aparelho pseudo-isódomo, com cunhais e vãos de portas e de janelas moldurados, apresenta nave e capela-mor rectangulares, orientadas E-O, com coberturas independentes. As empenas são coroadas com pináculos nos cunhais e cruces latinas nos topos, em granito. Em 1930 foi construída uma torre sineira contra a fachada principal, em alvenaria granítica, aberta com três arcos na base, formando uma espécie de galilé.

No interior destaca-se a capela-mor, com retábulo de talha dourada e tecto com painéis pintados.

A paróquia de Santa Maria de Pinheiro já é referida no Censual do Bispo D. Pedro, do século XI.

Referências bibliográficas: Costa 1868-1869, 138; Costa 2000, 121, 308; Craesbeeck 1992, 184; Vieira 2000, 401.



Inventário de património

Pinheiro



Santuário da Senhora da Orada

Santuário dedicado a Nossa Senhora da Orada, com peregrinação no 3º Domingo de Junho.

Abrigado num pequeno alvéolo da vertente da serra da Cabreira, no meio de um bosque, ergue-se um templo com nave e capela-mor rectangulares e sacristia adossada. A capela-mor, em cantaria granítica, corresponde à capela original, mais pequena, posteriormente ampliada com a nave, em alvenaria granítica irregular.

Os dois volumes são marcados pelos cunhais de cantaria saliente, tal como as molduras dos vãos de portas e de janelas, devendo as paredes ser originalmente rebocadas. A cobertura, sobre cornijas, é de duas águas independentes, contida por empenas molduradas e coroadas por pináculos e cruzes. Na fachada, sobre o pingadouro da porta abre-se um óculo quadrilobado.

No interior, destacam-se os retábulos de madeira policroma, de desenho modesto. Era tradição ofertar-se sal e telhas.

O recinto do santuário alarga-se à zona envolvente, incorporando um coreto, fontes e parque de merendas.

Junto deste parque localizam-se os moinhos da Sr.^a da Orada, com a característica planta rectangular e construção em alvenaria granítica de aparelho irregular, com cobertura, de uma



ou duas águas, em telha de canudo. No exterior de um dos moinhos conserva-se uma levada em alvenaria de granito, apresentando todos os moinhos cubos em perpianho granítico, com boca em forma de funil quadrangular.

Referências bibliográficas: Craesbeeck 1992, 184; Gonçalves 2004



Capela de Nossa Senhora da Guia

Capela dedicada a N.^a Sr.^a da Guia. Construída em alvenaria granítica de aparelho regular, apresenta planta rectangular, com cobertura de duas águas em telha marselha, sobre cornija de granito e empenas coroadas por pináculos nos cunhais, cruz latina na costã e um campanário de arco peraltado na fachada.

No interior, modesto, possui um retábulo de madeira pintada, de desenho simples. Segundo Craesbeeck, em 1726 esta capela era dedicada ao Senhor do Bom Jesus.

Referências bibliográficas: Craesbeeck 1992, 183





Casa da Fonte

Casa composta por vários blocos rectangulares distribuídos em torno de um pátio interior. A cobertura, telhada, é de várias águas. Na padieira da porta observa-se uma inscrição com data de "1867".

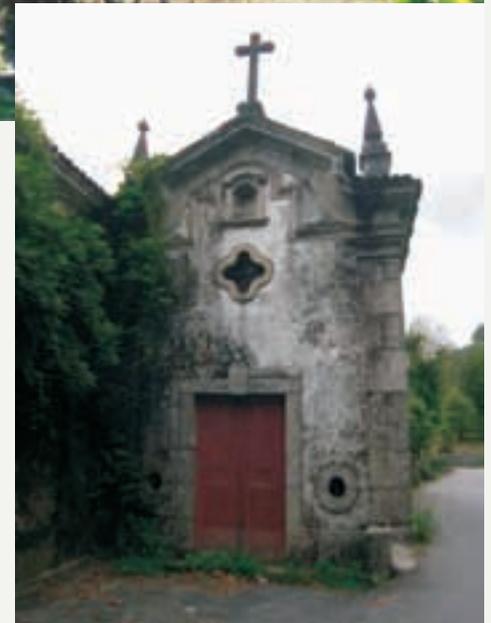
Anexa à Casa da Fonte localiza-se a capela dedicada a N^ª Sr.^ª do Rosário, com nave e capela-mor rectangulares. É construída em alvenaria granítica de aparelho isódomo aparente, excepto na fachada, que é rebocada e pintada de branco, o que faz sobressair os cunhais, as guarnições dos vãos e a empena moldurada em frontão de lanços, de cantaria granítica.

A cobertura, de duas águas

independentes, é enquadrada pelas empenas que são coroadas por pináculos nos cunhais e cruces latinas nos topos, também em granito.

A fachada principal á animada por um pequeno nicho e óculo quadilobado sobre a porta, que é ladeada por dois pequenos óculos circulares. O interior está vazio.

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 404



Inventário de património

Pinheiro



Quinta do Paço

Grande casa de lavoura composta por vários volumes, desenhando uma planta geral em "U", com pátio interior. Lateralmente desenvolve-se um pátio-eira, para onde se abrem varandas com bacias de granito e grades de ferro forjado e ainda a escada alpendrada que dá acesso ao primeiro piso.

É construída em alvenaria granítica de aparelho misto e cobertura de várias águas,

telhadas. A casa da Quinta do Paço foi construída em 1772, como se pode observar na padieira da casa onde existe uma inscrição "ANNO D MDLXXII" e foi, segundo o proprietário, reconstruída em 1906.

No jardim observam-se alguns elementos arquitectónicos, um dos quais com inscrição " MANDOU FACER IOANDE / SOUSA CARDOSO ABADE", proveniente, segundo o proprietário, de uma antiga fonte situada junto à antiga ponte, pouco distante da actual.

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 406



Calvário de Pinheiro

Calvário de planta quadrangular e cobertura piramidal, construído em alvenaria granítica de aparelho regular. Nas cornijas existem gárgulas que coincidem com as arestas da planta. A cobertura, também em alvenaria granítica de aparelho regular é rematada com esfera, também em granito.

No interior abriga-se uma imagem de Cristo crucificado.



Rossas



Localizada no extremo Sudeste do concelho, a freguesia de Rossas é limitada a Norte pelas freguesias de Campos, Ruivães, Anjos e Vilar Chão, a Este e Sudeste pelo concelho de Cabeceiras de Basto, a Oeste e Sudoeste pelas freguesias de Mosteiro e Guilhofrei.

A referência mais antiga a Rossas remonta ao ano de 950, em documento que regista a sua doação ao mosteiro de Guimarães pelo rei Ramiro II. Em 1059 já compreendia os lugares de Lamedo (*Lameto*), Barreiros, Celeiró (*Ceraliolo*), Paço (*Palatiolo*) e Ramil (*Ramiri*).

No Censual do Bispo D. Pedro, do século XI, aparece registada a paróquia de S. Salvador de Rossas, sendo que nessa época Santa Marinha e Santa Marta, lugares de Rossas, também eram paróquias.

D. Manuel I atribuiu-lhe carta de foral em 1514, acabando o concelho de Rossas por ser extinto em 1836 e incorporado no actual concelho de Vieira Minho.

Em 2001 registava 2071 residentes, distribuídos pelos lugares de Vilarinho, Santa Marta, Pombal, São Pedro, Paredes, Celeiro, Outeiro, Touca, Ortezelo, Politeiro, Arrotea, Calvos, Casares, Ramil, Bairro,

Covelo de Baixo, Covelo de Cima, Lamedo, Barreiros e Agra, com uma população activa que se dedica à agricultura, ao pequeno comércio e ao artesanato.

Em relação ao património, registaram-se 252 sítios com interesse patrimonial, sendo 24 com interesse arqueológico e 228 com interesse arquitectónico.

Referências bibliográficas:

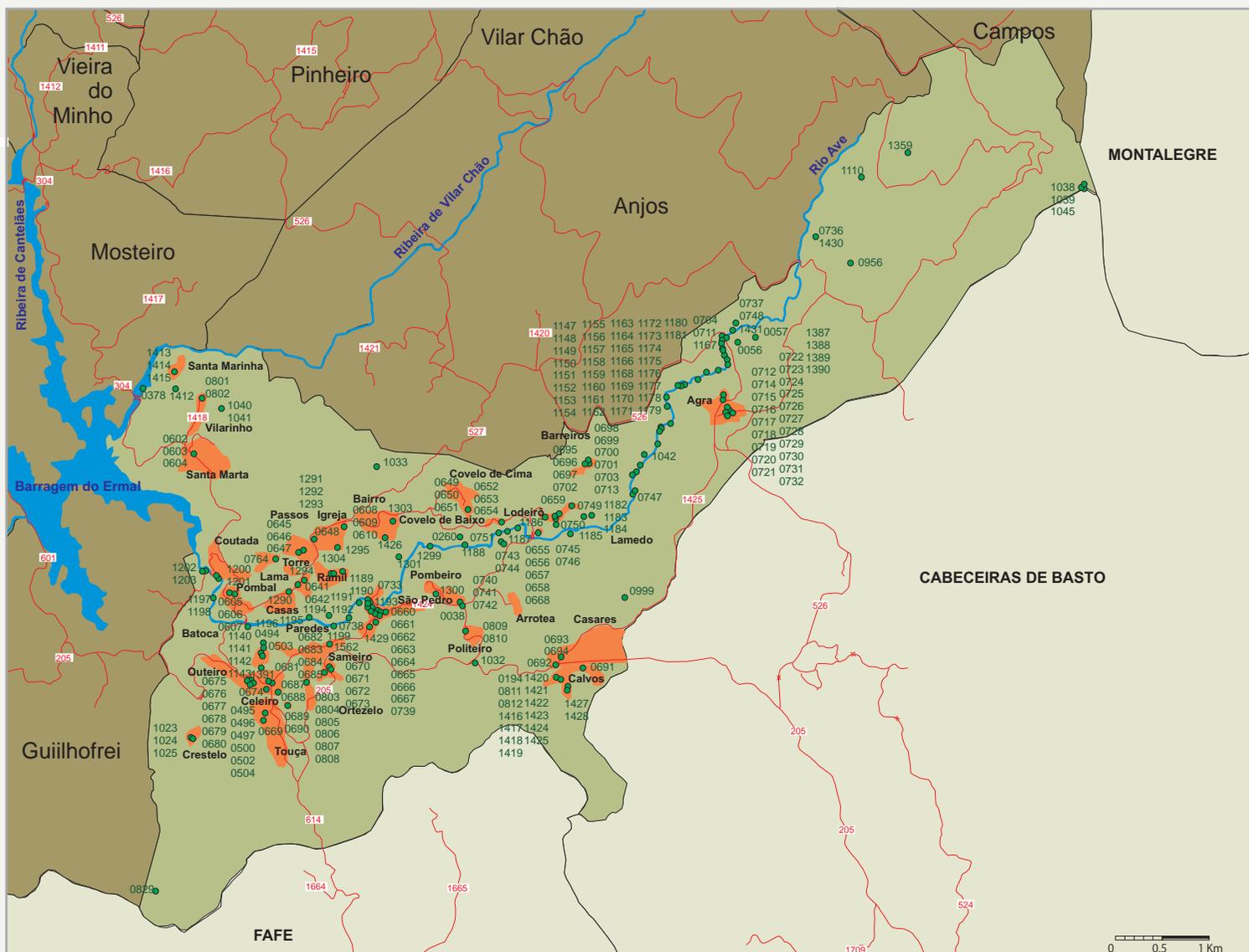
Capela 2003, 452-453; Costa 1868-1869, 136-137; Costa 1997, 157-158, 336, 341 e 386; Costa 2000, 122-123.

Inventário de património

Rossas

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- | | | |
|--|---|--|
| 0038 - Alminhas de Politeiro | 0666 - Casa Nova | 0718 - Espigueiro da Casa do Cruzeiro |
| 0056 - Cabana 1 de Parada | 0667 - Capela da Casa Nova | 0719 - Alminhas de Agra 1 |
| 0057 - Cabana 2 de Parada | 0668 - Epigrafe de Lamedo | 0720 - Cruzeiro de Agra |
| 0194 - Alminhas 2 de Calvos | 0669 - Espigueiro do Largo das Carvalhas | 0721 - Espigueiro 2 de Agra |
| 0260 - Espigueiro de Covelo de Baixo | 0670 - Casa do Sameiro | 0722 - Espigueiro 3 de Agra |
| 0378 - Pontão de Figueiró | 0671 - Capela da Casa do Sameiro | 0723 - Alminhas de Agra 2 |
| 0494 - Moinho 1 de Entre Outeiros | 0672 - Espigueiro da Casa do Sameiro | 0724 - Capela de S. Lourenço |
| 0495 - Lagar de Entre Outeiros | 0673 - Espigueiro do Sameiro | 0725 - Casa do Cabo d' Aldeia |
| 0496 - Lagar do Largo da Feira | 0674 - Capela de S. Brás | 0726 - Espigueiro 4 de Agra |
| 0497 - Moinho 1 do Largo da Feira | 0675 - Casa do Santo | 0727 - Epigrafe da casa dos Martinhos |
| 0500 - Serra Hidráulica | 0676 - Capela da Casa do Santo | 0728 - Casa do Passadiço |
| 0502 - Moinho 2 do Largo da Feira | 0677 - Espigueiro 1 da Casa do Santo | 0729 - Espigueiro da Casa do Passadiço |
| 0503 - Moinho 2 de Entre Outeiros | 0678 - Espigueiro 2 da Casa do Santo | 0730 - Espigueiro 5 de Agra |
| 0504 - Casa da Touça | 0679 - Espigueiro 3 da Casa do Santo | 0731 - Epígrafes da Casa Nova |
| 0602 - Capela de Santa Marta | 0680 - Espigueiro 4 da Casa do Santo | 0732 - Espigueiro da Casa Nova |
| 0603 - Alminhas de Santa Marta | 0681 - Casa de Matos | 0733 - Ponte de S. Pedro |
| 0604 - Espigueiro de Santa Marta | 0682 - Casa do Bairral | 0736 - Gravuras de Bragadas |
| 0605 - Epigrafe da Casa do Barros | 0683 - Capela da Casa do Bairral | 0737 - Gravuras de Parada |
| 0606 - Espigueiro da Casa do Barros | 0684 - Espigueiro 1 da Casa do Bairral | 0738 - Lagar 1 de S. Pedro |
| 0607 - Casa de Lemos | 0685 - Espigueiro 2 da Casa do Bairral | 0739 - Espigueiro 7 de S. Pedro |
| 0608 - Igreja de S. Salvador de Rossas | 0687 - Espigueiro 1 de Celeiró | 0740 - Casa de Pombeiro |
| 0609 - Espigueiro 1 da Igreja | 0688 - Espigueiro 2 de Celeiró | 0741 - Capela da Casa de Pombeiro |
| 0610 - Espigueiro 2 da Igreja | 0689 - Casa da Lama | 0742 - Espigueiro da Casa de Pombeiro |
| 0641 - Casa da Torre | 0690 - Espigueiro 1 da Casa da Lama | 0743 - Espigueiro 1 de Lomba |
| 0642 - Capela da Casa da Torre | 0691 - Capela de S. Frutuoso | 0744 - Espigueiro 2 de Lomba |
| 0645 - Casa de Passos | 0692 - Alminhas 1 de Calvos | 0745 - Casa da Ribeira |
| 0646 - Espigueiro da Casa de Passos | 0693 - Cruzeiro de Calvos | 0746 - Espigueiro da Casa da Ribeira |
| 0647 - Espigueiro de Passos | 0694 - Espigueiro 1 de Calvos | 0747 - Ponte da Candosa |
| 0648 - Capela de Santo António | 0695 - Casa do Capitão | 0748 - Gravuras de Agra 1 |
| 0649 - Casa de Celeiro | 0696 - Capela da Casa do Capitão | 0749 - Lagar de Lamedo |
| 0650 - Capela de N ^a Sr ^a da Conceição | 0697 - Espigueiro da Casa de Cabo d' Aldeia | 0750 - Espigueiro da Casa do Pedro |
| 0651 - Espigueiro da Casa de Celeiro | 0698 - Casa da Cancela | 0751 - Pontão de Covelo |
| 0652 - Casa de Lodeiró | 0699 - Espigueiro 1 da Casa da Cancela | 0764 - Alminhas da Coutada |
| 0653 - Capela da Casa de Lodeiró | 0700 - Espigueiro 2 da Casa da Cancela | 0801 - Alminhas de Vilarinho |
| 0654 - Espigueiro da Casa de Lodeiró | 0701 - Espigueiro de Barreiros | 0802 - Espigueiro 1 de Vilarinho |
| 0655 - Casa do Telhado | 0702 - Espigueiro 1 da Casa do Capitão | 0803 - Espigueiro 1 de Ortezelo |
| 0656 - Capela da Casa do Telhado | 0703 - Alminhas de Barreiros | 0804 - Espigueiro 2 de Ortezelo |
| 0657 - Espigueiro da Casa do Telhado | 0704 - Ponte de Agra | 0805 - Espigueiro 3 de Ortezelo |
| 0658 - Espigueiro 1 de Lamedo | 0711 - Pontão dos Moinhos de Agra | 0806 - Casa de Ortezelo |
| 0659 - Casa do Pedro | 0712 - Espigueiro 1 de Agra | 0807 - Espigueiro da Casa de Ortezelo |
| 0660 - Espigueiro 1 de S. Pedro | 0713 - Casa da Escaleira | 0808 - Espigueiro 4 de Ortezelo |
| 0661 - Espigueiro da Casa de Maria Josefa | 0714 - Aldeia de Agra | 0809 - Espigueiro 1 de Politeiro |
| 0662 - Espigueiro 3 de S. Pedro | 0715 - Casa de Maria Josefa | 0810 - Espigueiro 2 de Politeiro |
| 0663 - Espigueiro 4 de S. Pedro | 0716 - Epigrafe 1 de Agra | 0811 - Espigueiro 3 de Calvos |
| 0664 - Espigueiro da Casa Nova | 0717 - Casa do Cruzeiro | 0812 - Espigueiro 2 de Calvos |
| 0665 - Espigueiro 6 de S. Pedro | | 0829 - Mamoá do Alto do Pebrigue |



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Rossas

Inventário de património

Rossas

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- | | | |
|---------------------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|
| 0956 - Branda de Pontilhão | 1175 - Moinho 27 do Ave | 1412 - Moinho de Santa Marinha |
| 0999 - Monte do Castelo | 1176 - Moinho 28 do Ave | 1413 - Espigueiro 1 de Santa Marinha |
| 1023 - Espigueiro 1 de Crestelo | 1177 - Moinho 29 do Ave | 1414 - Espigueiro 2 de Santa Marinha |
| 1024 - Espigueiro 2 de Crestelo | 1178 - Moinho 30 do Ave | 1415 - Capela de Santa Marinha |
| 1025 - Espigueiro 3 de Crestelo | 1179 - Moinho 31 do Ave | 1416 - Espigueiro 4 de Calvos |
| 1032 - Marco do Politeiro | 1180 - Moinho 32 do Ave | 1417 - Espigueiro 5 de Calvos |
| 1033 - Abrigo das Arcas | 1181 - Moinho 33 do Ave | 1418 - Espigueiro 6 de Calvos |
| 1038 - Marco 1 da Portela de S. Bento | 1182 - Moinho 34 do Ave | 1419 - Espigueiro 7 de Calvos |
| 1039 - Marco 2 da Portela de S. Bento | 1183 - Moinho 35 do Ave | 1420 - Espigueiro 8 de Calvos |
| 1040 - Abrigo 1 dos Penedos da Pala | 1184 - Moinho 36 do Ave | 1421 - Espigueiro 9 de Calvos |
| 1041 - Abrigo 2 dos Penedos da Pala | 1185 - Moinho 37 do Ave | 1422 - Espigueiro 10 de Calvos |
| 1042 - Alminhas da Candosa | 1186 - Moinho 38 do Ave | 1423 - Espigueiro 11 de Calvos |
| 1045 - Aldeia da Portela de S. Bento | 1187 - Moinho 39 do Ave | 1424 - Espigueiro 12 de Calvos |
| 1110 - Cabana do Alto do Açougue | 1188 - Moinho 40 do Ave | 1425 - Espigueiro 13 de Calvos |
| 1140 - Espigueiro 1 de Entre Outeiros | 1189 - Moinho 41 do Ave | 1426 - Espigueiro de Salgado |
| 1141 - Espigueiro 2 de Entre Outeiros | 1190 - Moinho 42 do Ave | 1427 - Casa do Bispo |
| 1142 - Espigueiro 1 de Batoca | 1191 - Moinho 43 do Ave | 1428 - Espigueiro da Casa do Bispo |
| 1143 - Espigueiro 2 de Batoca | 1192 - Moinho 44 do Ave | 1429 - Necrópole de S. Pedro |
| 1147 - Moinho 1 do Ave | 1193 - Moinho 45 do Ave | 1430 - Gravuras de Agra 2 |
| 1148 - Moinho 2 do Ave | 1194 - Lagar 2 de S. Pedro | 1431 - Gravuras de Agra 3 |
| 1149 - Moinho 3 do Ave | 1195 - Moinho 46 do Ave | 1562 - Espigueiro de Paredes |
| 1150 - Moinho 4 do Ave | 1196 - Moinho 47 do Ave | |
| 1151 - Moinho 5 do Ave | 1197 - Moinho 48 do Ave | |
| 1152 - Moinho 6 do Ave | 1198 - Moinho 49 do Ave | |
| 1153 - Moinho 7 do Ave | 1199 - Pontão de S. Pedro | |
| 1154 - Moinho 8 do Ave | 1200 - Moinho 50 do Ave | |
| 1155 - Moinho 9 do Ave | 1201 - Moinho 51 do Ave | |
| 1156 - Moinho 10 do Ave | 1202 - Moinho 52 do Ave | |
| 1157 - Moinho 11 do Ave | 1203 - Moinho 53 do Ave | |
| 1158 - Moinho 12 do Ave | 1290 - Espigueiro da Torre | |
| 1159 - Moinho 13 do Ave | 1291 - Espigueiro 1 de Ramil | |
| 1160 - Moinho 14 do Ave | 1292 - Espigueiro 2 de Ramil | |
| 1161 - Pisão do Ave | 1293 - Espigueiro 3 de Ramil | |
| 1162 - Moinho 15 do Ave | 1294 - Espigueiro 4 de Ramil | |
| 1163 - Moinho 16 do Ave | 1295 - Espigueiro da Talhoa | |
| 1164 - Moinho 17 do Ave | 1299 - Pontão de Covelo de Baixo | |
| 1165 - Moinho 18 do Ave | 1300 - Pombeiro | |
| 1166 - Moinho 19 do Ave | 1301 - Espigueiro de Roupeiro | |
| 1167 - Pontão de Parada | 1303 - Espigueiro da Casa do Salgado | |
| 1168 - Moinho 20 do Ave | 1304 - Capela de Ramil | |
| 1169 - Moinho 21 do Ave | 1359 - Branda da Costa do Fojo | |
| 1170 - Moinho 22 do Ave | 1387 - Espigueiro 6 de Agra | |
| 1171 - Moinho 23 do Ave | 1388 - Espigueiro 7 de Agra | |
| 1172 - Moinho 24 do Ave | 1389 - Espigueiro 8 de Agra | |
| 1173 - Moinho 25 do Ave | 1390 - Espigueiro 9 de Agra | |
| 1174 - Moinho 26 do Ave | 1391 - Pelourinho de Rossas | |

Inventário de património

Rossas

Monte do Castelo

Povoado fortificado 'castrejo' implantado num esporão da vertente Sudeste da serra da Cabreira, na margem esquerda do troço inicial do rio Ave e sobranceiro à ribeira de Água Talhada.

Elevando-se a 725 metros de altitude, o Monte do Castelo, como é localmente conhecido, possui duas linhas de muralha concêntricas que defendem diversas plataformas. No interior dos perímetros amuralhados, à superfície, recolhem-se facilmente fragmentos de cerâmica doméstica e de construção, de tipologias 'castrejas' e romanas.

Cerca de 1970, na sequência de "escavações realizadas por pesquisadores de tesouros", Carlos Alberto Ferreira de Almeida noticia o achado de cerâmica indígena, um cochoiro de secção quase rectangular, cerâmica romana (tegulae, imbrex, sigillata hispânica), um bordo de uma taça de vidro (século V?), um mascarão barbado rematado em cruz (asa de sítula ?), um fragmento de um recipiente em bronze, uma conta de colar de pedra azulada e um pequeno machado em pedra. Foram ainda recolhidas duas moedas romanas, sendo uma em bronze, tardia e outra em prata (um quinário [sic] de Carisius, legado de Augusto) e por fim uma estatueta em bronze que representará uma divindade, talvez Júpiter.

Nos finais dos anos 70 foi ainda recolhida, no sopé do Monte do Castelo, perto de Lamedo, numa propriedade da Família Sameiro, uma estátua em granito, dada como proveniente do Monte do Castelo.

Referências Bibliográficas: Almeida 1970; 77 - 82; Costa 1997, 386; Cunha 1975, 509-512; Fernandes 2005, 133; Sarmento 1999, 462; Silva 1986, 80.

URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>;
<http://www.ippar.pt>



Inventário de património

Rossas



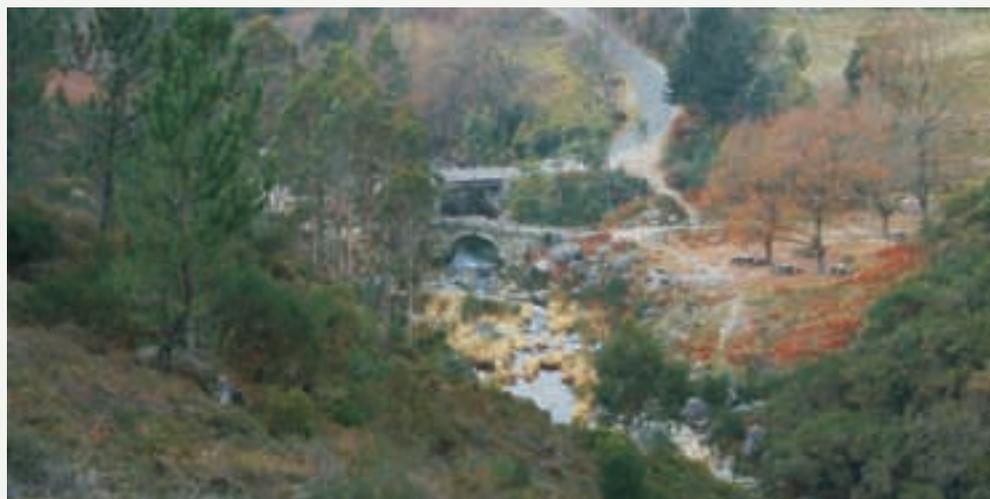
Pelourinho de Rossas

Sobre embasamento de dois degraus ergue-se o pelourinho de Rossas, composto por fuste cilíndrico superiormente terminado por escócia e ábaco liso, sobre o qual repousa um capitel piramidal moldurado, tendo esculpido numa das faces as armas de Portugal antigo.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 69; Chaves 1939, 96; Craesbeeck 1992, 143; Fernandes 2005, 108; Nóbrega 1974; 58-61; Vieira 2000, 418, 423

URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>;
<http://www.ippar.pt>

Classificado como IIP 23, 122, DG 231, de 11 de Outubro de 1933



Ponte de Agra

Ponte sobre o rio Ave, em cantaria granítica, com cerca de 23,50 metros de comprimento e 2,50 metros de largura média. Assente em sapatas graníticas encaixadas nas margens, o seu único arco é contido por paramentos de alvenaria irregular de granito. No intradorso do arco observam-se os encaixes para apoio do cimbre.

O tabuleiro, ligeiramente em cavalete, é pavimentado com lajes graníticas, tal como as guardas, onde se observam algumas gravuras, do tipo quadrados com cruces, que a população costuma associar ao "jogo dos cantinhos".

Já referida nas 'Memórias Paroquiais' de 1758, a Ponte de Agra revela padrões construtivos de tradição românica, admitindo-se que possa ter sido construída ainda nos finais da Idade Média.

Referências Bibliográficas: Capela 2003, 453; Fernandes 2005, 122



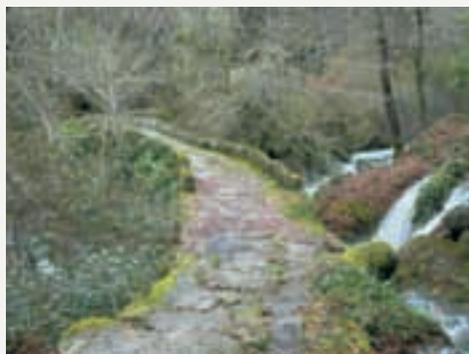


Ponte da Candosa

Ponte sobre o rio Ave, de um só arco em cantaria granítica, assente directamente nas margens rochosas e contido por paramentos em alvenaria irregular granítica.

O tabuleiro, com cerca de 19 metros de comprimento e 3 metros de largura, ligeiramente em cavalete, é pavimentado com lajes graníticas, onde se observam marcas de rodados e possui guardas também graníticas. Na parte interior do arco observam-se os encaixes utilizados para o cimbrio.

Referências bibliográficas: Fernandes 2005, 154



Inventário de património

Rossas



Ponte de S. Pedro

Ponte sobre o rio Ave, de um só arco de cantaria granítica, assente em sapatas graníticas encaixadas nas margens rochosas. Com cerca de 24 metros de comprimento e mais de 3 metros de largura, a ligação às margens faz-se através de paramentos de alvenaria granítica irregular, suportando um tabuleiro ligeiramente em cavalete, pavimentado com cubos graníticos. As guardas são em granito reforçadas com outras em ferro. No interior do arco observam-se os entalhes para os cimbres.

Nas memórias de 1758 refere-se a existência, aqui em S. Pedro, de uma ponte de pau, pelo que esta ponte tem uma cronologia posterior.

Referências bibliográficas: Fernandes 2005, 182

Branda de Pontilhões

Branda pastoril composta por 'tapados' de planta sub-retangular, contíguos, formando uma espécie de favo, em muro de mamposteria. Estes 'tapados' correspondem a redis, no interior dos quais se recolhia o gado.

Em cada um dos 'tapados' existiria uma cabana abrigo, para o pastor, conservando-se nesta branda apenas quatro. Apresentando planta circular e sub-circular, estes abrigos são construídos em mamposteria granítica e cobertura em falsa cúpula, recoberta com torrões de terra.



Igreja de S. Salvador de Rossas

Igreja paroquial de Rossas, dedicada a S. Salvador. É um edifício de grandes dimensões, orientado Este-Oeste e composto por nave e capela-mor rectangulares, mais dois volumes adossados à capela-mor (sacristia no lado Norte e um anexo na cabeceira).

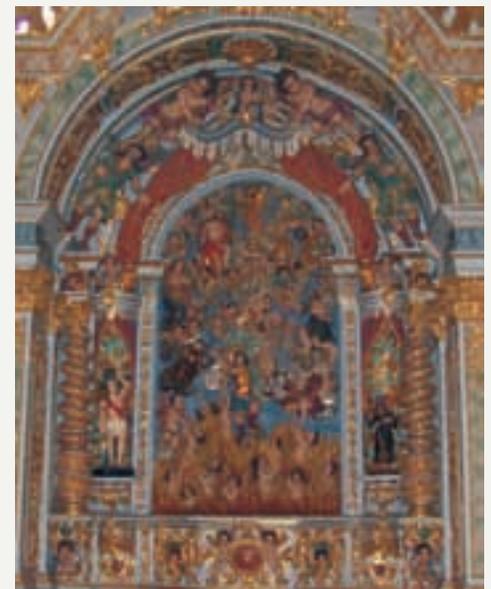
É uma construção sólida, em cantaria granítica de aparelho pseudo-isódomo, com paredes enquadradas por cunhais salientes e rematadas por entablamentos com cornija moldurada, sobre a qual assentam as coberturas telhadas de duas águas, independentes.

As empenas das fachadas e do arco cruzeiro são coroadas por pináculos nos cunhais e cruces latinas sobre peanhas nas cumeadas. A fachada ocidental é revestida a azulejo de cor azul e amarelo, sendo animada por dois vãos de janela e uma porta com molduras de traço barroquizante e por um nicho que sobrepuja a porta, no qual se abriga uma magnífica estátua do Cristo Salvador.

No interior, amplo e com coro alto, destacam-se os tectos pintados da nave e da capela-mor, esta com a representação do Salvador e dos quatro Evangelistas, obra datada de 1861, como testemunha a cartela pintada no pilar do arco cruzeiro. Destacam-se ainda os retábulos. A Sul da igreja encontra-se a torre sineira, construída também em cantaria granítica no ano 1896.

A actual igreja é uma reconstrução do século XVIII, como se documenta nas Memórias Paroquias de 1758. Mas São Salvador de Rossas já aparece documentado no Censual do Bispo D. Pedro, do século XI, como mosteiro, que já estaria extinto no século XIII e a sua igreja reduzida a paroquial, como parece depreender-se das Inquirições Afonsinas.

Referências bibliográficas: Barros 1919, 83; Capela 2003, 453; Costa 1868-1869, 137; Costa 1997, 157, 303; Costa 2000, 123, 363; Craesbeeck 1992, 144; Fernandes 2005, 105



Inventário de património

Rossas



Capela de Santa Marinha

Capela dedicada a Santa Marinha. Tem nave e capela-mor rectangulares, construídas em alvenaria granítica de aparelho regular. A cobertura, sobre cornija, é coroada com pináculos sobre os cunhais e cruz latina sobre peanha.

A fachada principal tem porta moldurada, com pingadouro rematado com volutas e encimado por óculo circular. Na padieira gravou-se a data de '1757'.

A actual capela poderá recordar a primitiva paróquia de Santa Marinha, registada no Censual do Bispo D. Pedro, do século XI.

Referências bibliográficas: Fernandes 2005, 173



Capela de Santo António

Capela dedicada a Santo António, de planta rectangular, em alvenaria granítica de aparelho regular. A cobertura, de duas águas, assenta em cornija de perfil em S e é coroada com pináculos nos cunhais das empenas.

Na fachada ocidental, um pequeno campanário de arco peraltado remata a empena e na fachada traseira um elemento arquitectónico decorado com a cabeça de carneiro, a que se sobrepõem uma cruz, tipo florentina, sobre peanha.

A porta axial é em arco de volta perfeita, testemunhando a permanência das soluções arquitectónicas medievais. Aquando da visita não foi possível observar o interior.

Referências bibliográficas: Craesbeeck 1992, 145; Fernandes 2005, 163; Vieira 2000, 417



Capela de S. Lourenço / Igreja Paroquial de Agra

Antiga capela dedicada a S. Lourenço, hoje igreja da paróquia de Agra, instituída na segunda metade do século XX. De planta rectangular, é construída em alvenaria granítica de aparelho regular e com cobertura telhada de duas águas, coroada com pináculos e cruces latinas, também em granito.

A fachada principal tem porta rectangular ladeada por mísulas/floreiras e uma pequena janela quadrangular. A torre sineira, de construção recente, está adossada à capela. Em 1965, como testemunha a data gravada no fecho do arco triunfal, foi-lhe acrescentada a capela-mor e mais recentemente ampliada esta para Sul, formando uma espécie de transepto lateral.

No interior, modesto, sobressai o retábulo policromo onde se abriga a imagem de S. Lourenço. Esta capela está referenciada nas Memórias Paroquiais de 1758.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 453; Craesbeeck 1992, 145; Fernandes 2005, 119.



Capela da Casa Nova

Capela com nave e capela-mor retangulares, construída em alvenaria granítica rebocada. A fachada principal apresenta frontão curvo encimado por vão quadrilobado. A cobertura, de duas águas, sobre cornija, tem empena tipo laços, rematada com cruz latina sobre peanha, ladeada por pináculos também em granito.

Na padieira da porta foi gravada a seguinte inscrição "AË FACTA EVITA FAN ? S= 47". Esta capela está referenciada nas Memórias Paroquiais de 1758.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 453; Craesbeeck 1992, 145; Fernandes 2005, 182



Capela de Nossa Senhora da Conceição

Capela dedicada a N^a Sr.^a da Conceição, de planta rectangular, construída em alvenaria granítica de aparelho regular. A cobertura, de duas águas em telha de aba e canudo, é coroada com pináculos nos cunhais e cruz latina sobre o remate das empenas.

A porta é encimada por um frontão triangular, ladeado por dois pináculos e encimado por um óculo circular. Sobre a cobertura da sacristia, um volume adossado posteriormente no lado Norte, existe um campanário de arco peraltado, com a data de 1666, que abriga um pequeno sino.

Aquando da visita não foi possível observar o interior, no entanto, segundo registos bibliográficos, no altar-mor existe a

data de 1604. Esta capela aparece já referenciada nas Memórias Paroquiais de 1758.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 453; Craesbeeck 1992, 145; Fernandes 2005, 146



Inventário de património

Rossas



Casa do Bairral

Solar rural composto por um corpo rectangular principal e outros corpos menores que se organizam em torno de um pátio interior, incluindo uma capela, abrindo esta para o exterior do conjunto. A edificação é em alvenaria granítica rebocada e pintada.

As fachadas são animadas por múltiplos vãos moldurados de portas, janelas e varandas, incorporando estes varandins de ferro forjado. A cobertura, sobre cornija, é telhada. O portal com remate tipo lanços, tem dois pináculos sobre os cunhais.

Segundo a proprietária, a casa foi restaurada e ampliada em 1910, ano em que terá sido destruída a pedra de armas que encimava o portal. A edificação original remonta ao século XVII, atribuindo-se à

iniciativa do capitão-mor Bernardo José Leite da Cunha Vasconcelos.

A capela dedicada a S. José, anexa à Casa do Bairral, é uma construção em alvenaria granítica rebocada e pintada, com cunhais e empenas em cantaria granítica aparente. Tem planta rectangular e cobertura, sobre cornija, de duas águas, coroada com pináculos sobre os cunhais e cruzes latinas sobre peanha. A fachada, simples, tem dois pequenos sinos em ferro e sobre a porta um óculo circular.

O interior é muito modesto. Segundo a proprietária, a capela tinha um retábulo em talha dourada, que terá sido destruído em 1910.

Referências bibliográficas: Fernandes 2005, 113; Stoop 2000, 278



Casa de Lodeirô

Solar rural de planta rectangular, com pátio interior e capela anexa no topo poente, construída em granito de aparelho pseudo-isódomo. A cobertura, em telha de canudo, assenta sobre cornija e entablamento moldurados, também em granito.

Na fachada virada à rua observam-se seis varandas sustentadas por bacias e mísulas graníticas, havendo uma sustentada por uma magnífica carranca de um homem emplumado. As janelas, rectangulares, são molduradas com decoração barroquizante.

Na padieira da porta, no interior da casa, está gravada a inscrição " ANNO MDCCLXVIII". Em 1799 era seu proprietário

Pedro Vieira de Abreu, que nessa data casou com D. Antónia Violante Ferreira Pacheco de Melo e Silva. A capela anexa à Casa de Lodeirô é dedicada a N^{ra} Sr.^a do Carmo. Construída em alvenaria granítica rebocada, tem nave e capela-mor rectangulares. A fachada apresenta porta moldurada que remata com querubim, cartela moldurada e concha, encimada com óculo quadrilobado, guarnecido com volutas, finalizando com empenas tipo lanços. A cobertura, de duas águas, é coroada com pináculos nos cunhais e cruz latina sob esfera, em granito. Aquando da visita não foi possível observar o interior.

Referências bibliográficas: Stoop 2000, 279; Fernandes 2005, 148; Vieira 2000, 420



Inventário de património

Rossas



Aldeia de Agra

A aldeia de Agra, classificada como 'Aldeia de Portugal', é um característico aglomerado rural minhoto, encaixado num abrigado e fértil alvéolo da vertente Sudeste da Serra da Cabreira.

Possui inúmeras edificações com interesse arquitectónico, sobressaindo algumas casas de lavoura, várias das quais datadas do século XVIII, como se observa nas inscrições gravadas em algumas padieiras de portas.

São ainda motivo de interesse a capela de S. Lourenço, sede da paróquia de Agra, inúmeros espigueiros e moinhos e a ponte de Parada.

Por conservar muito do seu carácter original, a que não será alheia a manutenção da actividade agrícola, Agra tem também beneficiado de investimentos na recuperação de muitas casas de habitação, que constituem já uma boa oferta de alojamento turístico.

Referências bibliográficas: Campos 1997, 8



Espigueiro da Casa Nova

É o maior e por isso mais notável espigueiro existente no concelho de Vieira do Minho. Com cerca de 25 metros de comprimento, tem trinta pés com mós em forma de mesa, excepto um par de pés com duas mós individuais, tudo em granito.

As padieiras, colunas e cápeas são também em granito. Parte dos balaústres são em madeira e outra foi substituída por pequenos tijolos. A cobertura é em telha marselha.

Moinho do Ave

Moinho situado na margem esquerda do rio Ave, sobre um afloramento granítico. É de planta rectangular e construído em perpiano bem esquadrado, com faces exteriores lisas e interiores irregulares, afeiçoadas a picão. A cobertura, de duas águas, é de lajes graníticas também afeiçoadas, dispostas longitudinalmente.

No interior existe ainda a mó dormente ou pouso, em granito. No exterior observa-se a caleira estruturada em granito.



Ruivães



Localizada na parte Nordeste do concelho, a freguesia de Ruivães encontra-se limitada a Norte pelo rio Cávado, a Este pela freguesia de Campos, a Sul pelas freguesias de Anjos e Vilar Chão e a Oeste pelas freguesias de Pinheiro, Cantelães e Salamonde.

A freguesia de Ruivães tem origem na medieval freguesia de S. Martinho de Vilar de Vacas, referenciada nas Inquirições de 1258. Foi concelho até ao ano de 1853, altura que passou a integrar, como freguesia, o actual concelho de Vieira do Minho.

As festas dedicadas a S. Sebastião e Santa Bárbara realizam-se no 3.º domingo de Agosto, a da Senhora dos Remédios no dia 8 de Setembro, o dia de S. Pedro festeja-se no dia 29 de Junho, o de Santa Isabel no 1º domingo de Julho, o dia de Nossa Senhora da Saúde no 2.º domingo de Julho e o de Nossa Senhora do Amparo e Santa Bárbara realiza-se no último domingo de Julho.

Em 2001, a freguesia de Ruivães registou 931 residentes, distribuídos pelos lugares de Vale, Pousadouro, Barroca, Espindo, Vila, Quintã, Zebral, Botica, Santa Leocádia, Soutelos e Frades, dedicando-se a

maior parte da população activa à agricultura e ao pequeno comércio.

Quanto ao património, em Ruivães registaram-se 275 sítios com interesse patrimonial, 47 com interesse arqueológico e 228 com interesse arquitectónico.

Referências bibliográficas:

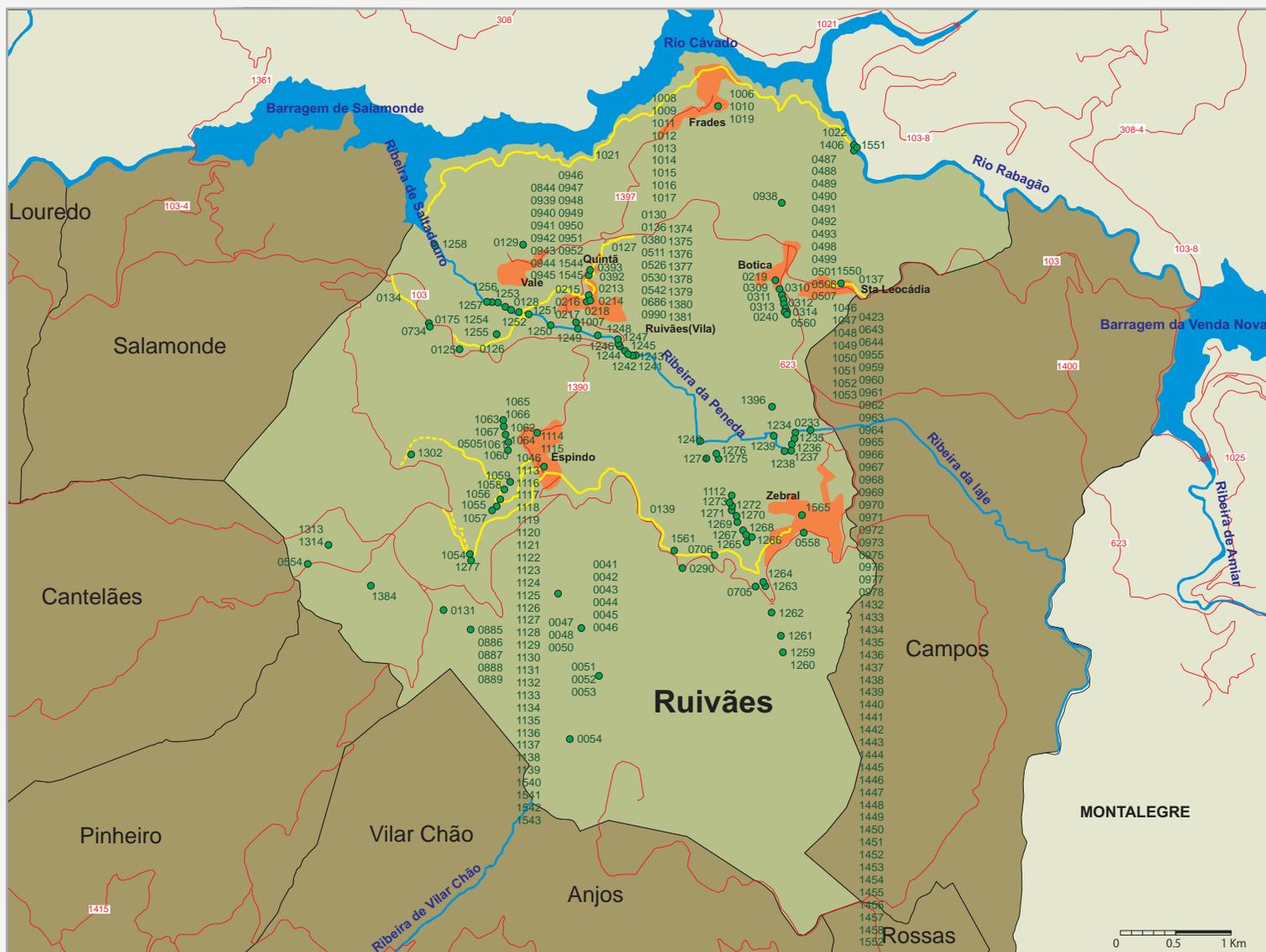
Capela 2003, 454 - 455; Costa 1868-1869, 454; Costa 2000, 119 e 312.

Inventário de património

Ruivães

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- | | | |
|---|--|---|
| 0041 - Cabana 1 do Toco | 0487 - Cruzeiro de Botica | 0955 - Epigrafe 1 de Zebral |
| 0042 - Cabana 2 do Toco | 0488 - Espigueiro 1 de Botica | 0959 - Espigueiro 1 de Zebral |
| 0043 - Cabana 3 do Toco | 0489 - Espigueiro 2 de Botica | 0960 - Espigueiro 2 de Zebral |
| 0044 - Cabana 5 do Toco | 0490 - Espigueiro 3 de Botica | 0961 - Espigueiro 3 de Zebral |
| 0045 - Cabana 4 do Toco | 0491 - Espigueiro 4 de Botica | 0962 - Espigueiro 4 de Zebral |
| 0046 - Cabana 6 do Toco | 0492 - Espigueiro 5 de Botica | 0963 - Espigueiro 5 de Zebral |
| 0047 - Cabana 7 do Toco | 0493 - Espigueiro 6 de Botica | 0964 - Casa dos Pardieiros |
| 0048 - Cabana 8 do Toco | 0498 - Espigueiro 7 de Botica | 0965 - Espigueiro 1 da Casa dos Pardieiros |
| 0050 - Cabana 9 do Toco | 0499 - Espigueiro 8 de Botica | 0966 - Espigueiro 2 da Casa dos Pardieiros |
| 0051 - Cabana Fragas do Tremonha | 0501 - Espigueiro 9 de Botica | 0967 - Espigueiro 3 da Casa dos Pardieiros |
| 0052 - Cabana 1 de Chã de Louzas | 0505 - Caminho de Espindo a Cantelães | 0968 - Capela de S. Pedro |
| 0053 - Cabana 2 de Chã de Louzas | 0506 - Epigrafe 1 de Botica | 0969 - Espigueiro 6 de Zebral |
| 0054 - Cabana da Chã do Prado | 0507 - Epigrafe 2 de Botica | 0970 - Espigueiro 7 de Zebral |
| 0125 - Pontão da Ribeira de Corga de Mendo | 0511 - Espigueiro 10 de Ruivães | 0971 - Espigueiro 8 de Zebral |
| 0126 - Pontão 1 da Ribeira de Chedas | 0526 - Espigueiro 11 de Ruivães | 0972 - Espigueiro 9 de Zebral |
| 0127 - Caminho de Ruivães | 0530 - Espigueiro 12 de Ruivães | 0973 - Alminhas de Zebral |
| 0128 - Ponte da Rês | 0542 - Espigueiro 13 de Ruivães | 0975 - Espigueiro 10 de Zebral |
| 0129 - Outeiro do Vale | 0554 - Cabana 3 de Serradela | 0976 - Espigueiro 11 de Zebral |
| 0130 - Alto de S. Cristovão | 0558 - Moinho de Zebral | 0977 - Espigueiro 12 de Zebral |
| 0131 - Aldeia Velha da Portela | 0560 - Epigrafe 4 de Botica | 0978 - Espigueiro 13 de Zebral |
| 0134 - Caminho do Outeiro dos Púcaros | 0643 - Espigueiro 15 de Zebral | 0990 - Epigrafe da casa de Manuel Ferreira |
| 0136 - Alto de S. Cristovam | 0644 - Espigueiro 16 de Zebral | 1006 - Capela de N ^a Sr ^a do Amparo |
| 0137 - Caminho de Santa Leocádia | 0686 - Epígrafes da Casa do Cristovão | 1007 - Capela de Santa Teresa e São Cristovão |
| 0139 - Caminho de Zebral | 0705 - Pontão 1 de Zebral | 1008 - Espigueiro 1 de Frades |
| 0175 - Pontão da Mua | 0706 - Pontão 2 de Zebral | 1009 - Espigueiro 2 de Frades |
| 0213 - Igreja de S. Martinho de Ruivães | 0734 - Gravuras da Mua | 1010 - Alminhas 2 de Frades |
| 0214 - Espigueiro 1 de Ruivães | 0844 - Epigrafe de Vale | 1011 - Espigueiro 3 de Frades |
| 0215 - Casa do Capitão - mor ou Casa de Dentro | 0885 - Cabana 1 das Fragas do Toco | 1012 - Espigueiro 4 de Frades |
| 0216 - Casa padre Júlio Cândido César | 0886 - Cabana 2 das Fragas do Toco | 1013 - Moinho 1 de Frades |
| 0217 - Capela N ^a Sr ^a da Conceição | 0887 - Cabana 3 das Fragas do Toco | 1014 - Moinho 2 de Frades |
| 0218 - Pelourinho de Ruivães | 0888 - Cabana 4 das Fragas do Toco | 1015 - Espigueiro 5 de Frades |
| 0219 - Capela N ^a Sr ^a dos Remédios | 0889 - Cabana 5 das Fragas do Toco | 1016 - Espigueiro 6 de Frades |
| 0233 - Ponte dos Pardieiros | 0938 - Mamoá das Mariolas | 1017 - Alminhas de Frades |
| 0240 - Epigrafe 3 da Botica | 0939 - Espigueiro 1 de Vale | 1019 - Aldeia de Espindo |
| 0290 - Laje dos Cantinhos | 0940 - Espigueiro 2 de Vale | 1021 - Caminho do Saltadouro |
| 0309 - Moinho 1 de Botica | 0941 - Espigueiro 3 de Vale | 1022 - Ponte da Misarela |
| 0310 - Moinho 2 de Botica | 0942 - Espigueiro 4 de Vale | 1046 - Letreiro da casa de Francisco Alves Escorrega |
| 0311 - Moinho 3 de Botica | 0943 - Espigueiro 5 de Vale | 1047 - Espigueiro 1 da Casa do Brasileiro |
| 0312 - Moinho 4 de Botica | 0944 - Espigueiro 6 de Vale | 1048 - Espigueiro 2 da Casa do Brasileiro |
| 0313 - Moinho 5 de Botica | 0945 - Espigueiro 7 de Vale | 1049 - Epigrafe da Casa do Batoca |
| 0314 - Moinho 6 de Botica | 0946 - Espigueiro 8 de Vale | 1050 - Espigueiro da Casa do Batoca |
| 0380 - Moinho de Ruivães | 0947 - Espigueiro 9 de Vale | 1051 - Espigueiro 1 de Santa Leocádia |
| 0392 - Espigueiro 8 de Ruivães | 0948 - Casa do Corvo | 1052 - Espigueiro 2 de Santa Leocádia |
| 0393 - Espigueiro 9 de Ruivães | 0949 - Capela de N ^a Sr ^a da Saúde | 1053 - Espigueiro 3 de Santa Leocádia |
| 0423 - Espigueiro 14 de Zebral | 0950 - Espigueiro 10 de Vale | 1054 - Moinho 1 da Ribeira de Chedas |
| | 0951 - Espigueiro 11 de Vale | |
| | 0952 - Espigueiro 12 de Vale | |



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da Freguesia de Ruivães

Inventário de património

Ruivães

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- | | | |
|---------------------------------------|--|---|
| 1055 - Moinho 2 da Ribeira de Chedas | 1240 - Moinho 36 do Rio da Peneda | 1380 - Espigueiro 7 de Ruivães |
| 1056 - Moinho 3 da Ribeira de Chedas | 1241 - Moinho 37 do Rio da Peneda | 1381 - Epígrafe do Fontanário de Ruivães |
| 1057 - Moinho 4 da Ribeira de Chedas | 1242 - Moinho 38 do Rio da Peneda | 1384 - Fojo da Alagoa |
| 1058 - Moinho 5 da Ribeira de Chedas | 1243 - Moinho 39 do Rio da Peneda | 1396 - Cabana da Peneda |
| 1059 - Moinho 6 da Ribeira de Chedas | 1244 - Moinho 40 do Rio da Peneda | 1406 - Abrigo da Misarela |
| 1060 - Ponte do Meio | 1245 - Moinho 41 do Rio da Peneda | 1432 - Espigueiro 17 de Zebral |
| 1061 - Moinho 7 da Ribeira de Chedas | 1246 - Lagar do Rio da Peneda | 1433 - Espigueiro 18 de Zebral |
| 1062 - Moinho 8 da Ribeira de Chedas | 1247 - Moinho 42 do Rio do Saltadouro | 1434 - Espigueiro 19 de Zebral |
| 1063 - Moinho 9 da Ribeira de Chedas | 1248 - Moinho 43 do Rio do Saltadouro | 1435 - Espigueiro 20 de Zebral |
| 1064 - Moinho 10 da Ribeira de Chedas | 1249 - Moinho 44 do Rio do Saltadouro | 1436 - Espigueiro 21 de Zebral |
| 1065 - Moinho 11 da Ribeira de Chedas | 1250 - Moinho 45 do Rio do Saltadouro | 1437 - Espigueiro 22 de Zebral |
| 1066 - Moinho 12 da Ribeira de Chedas | 1251 - Moinho 46 do Rio do Saltadouro | 1438 - Espigueiro 23 de Zebral |
| 1067 - Pontão 2 da Ribeira de Chedas | 1252 - Moinho 47 do Rio do Saltadouro | 1439 - Espigueiro 24 de Zebral |
| 1112 - Silha de Zebral | 1253 - Moinho 48 do Rio do Saltadouro | 1440 - Espigueiro 25 de Zebral |
| 1113 - Espigueiro 1 de Espindo | 1254 - Moinho 49 do Rio do Saltadouro | 1441 - Espigueiro 26 de Zebral |
| 1114 - Capela de Santa Isabel | 1255 - Moinho 50 do Rio do Saltadouro | 1442 - Espigueiro 27 de Zebral |
| 1115 - Cruzeiro de Espindo | 1256 - Moinho 51 do Rio do Saltadouro | 1443 - Espigueiro 28 de Zebral |
| 1116 - Casa do Barroca | 1257 - Moinho 52 do Rio do Saltadouro | 1444 - Espigueiro 29 de Zebral |
| 1117 - Epígrafes da Casa de Baiteira | 1258 - Moinho 53 do Rio do Saltadouro | 1445 - Espigueiro 30 de Zebral |
| 1118 - Espigueiro 3 de Espindo | 1259 - Moinho 1 da Ribeira do Caldeirão | 1446 - Espigueiro 31 de Zebral |
| 1119 - Espigueiro 2 de Espindo | 1260 - Moinho 2 da Ribeira do Caldeirão | 1447 - Espigueiro 32 de Zebral |
| 1120 - Espigueiro 5 de Espindo | 1261 - Moinho 3 da Ribeira do Caldeirão | 1448 - Espigueiro 33 de Zebral |
| 1121 - Espigueiro da Casa Baiteira | 1262 - Moinho 4 da Ribeira do Caldeirão | 1449 - Espigueiro 34 de Zebral |
| 1122 - Espigueiro 6 de Espindo | 1263 - Moinho 5 da Ribeira do Caldeirão | 1450 - Espigueiro 35 de Zebral |
| 1123 - Espigueiro 7 de Espindo | 1264 - Moinho 6 da Ribeira do Caldeirão | 1451 - Espigueiro 36 de Zebral |
| 1124 - Alminhas 1 de Espindo | 1265 - Moinho 7 da Ribeira do Caldeirão | 1452 - Espigueiro 37 de Zebral |
| 1125 - Espigueiro 8 de Espindo | 1266 - Moinho 8 da Ribeira do Caldeirão | 1453 - Espigueiro 38 de Zebral |
| 1126 - Espigueiro 9 de Espindo | 1267 - Moinho 10 da Ribeira do Caldeirão | 1454 - Espigueiro 39 de Zebral |
| 1127 - Espigueiro 10 de Espindo | 1268 - Moinho 9 da Ribeira do Caldeirão | 1455 - Espigueiro 40 de Zebral |
| 1128 - Espigueiro 11 de Espindo | 1269 - Moinho 11 da Ribeira do Caldeirão | 1456 - Espigueiro 41 de Zebral |
| 1129 - Espigueiro 12 de Espindo | 1270 - Moinho 12 da Ribeira do Caldeirão | 1457 - Espigueiro 42 de Zebral |
| 1130 - Espigueiro 13 de Espindo | 1271 - Moinho 13 da Ribeira do Caldeirão | 1458 - Espigueiro 43 de Zebral |
| 1131 - Espigueiro 14 de Espindo | 1272 - Moinho 14 da Ribeira do Caldeirão | 1540 - Epígrafe da casa do Romano |
| 1132 - Espigueiro 15 de Espindo | 1273 - Moinho 15 da Ribeira do Caldeirão | 1541 - Epígrafe da casa da Pureza |
| 1133 - Espigueiro 16 de Espindo | 1274 - Moinho 16 da Ribeira do Caldeirão | 1542 - Epígrafe da casa de José Pires Pinto |
| 1134 - Espigueiro 17 de Espindo | 1275 - Moinho 17 da Ribeira do Caldeirão | 1543 - Epígrafe da casa do Soares |
| 1135 - Alminhas 2 de Espindo | 1276 - Moinho 18 da Ribeira do Caldeirão | 1544 - Epígrafe da casa de Domingos Oliveira |
| 1136 - Espigueiro 18 de Espindo | 1277 - Pontão do Poldro | 1545 - Epígrafe da casa de João Barbado Fernandes |
| 1137 - Espigueiro 19 de Espindo | 1302 - Cabana da Chã dos Pinheiros | 1546 - Epígrafe da fonte de Espindo |
| 1138 - Espigueiro 20 de Espindo | 1313 - Cabana 1 da Serradela | 1550 - Espigueiro 4 de Santa Leocádia |
| 1139 - Espigueiro 4 de Espindo | 1314 - Cabana 2 da Serradela | 1551 - Moinho do Rabagão |
| 1234 - Moinho 30 do Rio da Peneda | 1374 - Espigueiro 1 de Ruivães | 1552 - Epígrafe 2 de Zebral |
| 1235 - Moinho 31 do Rio da Peneda | 1375 - Espigueiro 2 de Ruivães | 1561 - Cabana da Gandara |
| 1236 - Moinho 32 do Rio da Peneda | 1376 - Espigueiro 3 de Ruivães | 1565 - Milário de Zebral |
| 1237 - Moinho 33 do Rio da Peneda | 1377 - Espigueiro 4 de Ruivães | |
| 1238 - Moinho 34 do Rio da Peneda | 1378 - Espigueiro 5 de Ruivães | |
| 1239 - Moinho 35 do Rio da Peneda | 1379 - Espigueiro 6 de Ruivães | |

Inventário de património

Ruivães



Via Romana

Troço de caminho que integrava a antiga ligação viária Braga-Chaves, já de origem romana, cujo traçado no território de Vieira do Minho é bem conhecido, correndo pela margem esquerda dos rios Rabagão e Cávado e que desde 2005 foi integrado no projecto 'Vias Augustas'.

O troço conservado tem início no lugar de Rebordondo (freguesia de Salamonde) e vai até Ruivães. É parcialmente lajeado e ao longo do seu traçado identificam-se uma poça, o Pontão da Ribeira de Corgo de Mendo, o Pontão da Ribeira de Chedas e a Ponte da Rês, Velha ou de Ruivães, como é conhecida. É de referir que este caminho foi cortado pela Quinta da Cruz, em Ruivães.

Referências bibliográficas: Baptista 1990; Capela 1987; Peixoto 1967; Pinheiro 1865

Miliário de Zebral

No interior da capela de S. Pedro, fixado no chão com cimento, conserva-se um fragmento de miliário romano, reutilizado outrora como pia baptismal.

É um fragmento de fuste cilíndrico, com cerca de 50 cm de altura e 40 de diâmetro, percebendo-se na face uma inscrição "CAESAR. / NCVS. / IV".

Este fragmento de miliário deve corresponder ao que Jerónimo Contador de Argote inventariou em 1732, designando erradamente o orago da capela como S. Martinho.

Referências bibliográficas: Argote 1732, 575



Inventário de património

Ruivães

Alto de S. Cristóvão

Povoado implantado a cerca de 650 metros de altitude, na bordadura Nordeste do planalto do Barroso, na margem esquerda dos rios Rabagão e Cávado e sobranceiro à sua confluência.

No Outeiro de S. Cristóvão, que limita a Norte o alvéolo que se estende até ao Outeiro do Curral, conservam-se vestígios de quatro sepulturas escavadas na rocha granítica duas completas, de forma antropomórfica bem desenhada e duas incompletas, de que restam o topo das cabeceiras. Destinadas a enterrar adultos, têm os pés orientados para nascente e a cabeça para poente.

Nos terrenos contíguos ao afloramento rochoso onde foram escavadas as sepulturas observam-se inúmeros alinhamentos de paredes arruinadas, desenhando edificações de planta rectangular e quadrada. A edificação que ostenta paredes mais espessas que as restantes é considerada pela população local como ruína de uma antiga igreja. Nas proximidades, abandonada contra um muro de divisão de propriedade, encontra-se a taça fragmentada de uma provável pia baptismal.

Por aqui passa o caminho lajeado que ainda há poucos anos ligava o lugar de Ruivães, para Sudoeste, a Botica, para Este.

Trata-se de ruínas de um povoado medieval, o qual se julga corresponder à sede de S. Martinho de Vilar de Vacas, freguesia referenciada nas Inquirições de 1258 e da qual terá evoluído a actual aldeia de S. Martinho de Ruivães. Da aldeia de S. Martinho de Vilar de Vacas pode dizer-se que era sede de um território bastante povoado no século XIII incluía as aldeias da actual freguesia de Campos, factor que terá contribuído para que mais tarde, já como Ruivães, tenha atingido o estatuto de concelho.

Referências bibliográficas: Argote 1734, 575; Barroca 1987, 152-153; Fontes 1998, VM 08; Peixoto 1967, 370; Teixeira 1940; Vieira 2000, 337, 342, 434

URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>





Ponte de Rês

A Ponte da Rês, Ponte Velha ou Ponte de Ruivães, como é conhecida, situa-se sobre a Ribeira do Saltadouro, fazendo a ligação entre Salamonde e Ruivães. Integrava o traçado da antiga via que ligava Braga-Chaves.

É uma ponte com um só arco de volta perfeita, solidamente alicerçado nas margens através de arranques de paramentos divergentes, em boa cantaria granítica de aparelho pseudo-isódomo. Tem tabuleiro horizontal com guardas graníticas e pavimento lajeado, no qual se observam as marcas dos rodados dos carros.

Admitindo-se que possa ter conhecido algumas reparações, como sugere o tabuleiro horizontal, esta ponte revela características construtivas plenamente medievais, evidenciadas pelas siglas que ostenta no intradorso do arco, as quais sugerem uma cronologia em torno dos séculos XIII-XIV.

Referências bibliográficas: Fontes 1993, 56

URL: <http://www.monumentos.pt>



Ponte da Misarela

A Ponte da Misarela, célebre por ter sido palco de combates ao tempo das Invasões Francesas e também por aí se celebrarem os lendários batismos das "Senhorinhas" e dos "Gervásios", é uma notável obra de engenharia.

Elevando-se a mais de 15 metros sobre o leito do rio Rabagão, possui um só arco que vence um vão com mais de 10 metros de largura, alicerçando-se solidamente nas escarpas graníticas das margens com as guardas também em granito, sendo as que se situam a montante, mais próximas da margem esquerda, de construção recente.

O aro do arco apresenta um cuidado aparelho de cantaria, possuindo dois patamares de encaixes para o cimbre. Os paramentos são em alvenaria granítica irregular, compensando-se a menor qualidade construtiva com o seu maior

espessamento na ligação às margens. O tabuleiro eleva-se em cavalete assentando directamente no extradorso do arco, sendo pavimentado com lajes graníticas. As guardas são também em granito.

Referências bibliográficas: Guia de Portugal 1986, 871, 875, 879; Fontes 1993, 57

URL: <http://www.monumentos.pt>;
<http://www.ippar.pt>

Imóvel de Interesse Público. Decreto 42007 de 6 de Dezembro de 1958.



Inventário de património

Ruivães



Pelourinho de Ruivães

O pelourinho de Ruivães levanta-se sobre embasamento quadrangular com três degraus. É composto por base cúbica, fuste cilíndrico e capitel onde assenta um cubo coroado por cone truncado, tudo em granito.

Numa das faces estão gravadas as armas de Portugal Antigo. Nos quatro vértices do capitel cravaram-se quatro ganchos de ferro, com argolas.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 69; Chaves 1939, 97; Nóbrega 1974, 62-65

URL: <http://www.monumentos.pt>;
<http://www.ippar.pt>

Classificado como IIP Imóvel de Interesse Público pelo Dec. N.º 23 122, DG 231, de 11 de Outubro de 1933

Igreja de Ruivães

Igreja paroquial de Ruivães, dedicada a S. Martinho. Tem nave e capela-mor rectangulares, com sacristia adossada, na base da qual se incorporaram tampas sepulcrais epigrafadas de época moderna. É construída em alvenaria granítica de aparelho regular, apresentando cobertura de duas águas sobre cornija, com pináculos e cruces latinas de granito a coroarem as empenas. A torre sineira encontra-se adossada à fachada.

No interior destaca-se o retábulo policromo, os altares laterais e os tectos pintados, na nave com a figuração da cena em que S. Martinho corta a sua capa para a dar ao pobre. Esta igreja, datável do século XVIII, veio substituir a primitiva igreja de S. Martinho de Vilar de Vacas, assim designada no século XI no Censual do Bispo D. Pedro e que corresponde hoje às ruínas de S. Cristóvão.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 454; Costa 1868-1869, 454; Costa 2000, 119, 312; Vieira 2000, 337



Laje dos Cantinhos

Num afloramento granítico sobranceiro à ribeira dos Gaviões, identificam-se três lajes de superfície horizontal, parcialmente recobertas por uma camada humosa, onde se encontram gravados inúmeros motivos geométricos e esquemáticos. Predominam os quadrados, reticulados ou simples, com ou sem fossetes, os cruciformes e motivos compósitos de círculos encimados por cruciformes e interior preenchido com uma espécie de estrela de cinco pontas.

Os motivos foram gravados na rocha através de técnicas mistas de martelagem, picotagem e abrasão, apresentando acabamentos pouco cuidados e traços irregulares.

O complexo de gravuras rupestres ao ar livre do Zebral apresenta-se com uma funcionalidade e sentido dificilmente

apreensíveis, não havendo dúvida que constitui uma expressão artística que monumentaliza a paisagem, sendo comparável a diversos outros monumentos já conhecidos no Norte de Portugal, atribuindo-se-lhes uma cronologia compreendida entre a Idade do Ferro e a Idade Média.

Foi proposta a sua classificação como Imóvel de Interesse Público.

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM 06

URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>;
<http://www.ippar.pt>

Em vias de classificação pelo Desp. de 28 de Fevereiro de 2000.



Gravuras da Mua

Nas proximidades da ponte da Mua, num afloramento granítico que margina o antigo caminho correspondente à via que ligava Braga a Chaves, identifica-se um extenso painel vertical gravado com motivos geométricos, cruzes, letreiros e muitas datas, a mais antiga de "1697" e as mais recentes de finais do século XIX.

O predomínio de datas e de cruzes sugere tratar-se de gravações relacionadas com verificação de limites, isto é, com delimitação de termos, prática usual desde a Idade Média.



Inventário de património

Ruivães



Capela de Nossa Senhora do Amparo

Capela dedicada a N^a Sr.^a do Amparo, com nave e capela-mor rectangulares. É construída em granito de aparelho pseudo-isódomo. A cobertura, sobre cornija, tem empenas coroadas por cruz sobre peanha e um campanário na fachada, também em granito e pináculos nos cunhais.

O interior é muito modesto, destacando-se uma tampa de sepultura com inscrição sulcada, onde se lê "S. DO RD^o / PE / BENTO / PRA / ANO 1722".

Referências bibliográficas: Capela 2003, 454



Capela de S. Pedro

Capela construída em alvenaria granítica de aparelho misto, com planta rectangular orientada E-O. A cobertura telhada, de duas águas, assenta em cornija e é enquadrada por empenas molduradas coroadas com pináculos nos cunhais e cruz latina sobre peanha, no fecho traseiro.

Na fachada a empena é truncada por um campanário de granito em arco peraltado, com entablamento moldurado coroado por dois pináculos e um cruz latina sobre peanha.

A fachada principal tem porta em ferro encimada com cartela rectangular onde se gravou a inscrição " O PADRE (...): MANO / EL: (...) HO: FERNAN / DE (...). EM . 1883. Esta inscrição poderá corresponder ao ano de ampliação. Na fachada lateral existe uma cruz latina, gravada em baixo relevo.

No interior, modesto e quase arruinado, destaca-se o retábulo em madeira e os tectos pintados com a representação de S. Pedro e dos quatro evangelistas. Junto à porta conserva-se um fragmento de miliário, assente em cimento e que foi utilizado como pia baptismal.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 454





Capela de Santa Teresa e S. Cristóvão

Pequena capela dedicada a Santa Teresa e S. Cristóvão. De planta rectangular, é construída em alvenaria granítica aparente de aparelho regular, com cobertura telhada de duas águas, assente em cornija granítica e enquadrada por empenas molduradas, coroadas com pináculos nos cunhais e cruz latina sobre peanha na fachada. Esta tem porta rectangular, sobrepujada por nicho e ladeada por dois pequenos óculos circulares. Registe-se que este não é o local original da capela, pois esta localizava-se nas proximidades da Ponte Velha ou Ponte da Rês, tendo sido trasladada para o sítio actual e reconstruída cerca de 1930.

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 343



Capela de Santa Isabel

Capela com nave e capela-mor rectangulares, construída em alvenaria granítica, rebocada. A cobertura telhada, de duas águas, assenta sobre cornija e é coroada com pináculos nos cunhais e cruces latinas sobre peanha, nas cumeadas. As janelas laterais são de capialço e as da fachada principal são em arco peraltado.

Sobre a porta da fachada colocou-se uma cartela rectangular, onde se gravou e pintou a inscrição "S / iZabél. Foi PaGO. Pé: / LOS Abitantes Deste / LuGar. Este. Ideficio EM / 1921", data que alude à sua reconstrução, pois a capela de Santa Isabel de Espinho já é mencionada nas 'Memórias Paroquiais' de 1758.

Adossada à capela existe uma torre sineira de construção recente e no adro, a Oeste, o campanário antigo, construído em granito, com arco peraltado que abriga um pequeno sino, decorado com estrela de cinco pontas encimada com cruz latina. Sob o campanário gravou-se uma outra inscrição, " P. S. A. DE / ERMELINDA. C. PE / REIRA. EM. / 1927". No interior da capela-mor elevada, revestida a azulejo, existe um pequeno retábulo de madeira dourada.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 454



Casa do Capitão-Mor ou Casa de Dentro

A Casa do Capitão-Mor, como é hoje designada, é a antiga Casa de Dentro, solar rural armoriado, com pedra de armas sobre o portal, que terá sido mandada gravar em meados do século XVIII por António José de Magalhães Laborão de Almeida, capitão-mor de Ruivães e cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

Trata-se de uma característica casa senhorial rural, de planta em L com pátio interior e portal de aparato. É uma construção em aparelho misto de alvenaria e cantaria graníticas aparentes, que hoje apresenta já algumas transformações. Para além do brasão no portal, existe ainda uma outra pedra de armas, que integra uma tampa sepulcral guardada no interior da capela. Numa das guias graníticas que bordejam a eira, também de lajeado granítico, conserva-se uma inscrição, que não se conseguiu ler, existindo ainda outra junto a um tanque.

Tem anexa a Capela de N^a Sr.^a da Conceição, de planta rectangular e construída em cantaria granítica aparente, com cobertura de duas águas, coroada com pináculos e cruz sobre peanha, em granito. No interior, modesto, sobressai o retábulo policromo e na parede lateral, a parte superior de uma tampa sepulcral com as armas do capitão-mor de Ruivães.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 47, 69; Nóbrega 1974, 66-73; Vieira 2000, 337

Inventário de património

Ruivães



Fojo da Alagôa

O fojo da Alagôa localiza-se na Encosta do Sol, na vertente que desce em frente ao parque de merendas das Casas de Serradela.

Construído em mamposteria granítica, com paredes com cerca de 1 metro de espessura e menos de 1 metro de altura nas partes conservadas, que se estendem cada uma por mais de 200 metros de comprimento, o fojo desenvolve-se numa característica planta em V, descendo dos 800 até aos 750 metros de altitude, fechando na ribeira num poço com cerca de 8 metros de diâmetro.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 455, 456; Sarmiento 1999, 459; Vieira 2000, 144-147.



Aldeia de Espindo

A aldeia de Espindo, já referenciada na documentação do século XIII, implanta-se a meio da vertente Norte da Serra da Cabreira, dominando uma ampla veiga agrícola formada por leiras em socalco, que armam a encosta desde o povoado até às ribeiras. Conserva as suas características de aldeia de montanha, com o aglomerado concentrado, onde são também visíveis bons exemplos de arquitectura vernácula.

Destaca-se um grande número de espigueiros e de moinhos, marca arquitectónica vinculada à economia agrícola da população e algumas casas de habitação, sendo grande parte delas datadas do século XIX.

Não tem igreja, apenas uma capela dedicada a Santa Isabel.

Referências bibliográficas: Campos 1997, 3

Cabana do Toco

Cabana de pastor integrada num muro em mamposteria, praticamente derrubado, correspondente a um redil de planta circular com cerca de 300 metros de perímetro. Encontra-se bem conservada, de planta circular, com cerca de 2 metros de diâmetro e 2 metros de altura máxima, com as paredes a fechar em tecto de falsa cúpula.

Construída com blocos e lajes de granito, montadas em aparelho rudimentar de mamposteria, esta edificação apresenta uma pequena porta, que abre para NE.

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM 24



Alminhas de Zebral

Alminhas compostas por pequena construção de planta rectangular e cobertura de duas águas, integralmente construída em perpiano granítico. A empena da fachada é rematada por pináculos e cruz latina com topos floreados. Sobre a porta, em ferro, foi gravada a data "1812".

No interior abrigam-se outras alminhas, em forma de edícula com arco sobrepujado por carranca e frontão triangular, pintados de verde, amarelo e vermelho, abrigando-se no interior do nicho três painéis, a representar a crucificação de Cristo. Na base gravou-se a data de "1846".

As alminhas foram reconstruídas em 1942.

Moinho da Ribeira de Chedas

Moinho localizado na margem esquerda da ribeira de Chedas, de planta rectangular e construído em alvenaria granítica de aparelho irregular. A cobertura de duas águas é de lajes graníticas dispostas longitudinalmente e com cumeeira capeada.

No interior conservam-se a tremôinha ou tremoia e a adalha, em madeira, assim como as mós em granito.

No exterior conserva-se o eixo do rodízio também em madeira. A água era aduzida por caleira estruturada, em granito, com cubo oblíquo.

Podendo não ser o original, este poderá ser o moinho que na documentação medieval se designa como 'moinho do conde'.



Salamonde



Localizada na margem esquerda do rio Cávado, a freguesia de Salamonde limita a Este com Ruivães, a Sul com Cantelães e a Oeste com Louredo.

A paróquia de São Gens de Salamonde aparece referenciada já desde 1059, tendo pertencido ao antigo concelho de Penafiel de Soás. Foi palco de confrontos aquando das "Invasões Francesas", chegando a igreja paroquial a ser parcialmente destruída.

A festa dedicada a São Gens realiza-se a 25 de Agosto e o Sagrado Coração de Maria e Senhora de Fátima, no 1.º domingo de Agosto.

Em 2001 a freguesia de Salamonde registava 484 pessoas residentes, que se dedicam à agricultura e ao pequeno comércio, distribuídas pelos lugares de Aldeia, Fundevila, Além do Rio, Alameda, Almas e Fragas da Pena Má.

Na freguesia de Salamonde registaram-se 4 sítios com interesse patrimonial arqueológico e 43 sítios com interesse arquitectónico.

Referencias bibliográficas:

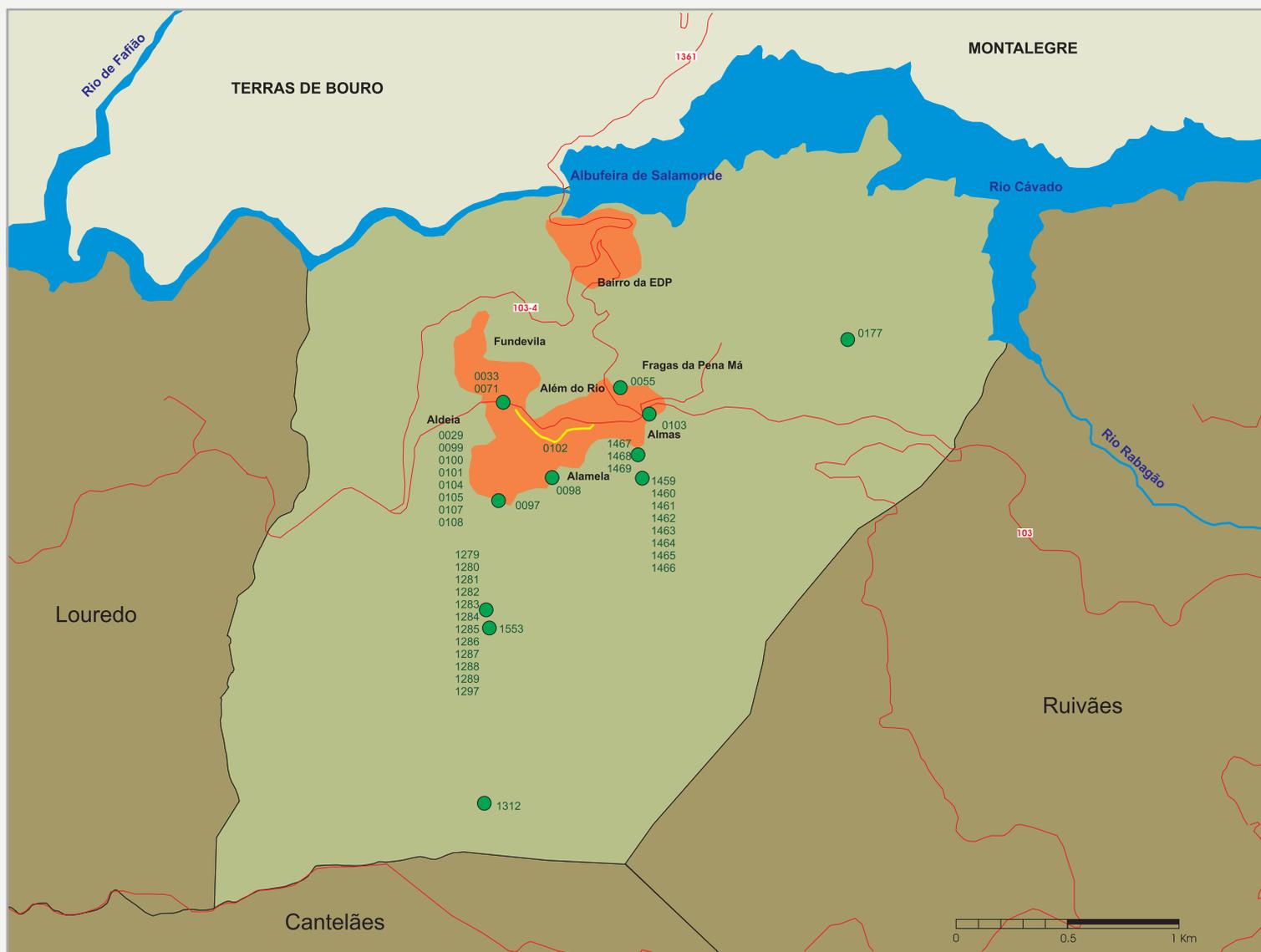
Capela 2003, 455-457; Costa 1868-1869, 140 - 142; Costa 1997, 158; Costa 2000, 118 e 307.

Inventário de património

Salamonde

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0029 - Epigrafe da Casa do Fufo
- 0033 - Epigrafe da Casa da Paulina Henriques
- 0055 - Outeiro da Coroa
- 0071 - Epigrafe da Casa do Cândido Ferreira
- 0097 - Igreja de São. Gens de Salamonde
- 0098 - Espigueiro de Alameda
- 0099 - Espigueiro 1 da Aldeia
- 0100 - Espigueiro de Além Rio
- 0101 - Epigrafe da casa de Alcino da Veiga
- 0102 - Caminho da Aldeia
- 0103 - Capela das Almas
- 0104 - Espigueiro 2 da Aldeia
- 0105 - Espigueiro 3 da Aldeia
- 0107 - Espigueiro de Almas
- 0108 - Espigueiro de Rebordelos
- 0177 - Mamoá dos Moinhos
- 1279 - Espigueiro 1 de Fundevila
- 1280 - Espigueiro 2 de Fundevila
- 1281 - Espigueiro 3 de Fundevila
- 1282 - Espigueiro 4 de Fundevila
- 1283 - Espigueiro 5 de Fundevila
- 1284 - Espigueiro 6 de Fundevila
- 1285 - Espigueiro 7 de Fundevila
- 1286 - Espigueiro 8 de Fundevila
- 1287 - Espigueiro 10 de Fundevila
- 1288 - Espigueiro 12 de Fundevila
- 1289 - Espigueiro 11 de Fundevila
- 1297 - Espigueiro 9 de Fundevila
- 1312 - Cabana de Pena Cova
- 1459 - Moinho 1 de Salmonde
- 1460 - Moinho 2 de Salmonde
- 1461 - Moinho 3 de Salmonde
- 1462 - Moinho 4 de Salmonde
- 1463 - Moinho 5 de Salmonde
- 1464 - Moinho 6 de Salmonde
- 1465 - Moinho 7 de Salmonde
- 1466 - Moinho 8 de Salmonde
- 1467 - Moinho 9 de Salmonde
- 1468 - Moinho 10 de Salmonde
- 1469 - Lagar de Salmonde
- 1553 - Epigrafe da Casa dos Veigas



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Salamonde

Inventário de património

Salamonde

Outeiro da Coroa

Povoado implantado a cerca de 450 metros de altitude, em pequeno outeiro na vertente baixa da encosta setentrional da Serra da Cabreira, na margem esquerda do rio Cávado e sobranceiro à ribeira das Fragas de Pena Má.

O Outeiro da Coroa, como é designado localmente, apresenta vestígios de ocupação antiga concentrados nas plataformas superiores, onde se identificam raros alinhamentos que poderão corresponder a ruínas de edifícios, fragmentos de cerâmica doméstica e de construção e, num talude de acesso recentemente rasgado para a implantação de um poste de alta tensão, estratigrafia arqueológica (lenticulas de cinzas e de barro), junto à qual se recolheu um pote de cerâmica micácea.

Segundo informação de moradora próxima, D. Irene, na encosta poente do outeiro, na abertura dos alicerces para uma casa, "há já alguns anos, foi recolhida uma mó e uma moeda". Os elementos conhecidos sugerem uma cronologia associável à romanização.



Igreja de São Gens de Salamonde

Igreja paroquial de Salamonde, dedicada a São Gens. Da primitiva igreja medieval, que já existiria no século XI, como se regista no Censual do Bispo D. Pedro, não restam quaisquer vestígios. A actual edificação data de meados do século XVIII, como testemunha a data "1760" gravada sobre a porta.

Construída em alvenaria granítica de aparelho regular, tem nave e capela-mor rectangulares, orientadas Este-Oeste, com coberturas independentes de duas águas, assente em cornija moldurada e enquadrada por empenas também molduradas e coroadas por pináculos nos cunhais e cruzes latinas sobre peanhas nos fchos. O aro da porta da fachada principal é moldurado,



sendo sobrepujado por frontão triangular rematado com volutas, por sua vez ladeado por duas pequenas janelas quadrangulares e encimado por um relógio electrico.

No interior, destaca-se o retábulo da capela-mor em madeira policroma. Os tectos abobadados, pintados, foram substituídos por painéis de madeira. Conserva ainda uma pia baptismal de gomos, em granito, com data de 1764.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 456; Costa 1868-1869, 141; Costa 1997, 158; Costa 2000, 118, 307; Craesbeeck 1992, 137

Inventário de património

Salamonde



Capela das Almas

Capela dedicada às "Almas", de planta rectangular e construída em alvenaria granítica de aparelho regular. A cobertura telhada, de duas águas, é coroada com pináculos e cruz latina sobre peanha.

A porta é ladeada por dois nichos de arco peraltado que abrigam painéis de azulejo. Na padieira da porta gravou-se a data "1867". No interior, modesto, destaca-se um pequeno retábulo policromo.



Cabana de Pena Cova

Cabana de pastor de planta circular, construída com lajes graníticas em aparelho de mamposteria e cobertura em falsa cúpula, exteriormente recoberta por torrões.

É uma característica construção de apoio ao pastoreio na serra alta, abrigando os pastores que apascentavam o gado em regime de vezeira.



Espigueiro de Fundo de Vila

Espigueiro de seis pés com mós individuais circulares, em granito. As padieiras, colunas e cápeas são também em granito. Os balaústres, horizontais e biselados, são também em granito. A porta é em madeira, revestida a folha de zinco e a cobertura é em telha de canudo.

É o único espigueiro identificado em Vieira do Minho que apresenta balaústres horizontais de granito, uma solução arquitectónica de influência galega.



Soengas



A freguesia de Soengas tem a particularidade de se situar no meio da freguesia de Caniçada. Está limitada a Este e Oeste pela freguesia da Caniçada. A Norte pelo rio Cávado e a Sul pela freguesia de Tabuaças.

São Martinho de Soengas aparece referenciada desde 1043 como "*Ecclesia de Sancto Martino cum villa de Sodengas*", tendo integrado o extinto concelho de Penafiel de Soás.

A festa dedicada a São Martinho realiza-se no dia 11 de Novembro e a da Senhora do Socorro, no 3.º domingo de Junho.

Em 2001 a freguesia de Soengas registava 161 pessoas, distribuídas pelos lugares de Calvelos, Várzeas e Soengas, dedicando-se à agricultura e ao pequeno comércio.

Quanto ao património registaram-se 16 sítios com interesse arquitectónico.

Referências bibliográficas:

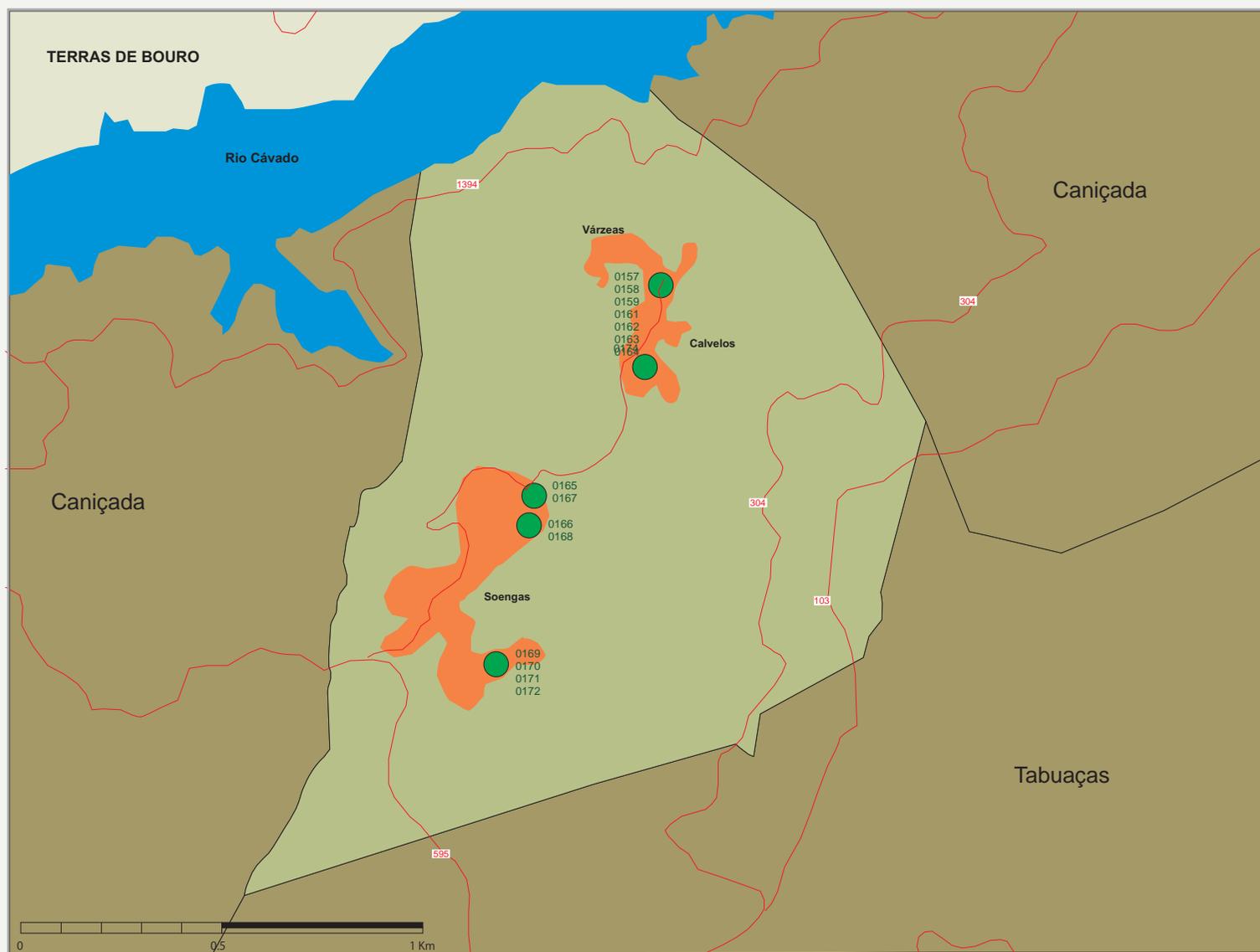
Capela 2003, 455-457; Costa 1868-1869, 140 142; Costa 1997, 158; Costa 2000, 117 e 306.

Inventário de património

Soengas

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0157 - Quinta de Calvelos
- 0158 - Espigueiro 1 da Quinta de Calvelos
- 0159 - Espigueiro 2 da Quinta de Calvelos
- 0161 - Moinho de Calvelos
- 0162 - Lagar de Calvelos
- 0163 - Espigueiro de Calvelos
- 0164 - Capela de Nossa Senhora do Socorro
- 0165 - Espigueiro de São Martinho
- 0166 - Alminhas de São Bento
- 0167 - Moinho de São Martinho
- 0168 - Igreja de São Martinho de Soengas
- 0169 - Casa de Soengas
- 0170 - Espigueiro da Casa de Soengas
- 0171 - Capela de Nossa Senhora da Abadia
- 0172 - Moinho da Casa de Soengas
- 0174 - Espigueiro 3 da Quinta de Calvelos



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
Freguesia de Soengas

Inventário de património

Soengas



Igreja de São Martinho de Soengas

Igreja paroquial de Soengas, dedicada a São Martinho. Com nave e capela-mor rectangulares, é construída em alvenaria granítica de aparelho regular. A cobertura, de duas águas, é coroada com pináculos sobre os cunhais. A empena da fachada tem pináculos sobre os cunhais e remata com campanário de arco peraltado que abriga um sino, coroado com cruz latina sobre peanha e ladeada também por dois pináculos, em granito.

No interior destaca-se a sanefa que emoldura o arco triunfal, em talha dourada ricamente esculpurada. Os altares laterais e mor apresentam retábulos de madeira pintada de traço simples. Os tectos abobadados são revestidos com caixotões pintados. Na parede sul da nave distingue-se um arco moldurado de um altar colateral, hoje entaipado e na parede norte o púlpito com balaustrada de madeira.

A igreja de São Martinho e a vila de Soengas aparecem referenciadas num documento de 1043. No Censual do Bispo D. Pedro, dos finais do século XI, regista-se pela primeira vez a paróquia de São Martinho de Soengas.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 457; Costa 1868-1868, 142; Costa 1997, 158, 306; Costa 2000, 117; Craesbeeck 1992, 139; Vieira 2000, 313-314



Capela de Nossa Senhora da Abadia

Capela dedicada a Nossa Senhora da Abadia. Construída em alvenaria granítica aparente, de aparelho regular, tem planta rectangular e cobertura de duas águas, sobre cornija granítica.

A fachada principal revela um elaborado desenho arquitectónico, onde parecem cruzar-se influências maneiristas e barrocas, sendo animada pelas molduras salientes dos vãos da porta, janelas laterais e óculo circular, a par do pingadouro moldurado e da empena que aparenta um frontão triangular interrompido pelo óculo. Pináculos sobre os cunhais e cruz latina ao centro completam a decoração da fachada.

No interior, modesto, destaca-se um pequeno retábulo policromo e o púlpito de madeira entalhada.

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 314



Soutelo



A freguesia de Soutelo localiza-se na parte Oeste do concelho, confrontando a Norte com a freguesia de Tabuaças, a Este e Sudeste com a freguesia de Anissó e a Sul e Oeste com o concelho de Póvoa de Lanhoso.

Santo Adrião de Soutelo está referenciada desde 1059, como "*Villa Sautello (...) et villa Nizola*" e a partir de 1220 como "*Sancto Adriano de Sautello*".

É em Soutelo que se localiza o Santuário de Nossa Senhora da Lapa, que se festeja no 2.º domingo de Julho.

Em 2001 a freguesia de Soutelo registava 215 pessoas, com uma população

activa maioritariamente dedicada à agricultura e ao pequeno comércio, distribuídos pelos lugares de Igreja, Soutelo, Outeiro, Mó e Passos.

Em relação ao património registaram-se 24 sítios com interesse. 23 são valores arquitectónico e apenas 1 de interesse arqueológico.

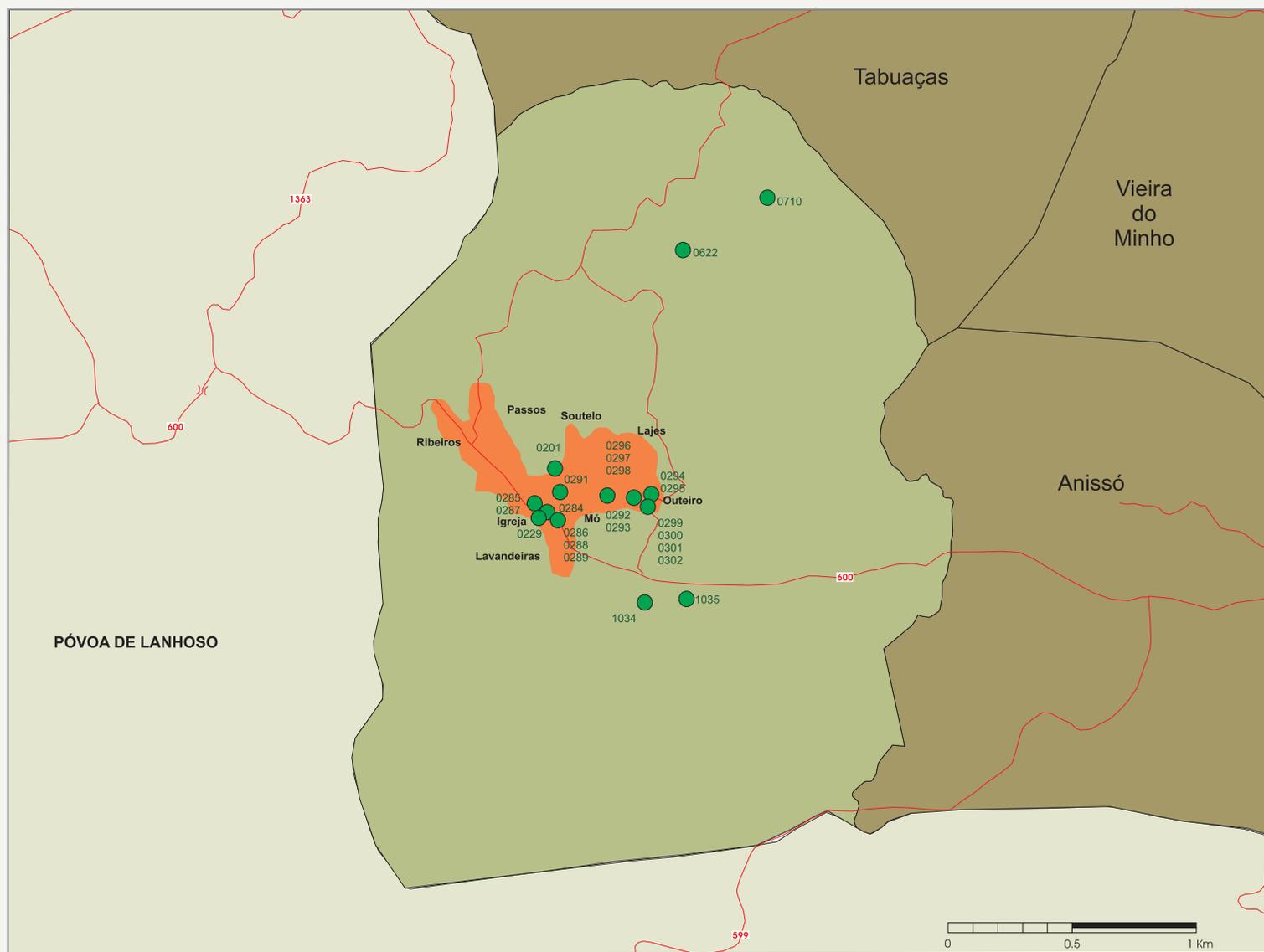
Referencias bibliográficas:
Capela 2003, 458-459; Costa 1868-1869, 142 - 144; Costa 1997, 158.

Inventário de património

Soutelo

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0201 - Espigueiro 1 da Casa da Lavandeira
- 0229 - Espigueiro 2 da Casa da Lavandeira
- 0284 - Igreja de Santo Adrião de Soutelo
- 0285 - Cruzeiro da Igreja
- 0286 - Espigueiro 1 da Igreja
- 0287 - Espigueiro 2 da Igreja
- 0288 - Espigueiro 3 da Igreja
- 0289 - Espigueiro 4 da Igreja
- 0291 - Casa da Lavandeira
- 0292 - Casa da Capela
- 0293 - Capela da Casa da Capela
- 0294 - Casa da Calçada
- 0295 - Espigueiro da Casa da Calçada
- 0296 - Espigueiro de Ribeiro
- 0297 - Espigueiro da Mó
- 0298 - Espigueiro de Passos
- 0299 - Espigueiro 1 de Outeiro
- 0300 - Espigueiro 2 de Outeiro
- 0301 - Espigueiro 1 da Casa do Carvalho
- 0302 - Espigueiro 2 da Casa do Carvalho
- 0622 - Santuário de Nossa Senhora da Lapa
- 0710 - Abrigo da Pala dos Lobos
- 1034 - Moinho 1 da ribeira da Arcela
- 1035 - Moinho 2 da ribeira da Arcela



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Soutelo

Inventário de património

Soutelo

Santuário Nossa Senhora da Lapa

Santuário dedicado a Nossa Senhora da Lapa, com peregrinação no 2º domingo de Julho. No limite poente da cumeada do monte de Penamourinha, João Gonçalves e sua mulher Margarida da Silva mandaram edificar, em 1694, a capela da Senhora da Lapa, aproveitando os afloramentos graníticos do local.

O pequeno templo corresponde a uma cavidade sob rochas, a “lapa”, encerrada com parede de cantaria granítica, formando uma fachada de desenho arquitectónico simples, onde se distinguem os vãos moldurados das janelas e da porta, sendo esta sobrepujada por um nicho onde se abriga uma pequena imagem de Nossa Senhora, com uma cartela na base onde se gravou a data 1694.



Uma porta em grade, colocada em 1898, dá acesso ao interior, onde se sobrepõem diversas soluções decorativas, destacando-se várias inscrições gravadas no tecto rochoso e o quadro encaixilhado com a história do santuário, escrita pelo padre José Maria Machado em 1851. O recinto do santuário, que se distribui por dois patamares, incorpora um coreto, instalações de apoio à romaria e fontes. Esta capela está referenciada nas “Memórias Paroquiais” de 1758.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 458; Vieira 2000, 367-372



Igreja de Santo Adrião de Soutelo

Igreja paroquial de Soutelo, dedicada a Santo Adrião. Tem nave e capela-mor rectangulares, com sacristia adossada e coberturas de duas águas, independentes. É construída em alvenaria granítica de aparelho regular, coroando-se as empenas com pináculos e cruzes latinas, também em granito.

A fachada principal é animada por óculo que sobrepõe frontão triangular sobre a porta, em cuja padieira se gravou a data de 1722, entre duas rosetas hexafoliadas. Na padieira da porta lateral também se gravou a data de 1722.

No interior destaca-se o magnífico retábulo em talha dourada da capela-mor e a talha do arco triunfal, assim como os tectos pintados. Numa das paredes conserva-se uma inscrição "OS FRVTOS DESTE BENEFº / ESTAM OBRIGADOS OAZEI / TE DO SMº SACRAM STº POBRE / VE APCO DEIO DEIVNHODE / 1724".

Referências bibliográficas: Capela 2003, 458; Costa 1868-1868, 144; Costa 1997, 158; Costa 2000, 116.



Tabuaças



A freguesia de Tabuaças situa-se a Oeste do concelho, confrontando a Norte com as freguesias de Caniçada e Soengas, a Nordeste com a freguesia de Eira Vedra, a Este e Sudeste com a freguesia de Vieira do Minho, a Sul com as freguesias de Anissó e Soutelo e finalmente a Oeste com o concelho de Póvoa de Lanhoso.

A igreja de São Julião de Tabuaças referencia-se já desde 1074. São Simão de Real, actual lugar da freguesia de Tabuaças, foi durante parte da Idade Média uma paróquia autónoma. A festa dedicada a São Julião realiza-se a 9 de Janeiro, a de Santo

Adrião, em Agosto e a Festa do Senhor, em Setembro.

Em 2001 a freguesia de Tabuaças registava 901 pessoas, distribuídas pelos lugares de Pousadouros, Cerdeirinhas, Real, Postemeão e Pepim, que se dedicam à agricultura, ao comércio e à transformação de madeira.

Em relação ao património registaram-se 45 valores, dos quais 41 com interesse arquitectónico e 4 de interesse arqueológico.

Referências Bibliográficas:

Capela 2003, 459-460; Costa 1868-1869, 138; Costa 1997, 261; Costa 2000,

119-120 e 308.

Inventário de património

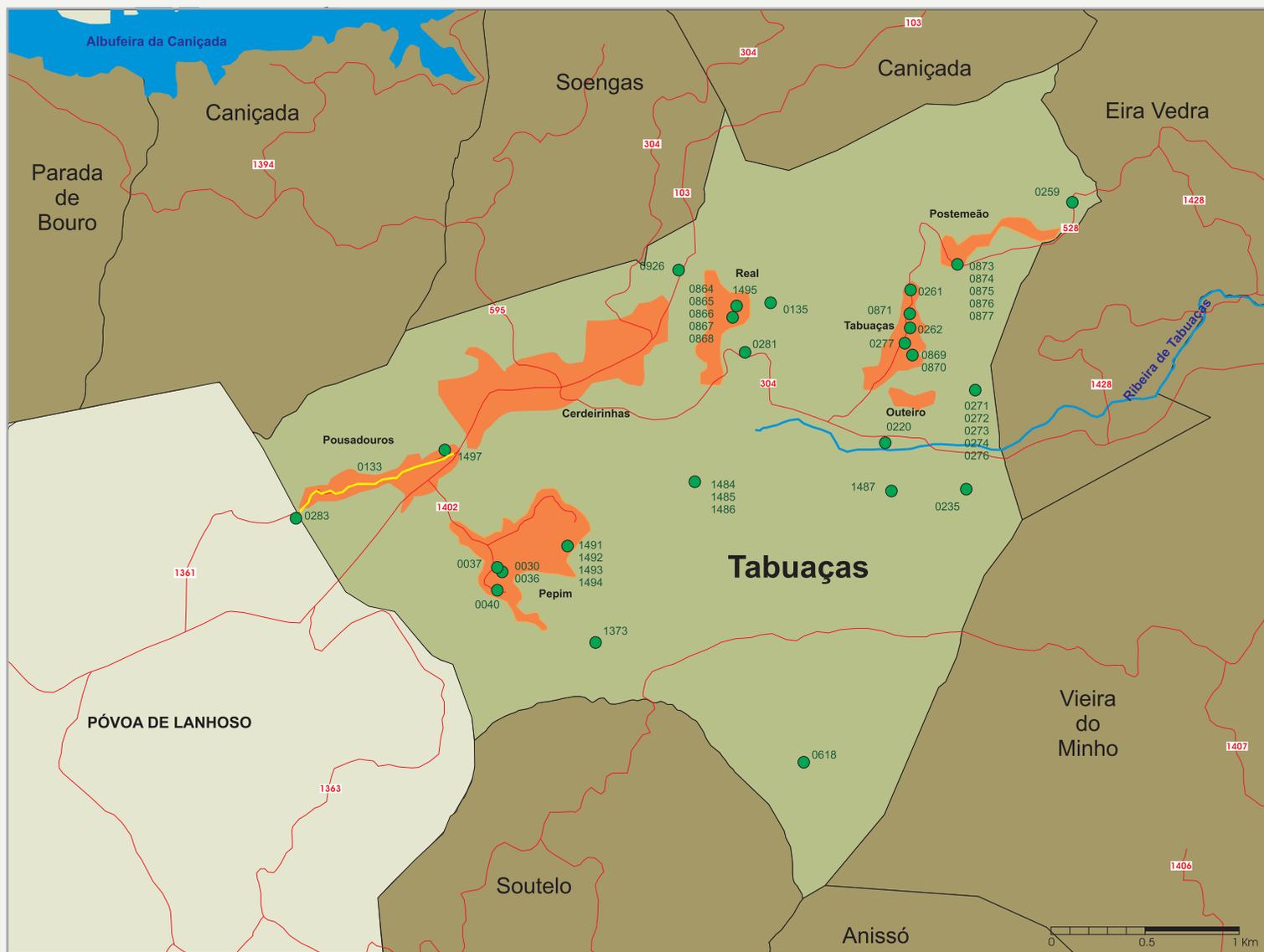
Tabuaças

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0030 - Espigueiro 1 de Pepim
- 0036 - Capela de Santo Adrião
- 0037 - Cruzeiro de Pepim
- 0040 - Alminhas de Pepim
- 0133 - Caminho do Pousadouro
- 0135 - Coutada da Capelinha
- 0220 - Alminhas de Atafona
- 0235 - Castro de Atafona
- 0259 - Moinho da Terrafeita
- 0261 - Espigueiro da Casa da Coutada
- 0262 - Igreja de São Julião de Tabuaças
- 0271 - Quinta do Poço
- 0272 - Espigueiro da Quinta do Poço
- 0273 - Casa dos Vieiras
- 0274 - Espigueiro da Casa dos Vieiras
- 0276 - Espigueiro do Outeiro
- 0277 - Espigueiro da Igreja
- 0281 - Espigueiro 1 de Real
- 0283 - Capela de São Gonçalo
- 0618 - Abrigo do Castro
- 0864 - Capela de Santo António
- 0865 - Espigueiro 2 de Real
- 0866 - Espigueiro 1 da Casa do Mercador
- 0867 - Espigueiro 2 da Casa do Mercador
- 0868 - Espigueiro 3 de Real
- 0869 - Espigueiro 1 de Tabuaças
- 0870 - Casa da Torre
- 0871 - Capela do Calvário
- 0873 - Capela da Soledade
- 0874 - Epigrafe da Casa da Quinta da Capela
- 0875 - Espigueiro da Casa da Quinta da Capela
- 0876 - Epigrafe da Casa do Rebelo
- 0877 - Espigueiro da Casa do Rebelo
- 0926 - Alminhas da Cruz de Real
- 1373 - Espigueiro 2 de Pepim
- 1484 - Moinho 1 da Ribeira de Tabuaças
- 1485 - Moinho 2 da Ribeira de Tabuaças
- 1486 - Moinho 3 da Ribeira de Tabuaças
- 1487 - Moinho 4 da Ribeira de Tabuaças
- 1491 - Espigueiro 4 de Pepim
- 1492 - Espigueiro 5 de Pepim
- 1493 - Espigueiro da Casa de Crelo
- 1494 - Espigueiro da Casa da Eira
- 1495 - Capela da Casa de Crelo
- 1497 - Espigueiro da Casa do Pousadouro

Inventário de património

Tabuaças



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da Freguesia de Tabuaças

Inventário de património

Tabuaças

Castro de Atafona

Pequeno povoado fortificado sobranceiro à ribeira de Tabuaças, na sua margem direita, dominando o pequeno vale interior encaixado na bordadura noroeste do amplo alvéolo que configura a cabeceira do rio Ave.

No lugar de Atafona, a população nomeia como "Castro" o outeiro que se eleva a cerca 521 metros de altitude, percebendo-se bem duas espessas linhas de muralhas que armam as vertentes em duas plataformas principais, a superior de menor área e com caos de blocos.

A superfície recolheram-se fragmentos de cerâmica doméstica de tipologia "castreja".



Igreja de São Julião de Tabuaças

Antiga igreja paroquial de Tabuaças, dedicada a São Julião. De nave e capela-mor rectangulares e sacristia adossada, com coberturas independentes, apresenta distintas soluções construtivas.

A nave é de cantaria granítica aparente de aparelho isódomo, correspondendo a uma reconstrução do século XVII, enquanto a capela-mor é de alvenaria granítica rebocada, sendo uma reconstrução ampliada do século XIX. As empenas são coroadas com pináculos e cruces latinas e no topo da fachada por um campanário em forma de arco peraltado de alvenaria granítica, também encimado por cruz latina e pináculos. A porta principal, rectangular, remata em frontão triangular com volutas e é sobrepujada por pequeno óculo quadrilobado.

No interior, destacam-se os tectos pintados: na nave São Julião e na capela-mor os quatro evangelistas e a representação da Última Ceia. Os altares são em madeira policroma de traça simples.

Na fachada norte, conserva-se uma inscrição alusiva à obrigação dos abades de pagarem iluminação do Santíssimo Sacramento, "MEMORIADA OBRIGAÇAMQ.VE /TEMOS SR.dosABB??DESTAYGR.A/DEDAREMO AZEITENECESS.º/PAALAMPADADOSSMOSSA CRA/MTOPORHVMBREVEAPO.DE31DEJV/LHO DE1694COFIRMADOAYDFRºDE31DÝ1709"

Na sacristia conserva-se uma pia baptismal em granito, antiga. Antes desta igreja seiscentista, existiria uma mais antiga e certamente medieval edificação, pois a Paróquia de São Julião de Tabuaças já aparece registada no Censual do Bispo D. Pedro, no século XI. A actual igreja paroquial é uma construção nova, do século XX, "deslocalizada" para o lugar de Cerdeirinhas.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 459; Costa 1868-1869, 138; Costa 1997, 260; Costa 2000, 119, 308; Craesbeek 1992, 184



Capela de São Gonçalo

Capela dedicada a São Gonçalo. De planta rectangular, é construída em cantaria granítica aparente de bom aparelho pseudo-isódomo, com vãos de janelas e de portas molduradas.

A porta principal é ladeada por duas janelas com pingadouros arqueados, centrados com concha. A porta, também com pingadouro, é coroada com frontão interrompido com volutas e sobrepujada por vão quadrilobado. Já sem cobertura, conserva pináculos e cruces latinas sobre peanha, em granito, a coroar as empenas molduradas.

No interior, despido, destaca-se a capela-mor elevada, com arco-cego na parede traseira para acolher o retábulo, o friso moldurado das paredes laterais e a bacia esculturada do púlpito.



Inventário de património

Tabuaças

Capela de Santo António

Capela dedicada a Santo António, no lugar de Real. De planta oval cortada pela fachada, é construída em alvenaria granítica aparente de aparelho regular e cobertura compósita, coroada com pináculos e cruz de metal.

A fachada, desenhada em forma de edícula com frontão triangular moldurado, tem uma porta de moldura simples e é encimada por óculo circular envolto por motivo tipo roseta.

O interior, modesto, tem uma imagem de Santo António. A capela tem ainda um pequeno adro de planta sub-circular.

Na Idade Média, Real é referenciada como paróquia, uma vez sob invocação de São Jorge, de São Simão e ainda de Nossa Senhora do Rosário. Esta capela já aparece referida nas “Memórias Paroquiais” de 1758.

Referências bibliográficas: Costa 2000, 119; Vieira 2000, 377



Capela de Santo Adrião

Capela dedicada a Santo Adrião, de planta rectangular orientada Este-Oeste, com alpendre coberto na frontaria e sacristia anexa no lado norte.

É construída em alvenaria granítica aparente, de aparelho regular, com coberturas telhadas independentes. As empenas são coroadas com cruzes latinas sobre peanha e sobre o cunhal setentrional da fachada, lateralmente, ergue-se o campanário, composto por um arco granítico moldurado, rematado com uma flor-de-lis também em granito, que é originário da Capela de São Gonçalo, situada no lugar do Pousadouro.

O interior é muito modesto. Já aparece mencionada nas “Memórias Paroquiais” de 1758.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 459; Craesbeeck 1992, 184; Vieira 2000, 376



Ventosa



Localizada na margem esquerda do rio Cávado, a freguesia de Ventosa faz fronteira a Norte e Este com a freguesia de Cova, a Sul com Eira Vedra e com Caniçada a Sul e Oeste.

Referenciada como paróquia no Censual do Bispo D. Pedro, no século XI, Ventosa pertenceu ao antigo concelho de Penafiel de Soás. Dedicada a São Martinho, festeja o dia de São Brás no dia 3 de Fevereiro e o de Nossa Senhora de Fátima no 2.º domingo de Outubro.

Em 2001, a freguesia de Ventosa registava 408 residentes, distribuídos pelos

lugares de Bouças, Paredes, Penedo, Currelo, Foz, Quintã, Revolta e Ponte, com uma população activa dedicada à agricultura e ao pequeno comércio.

Em relação ao património registaram-se 27 sítios, dos quais 21 com interesse arquitectónico e 6 com interesse arqueológico.

Referencias Bibliográficas:

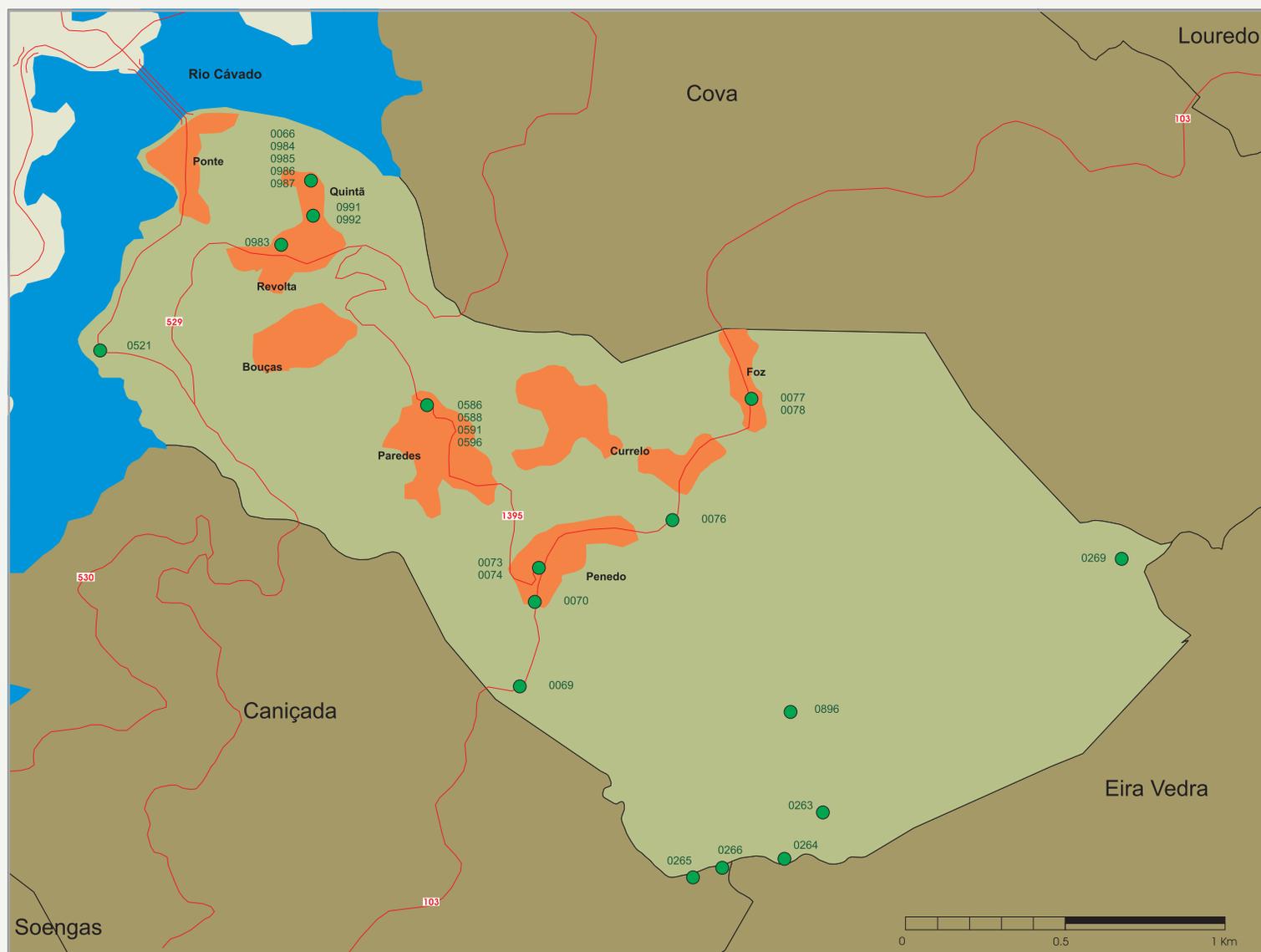
Capela 2003, 460 - 461; Costa 1868-1869, 140 142; Costa 2000, 117 e 306.

Inventário de património

Ventosa

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0066 - Espigueiro 4 de Eirós
- 0069 - Caminho do Penedo
- 0070 - Capela de São Brás
- 0073 - Espigueiro 1 de Ventosa
- 0074 - Espigueiro 2 de Ventosa
- 0076 - Moinho de Penedo
- 0077 - Espigueiro 1 da Foz
- 0078 - Fonte da Foz
- 0263 - Mamoa 1 da Lama dos Eidos
- 0264 - Mamoa 2 da Lama dos Eidos
- 0265 - Mamoa 3 da Lama dos Eidos
- 0266 - Mamoa 4 da Lama dos Eidos
- 0269 - Mamoa 1 de Penedo Covo
- 0521 - Espigueiro de Negral
- 0586 - Alminhas de Ventosa
- 0588 - Moinho de Ventosa
- 0591 - Cruzeiro de Ventosa
- 0596 - Igreja de São Martinho de Ventosa
- 0896 - Fossas de Lama dos Eidos
- 0983 - Espigueiro 1 de Eirós
- 0984 - Espigueiro 2 de Eirós
- 0985 - Espigueiro 3 de Eirós
- 0986 - Epigrafe da Casa de Eirós
- 0987 - Espigueiro 5 de Eirós
- 0991 - Espigueiro 1 de Quintãs
- 0992 - Espigueiro 2 de Quintãs



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Ventosa

Inventário de património

Ventosa

Necrópole da Lama dos Eidos

Dispersas pela Chã da Lama dos Eidos, identificam-se um conjunto de 6 monumentos tipo “mamoã”, correspondentes a estruturas tumulares de câmara sepulcral sob *tumulus*, datáveis dos 2.º milénio - 1.º milénio a.C. e genericamente enquadráveis dentro do fenómeno megalítico.

Todas apresentam a característica calote ou elevação de planta circular composta por terra e calhaus, com depressão central mais ou menos acentuada e alguns topos de esteios visíveis. Nas suas proximidades recolhem-se fragmentos de cerâmica manual.

Em trabalhos recentes de florestação, dois destes monumentos foram inadvertidamente arrasados.

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM

21



Igreja de São Martinho de Ventosa

Igreja paroquial de Ventosa, dedicada a São Martinho. De nave e capela-mor retangulares, orientadas Este-Oeste, é construída em alvenaria granítica, rebocada, com as molduras das janelas e das portas e os cunhais salientes. A cobertura, de duas águas independentes, é em telha de aba e canudo, coroada com pináculos sobre os cunhais e cruces latinas sobre peanha, nas empenas.

No interior, destaca-se o retábulo da capela-mor elevada, em talha dourada e um magnífico tecto de caixotões de madeira dourada, com painéis onde se pintaram os apóstolos. No painel granítico, junto às escadas da capela-mor, gravou-se a data de 1717.

A igreja está mencionada nas “Memórias Paroquiais” de 1758. Trata-se portanto de uma reconstrução setecentista da antiga igreja medieval, pois a paróquia de São Martinho de Ventosa (então chamada da Ribeira de Soaz), já é mencionada no Censual do Bispo D. Pedro, do século XI.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 460; Costa 1868-1868, 141; Costa 2000, 117, 306.



Capela de São Brás

Capela de planta rectangular, construída em alvenaria granítica aparente de aparelho irregular, devendo originalmente os alçados ser rebocados, como sugerem as guarnições molduradas dos vãos e dos cunhais. A cobertura, telhada, de duas águas, é coroada com pináculos sobre os cunhais e cruces latinas sobre peanha, em granito, nas empenas.

Na fachada encosta um alpendre de três águas, encimado com óculo circular e que abriga a porta ladeada por duas pequenas janelas. Na fachada lateral conserva-se um campanário de arco peraltado, em granito.

No interior, modesto, destaca-se o retábulo em madeira policroma e marmoreados que abriga a imagem de São Brás, proveniente da Capela de São Pedro de Cela.



Vieira do Minho



A freguesia de Vieira do Minho, sede concelhia, localiza-se no centro sudoeste do concelho, sendo limitada a Norte pelas freguesias de Eira Vedra e Cantelães, a Este pela freguesia de Mosteiro, a Sul por Anissó e a Oeste por Tabuaças.

Tem origem no lugar de Brancelhe, antigo lugar de Mosteiro designado na documentação medieval como *Barunzeli*, então pertencente a São João de Vieira (Mosteiro). Foi elevada a freguesia pelo Decreto 22.593, de 29 de Maio de 1933.

A festa da freguesia é dedicada a Nossa Senhora da Conceição e realiza-se no 15 de

Agosto e a Feira da Ladra realiza-se no 1.º Sábado de Outubro.

Com uma população residente a crescer, em 2001 Vieira do Minho registava 2289 pessoas, distribuídas pelos lugares de Sanguinhedo, Azevedo, Coqueira, Cubos e Vila, dedicando-se a maior parte da população activa à agricultura, ao pequeno comércio e à indústria.

Em relação ao património registaram-se 59 sítios com interesse arquitectónico.

Referencias Bibliográficas:

Capela 2003, 461; Costa 1997, 355.

Inventário de património

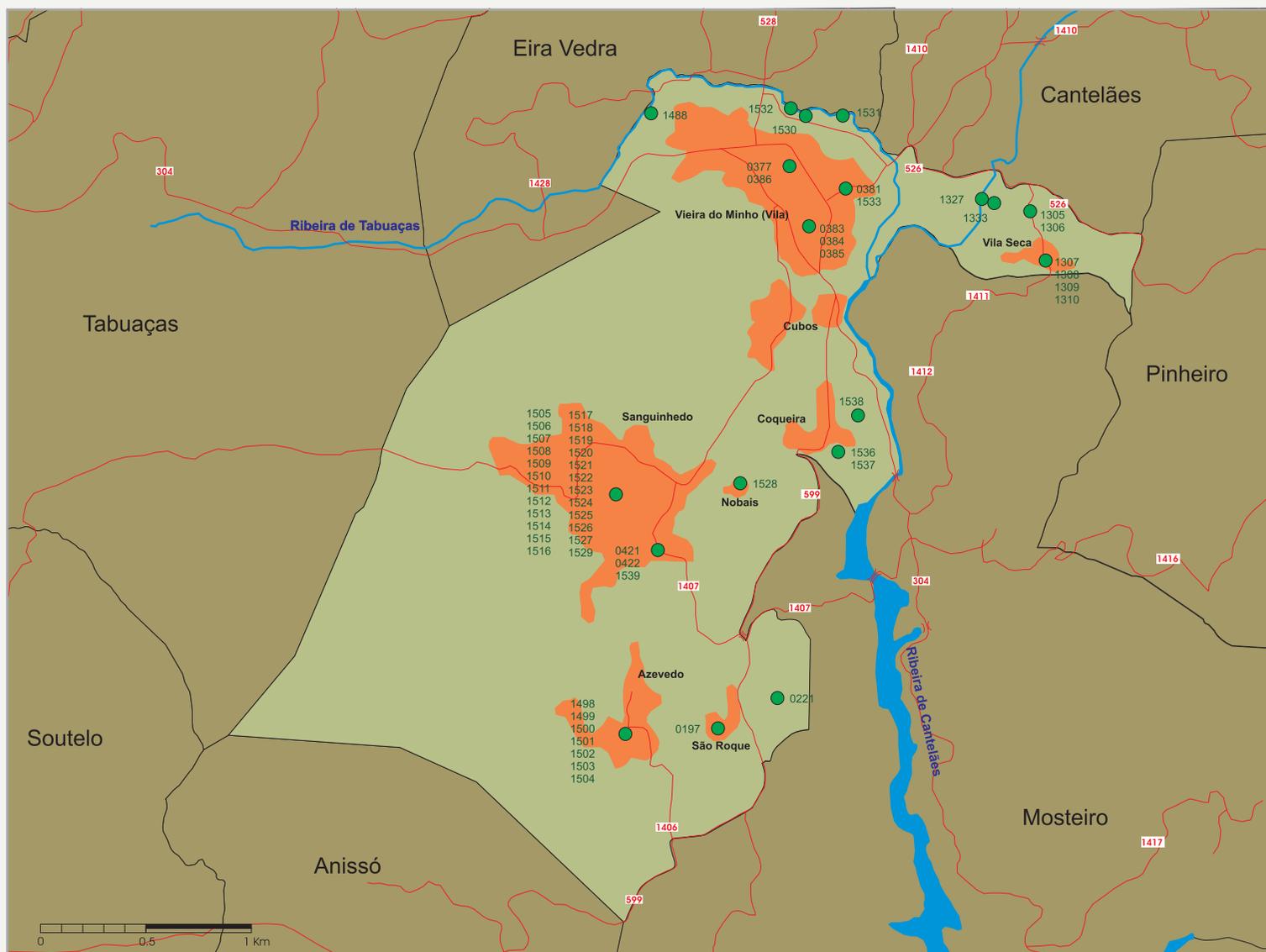
Vieira do Minho

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- | | |
|--|--|
| 0197 - Alminhas da Quinta das Portas | 1525 - Espigueiro 22 de Sanguinhedo |
| 0221 - Capela de São Roque | 1526 - Espigueiro 23 de Sanguinhedo |
| 0377 - Casa de Laje | 1527 - Espigueiro 24 de Sanguinhedo |
| 0381 - Espigueiro 1 da Vila | 1528 - Espigueiro 1 de Nobais |
| 0383 - Casa de Lamas | 1529 - Espigueiro 16 de Sanguinhedo |
| 0384 - Capela da Casa de Lamas | 1530 - Moinho 7 da Ribeira de Tabuaças |
| 0385 - Espigueiro da Casa de Lamas | 1531 - Moinho 8 da Ribeira de Tabuaças |
| 0386 - Capela da Casa da Laje | 1532 - Espigueiro 2 da Vila |
| 0421 - Capela de Santo António | 1533 - Espigueiro 3 da Vila |
| 0422 - Cruzeiro de Sanguinhedo | 1536 - Casa da Cuqueira |
| 1305 - Espigueiro 1 de Vila Seca | 1537 - Espigueiro da Casa da Cuqueira |
| 1306 - Espigueiro 2 de Vila Seca | 1538 - Capela de Nossa Senhora da |
| 1307 - Espigueiro 3 de Vila Seca | Conceição |
| 1308 - Espigueiro 4 de Vila Seca | 1539 - Epígrafes da Capela de Santo |
| 1309 - Espigueiro 5 de Vila Seca | António |
| 1310 - Espigueiro 6 de Vila Seca | |
| 1327 - Espigueiro 7 de Vila Seca | |
| 1333 - Moinho 13 da Ribeira de Cantelães | |
| 1488 - Moinho 6 da Ribeira de Tabuaças | |
| 1498 - Espigueiro 1 da Casa do Mercador | |
| 1499 - Espigueiro 2 da Casa do Mercador | |
| 1500 - Espigueiro 3 da Casa do Mercador | |
| 1501 - Espigueiro 1 de Azevedo | |
| 1502 - Espigueiro da Casa de Lourenço | |
| 1503 - Espigueiro 2 de Azevedo | |
| 1504 - Espigueiro 3 de Azevedo | |
| 1505 - Espigueiro 1 de Sanguinhedo | |
| 1506 - Espigueiro 3 de Sanguinhedo | |
| 1507 - Espigueiro 4 de Sanguinhedo | |
| 1508 - Espigueiro 5 de Sanguinhedo | |
| 1509 - Espigueiro 6 de Sanguinhedo | |
| 1510 - Espigueiro 7 de Sanguinhedo | |
| 1511 - Espigueiro 8 de Sanguinhedo | |
| 1512 - Moinho Sanguinhedo | |
| 1513 - Espigueiro 9 de Sanguinhedo | |
| 1514 - Espigueiro 10 de Sanguinhedo | |
| 1515 - Espigueiro 11 de Sanguinhedo | |
| 1516 - Espigueiro 12 de Sanguinhedo | |
| 1517 - Espigueiro 13 de Sanguinhedo | |
| 1518 - Espigueiro 14 de Sanguinhedo | |
| 1519 - Espigueiro 15 de Sanguinhedo | |
| 1520 - Espigueiro 17 de Sanguinhedo | |
| 1521 - Espigueiro 18 de Sanguinhedo | |
| 1522 - Espigueiro 19 de Sanguinhedo | |
| 1523 - Espigueiro 20 de Sanguinhedo | |
| 1524 - Espigueiro 21 de Sanguinhedo | |

Inventário de património

Vieira do Minho



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da Freguesia de Vieira do Minho

Inventário de património

Vieira do Minho

Casa de Lamas

A Casa de Lamas, datada dos inícios da década de 1760, foi mandada construir por Alexandre José de Lemos, que recebeu carta de brasão em 1779. Construída em cantaria granítica de excelente aparelho, a Casa de Lamas é de grandes dimensões, compondo-se de vários corpos que foram sucessivamente acrescentados.

Para além da parte habitacional, onde se observa uma escadaria e a pedra de armas na fachada principal, com vãos e empenas molduradas de traça claramente barroca, no pátio interior destaca-se uma ampla varanda suportada por uma arcada composta por sete arcos de volta inteira. Junto ao pátio desenvolve-se outro eirado, mais ligado à exploração agrícola, junto ao qual se construiu um espigueiro.

Adossada à fachada principal encontra-se uma capela, dedicada a Santo António. De planta rectangular, é construída em alvenaria granítica, de aparelho regular. A fachada tem os cunhais e molduras das janelas e portas salientes. A cobertura telhada, sobre entablamento de granito, de duas águas, é coroada com pináculos nos cunhais e cruzes latinas sobre peanha, em granito, nas empenas. A porta é ladeada por dois vãos quadrilobados, encimada com frontão curvo, centrado com um painel, em granito. Sobre o frontão conserva-se vão quadrilobado, decorado.

Referências bibliográficas: Azevedo 1969, 149; Capela 2000, 65, 67; Guia de Portugal 1986, 867; Nóbrega 1974; 16-29; Stoop 2000, 251-253; Vieira 2000, 72-74

URL: <http://www.monumentos.pt>;
<http://www.ippar.pt>

Em vias de classificação pelo Desp. de 12 de Março de 1975



Inventário de património

Vieira do Minho

Casa da Laje

A Casa da Laje terá sido mandada construir por António Joaquim Vieira Rebelo, monteiro-mor de Vieira, com carta de brasão de armas passada em 1802. A pedra de armas foi colocada ao centro da fachada do edifício, de planta em L e construído em alvenaria granítica, rebocada, com as molduras das janelas, portas e cunhais salientes. As empenas da fachada e da capela anexa desenham perfis sinuosos, introduzindo alguma sensação de movimento na massa construída, de inspiração barroca. A cobertura telhada, de várias águas, é coroada com urnas sobre os

cunhais e sobre o frontão curvo.

No piso térreo rasgaram-se quatro óculos circulares, centrado com a porta principal, que é sobreposta por uma varanda de bacia granítica e grade de ferro forjado, servida por duas portas com padieira moldurada.

Anexa à Casa da Laje, localiza-se a capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição que foi transferida para o local actual em 1808, como se pode verificar pela data gravada sobre a porta principal. De planta rectangular, é construída em alvenaria granítica, de aparelho regular, rebocada e pintada. A fachada tem os cunhais e molduras das janelas e portas

salientes. A cobertura telhada, sobre empena-frontão de granito, é coroada com pináculos e cruces latinas sobre peanha, em granito.

No interior, que não se observou, conserva-se um retábulo de estilo neoclássico e o tecto pintado a representar Nossa Senhora da Conceição.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 68; Guia de Portugal 1986, 867; Nóbrega 1974; 30-39; Stoop 2000, 247-248



Inventário de património

Vieira do Minho



Capela de Nossa Senhora da Conceição

Capela de planta rectangular, construída em alvenaria granítica, de aparelho regular, com cobertura sobre cornija de granito, telhada, de duas águas, coroada com pináculos e cruzes sobre penha, nas empenas. A porta da fachada principal é em arco quase perfeito, de feição ainda medieval e a porta lateral é rectangular.

No interior, modesto, destaca-se o retábulo em madeira policroma que abriga a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448; Craesbeeck 1992, 138



Capela de Santo António

Capela de planta rectangular, construída em alvenaria granítica, de aparelho regular, com cunhais, molduras das portas e janelas salientes, a fim de receberem reboco. A cobertura telhada, de duas águas independentes, é coroada com pináculos sobre os cunhais e cruzes sobre penha, nas empenas. A fachada é animada por frontão de lanços, encimado por óculo de forma oval.

No interior, muito modesto, destaca-se o retábulo em madeira dourada e o tecto pintado, onde está representado Santo António.

No adro da capela encontram-se duas inscrições gravadas em lajes de granito, incrustadas no muro que separa o adro traseiro da estrada. Numa das lajes lê-se "BVLIA DE EDICTO / PAPA XIII CONCEDEUSE = / IAM TODOS OS ALTARES / DA CAPELIA DE SANTO / ANTONIO PERVELLIGIA = / DOS TODOS OS DIAS AOS CONE = / ?? ANO 1751". Na segunda laje, percebe-se a gravação de seis linhas, mas apenas se conseguem perceber algumas letras.

Referências bibliográficas: Craesbeeck 1992, 183



Capela de São Roque

Capela de planta rectangular construída em alvenaria granítica de aparelho regular. A cobertura, sobre cornija de granito, de duas águas, é coroada com cruces latinas sobre as empenas. Na fachada lateral conserva-se um pequeno campanário de arco peraltado.

No interior, muito modesto, existe um retábulo e um altar de madeira policroma. Uma grade de madeira divide o espaço interior da capela, criando uma separação tipo nave / capela-mor.

Referências bibliográficas: Craesbeeck 1992, 182, 183



Vilar Chão



Localizada na margem direita do rio Ave, limitada a Norte pela freguesia de Ruivães, a Este pela freguesia de Anjos, a Sul por Rossas e a Oeste pelas freguesias de Mosteiro e Pinheiro, a freguesia de São Paio de Vilar Chão remonta ao século XI, já se nomeando em documento de 1059.

Festeja o dia de Nossa Senhora de Fátima em Maio e a Festa do Senhor no último domingo de Agosto.

Em 2001, a freguesia de Vilar Chão registava 291 residentes, distribuídos pelos lugares de Abelheira, Lage, Balteira e Ameã, com uma população activa que se dedica à

agricultura e ao pequeno comércio.

Em relação ao património, na freguesia registaram-se 8 sítios de interesse arqueológico e 54 sítios de interesse arquitectónico, fazendo um total de 62 valores patrimoniais.

Referencias Bibliográficas:

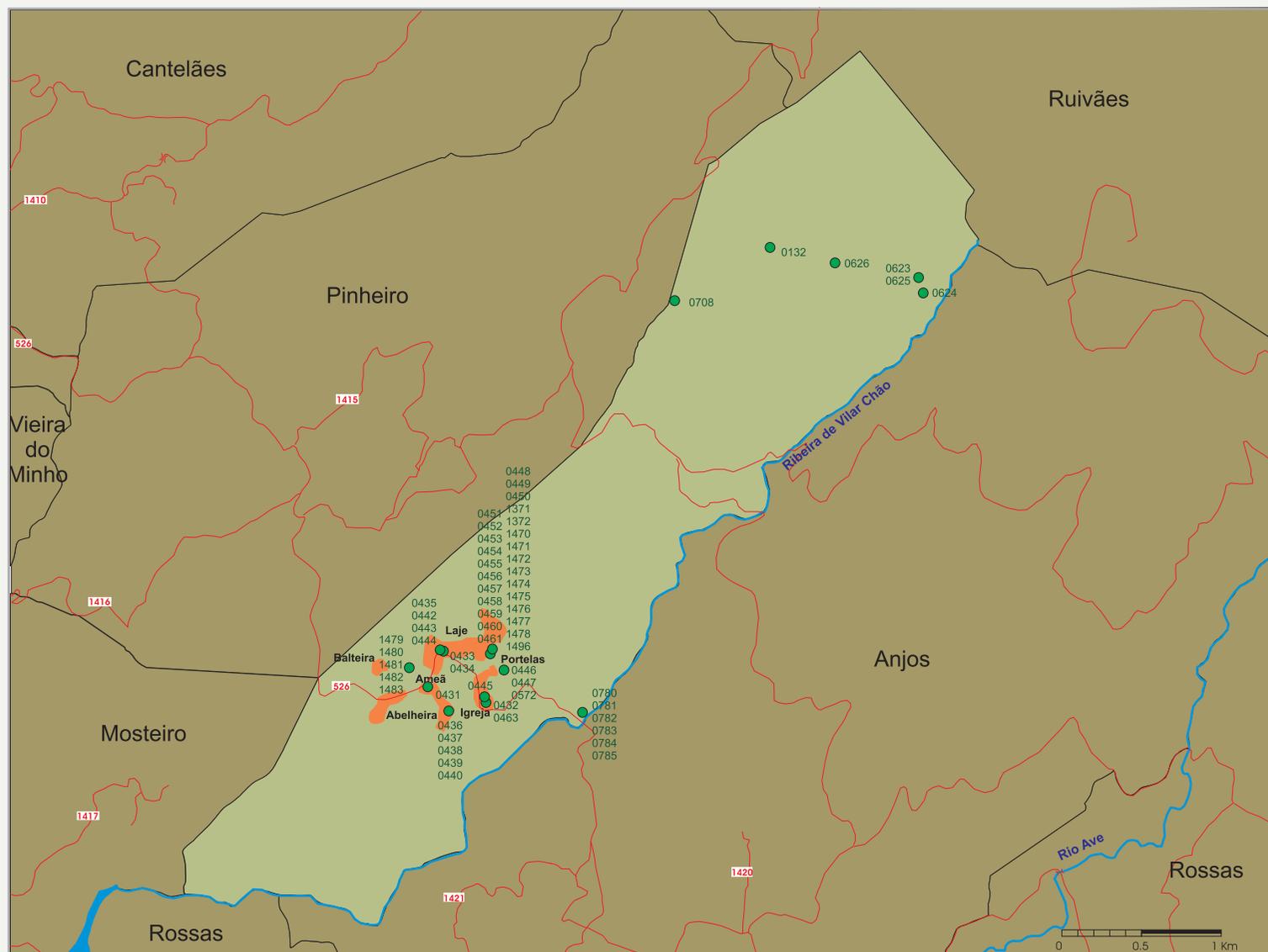
Capela 2003, 461 - 462; Costa 1997, 158; Costa 2000, 122.

Inventário de património

Vilar Chão

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- | | |
|---|---------------------------------------|
| 0132 - Aldeia de Arandosa | 1470 - Espigueiro 14 de Laje |
| 0431 - Alminhas de Vilar Chão | 1471 - Espigueiro 15 de Laje |
| 0432 - Igreja de São Paio de Vilar Chão | 1472 - Espigueiro 16 de Laje |
| 0433 - Casa de Ameã | 1473 - Espigueiro 17 de Laje |
| 0434 - Espigueiro da Casa de Ameã | 1474 - Espigueiro 18 de Laje |
| 0435 - Espigueiro 1 de Ameã | 1475 - Espigueiro 19 de Laje |
| 0436 - Espigueiro 1 da Abelheira | 1476 - Espigueiro 20 de Laje |
| 0437 - Epígrafes da Casa do Inácio | 1477 - Espigueiro 21 de Laje |
| 0438 - Espigueiro 1 da Casa do Inácio | 1478 - Espigueiro 4 de Ameã |
| 0439 - Espigueiro 2 da Casa do Inácio | 1479 - Espigueiro 1 de Balteiro |
| 0440 - Espigueiro 3 da Casa do Inácio | 1480 - Espigueiro 2 de Balteiro |
| 0442 - Espigueiro 2 de Ameã | 1481 - Espigueiro 3 de Balteiro |
| 0443 - Lagar de Vilar Chão | 1482 - Epígrafe da Casa de Balteiro |
| 0444 - Espigueiro 3 de Ameã | 1483 - Espigueiro da Casa de Balteiro |
| 0445 - Cruzeiro da Igreja | 1496 - Epígrafe da Casa do Novais |
| 0446 - Espigueiro 1 de Portela | |
| 0447 - Espigueiro 2 de Portela | |
| 0448 - Espigueiro 1 de Laje | |
| 0449 - Espigueiro 2 de Laje | |
| 0450 - Espigueiro 3 de Laje | |
| 0451 - Espigueiro 4 de Laje | |
| 0452 - Espigueiro 5 de Laje | |
| 0453 - Espigueiro 6 de Laje | |
| 0454 - Espigueiro 7 de Laje | |
| 0455 - Espigueiro 8 de Laje | |
| 0456 - Espigueiro 9 de Laje | |
| 0457 - Espigueiro 10 de Laje | |
| 0458 - Espigueiro 11 de Laje | |
| 0459 - Espigueiro 12 de Laje | |
| 0460 - Espigueiro 13 de Laje | |
| 0461 - Epígrafe da Casa de Infesta | |
| 0463 - Espigueiro da Igreja | |
| 0572 - Espigueiro 3 de Portela | |
| 0623 - Cabana 1 de Couçoeiras de Baixo | |
| 0624 - Abrigo da Pala Cova | |
| 0625 - Cabana 2 de Couçoeiras de Baixo | |
| 0626 - Cabana do Saltadouro | |
| 0708 - Calçada de Arandosa | |
| 0780 - Ponte da Pertega | |
| 0781 - Moinho 3 das Azenhas da Ponte | |
| 0782 - Moinho 2 das Azenhas da Ponte | |
| 0783 - Moinho 4 das Azenhas da Ponte | |
| 0784 - Moinho 1 das Azenhas da Ponte | |
| 0785 - Moinho 5 das Azenhas da Ponte | |
| 1371 - Epígrafe da Casa do Luís Batoca | |
| 1372 - Epígrafe da Casa da Laje | |



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Vilar Chão

Inventário de património

Vilar Chão

Aldeia de Arandosa

A Chã da Arandosa é uma ampla e bem irrigada chã da vertente meridional da Serra da Cabreira, a cerca de 900 metros de altitude. Neste local encontram-se restos de inúmeras edificações de planta rectangular com cerca de 4 metros de lado, dispostas em bandas contínuas ao longo de um eixo principal orientado Nordeste-Sudoste, que deverá corresponder a um arruamento.

Cobrem uma área superior a 500 m². Conserva-se a parte inferior das paredes, formadas por grandes lajes graníticas simplesmente encostadas e fincadas no solo, aproveitando por vezes os próprios afloramentos naturais da rocha. Muitas outras lajes e blocos encontram-se tombados ao longo das paredes, onde se identificam ainda alguns vãos correspondentes às entradas. Não parece conservar-se sedimentação antrópica significativa nem se recolhe qualquer tipo de espólio. Nas proximidades identifica-se um esteio/padieira com gravuras.

Com base em sítios semelhantes existentes nas serras Amarela e da Peneda e valorizando a circunstância da implantação se fazer junto de bolsas de solos agricultáveis, neste caso acompanhada de socialcos, considera-se que este núcleo de construções tipo "pardieiros" ou "colmaços" serviriam uma exploração agrícola sazonal do sítio, funcionando como arrecadação e/ou abrigo episódico, bem como currais, também em regime de ocupação temporária. Pode, assim, classificar-se o sítio como "branda agro-pastoril", admitindo-se a sua ocupação durante a Idade Média.

Referências bibliográficas: Fontes 1999, VM 13, 16; Teixeira 1947, 50, 53; Vieira 2000, 53.



Igreja de Vilar Chão

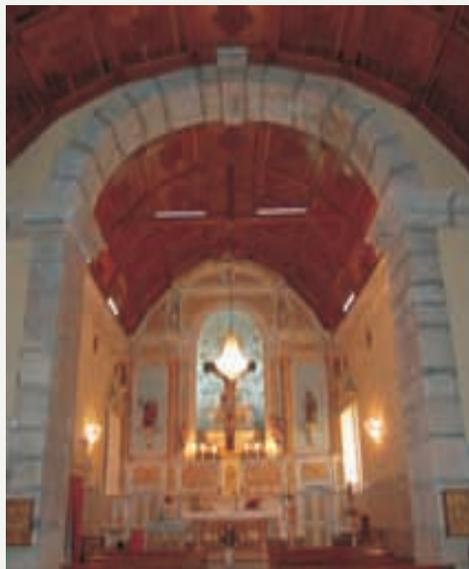
Igreja paroquial de Vilar Chão, dedicada a São Paio. De nave e capela-mor rectangulares, com sacristia adossada, é construída em alvenaria granítica de aparelho misto. A cobertura, de duas águas independentes, é em telha de aba e canudo, coroada com pináculos e cruzeiros latinas sobre peanha.

A fachada principal é animada pela empena moldurada em arco canopial e pelos vãos rectangulares da porta com pingadouro e da janela que a sobrepuja. Na padieira da porta da sacristia gravou-se, em inscrição sulcada e pintada, a data "MDCCIXII".

No interior, modesto, destacam-se os retábulos policromados e marmoreados da capela-mor e da nave.

A actual igreja é uma reedificação do século XVIII, devendo ter substituído uma anterior, pois a paróquia de São Paio de Vilar Chão já aparece registada no Censual do Bispo D. Pedro, no século XI.

Referências bibliográficas: Costa 1868-1869, 138; Costa 1997, 158; Costa 2000, 122, 309; Craesbeeck 1992, 185; Vieira 2000, 411-412.



Cabana de Saltadouro

Cabana de pastor de planta circular, construída com esteios monolíticos, lajes e blocos graníticos, em aparelho de mamposteria e cobertura em falsa cúpula. Tem cerca de 3 metros de diâmetro e cerca de 2,5 metros de altura. A entrada está orientada a Sul.

Esta cabana distingue-se de todas as outras pelo facto de as suas paredes integrarem grandes esteios verticais, dando-lhe uma configuração megalítica, tipo dólmen.

Referências bibliográficas: Fontes, 1998, VM 14



Inventário de património

Vilar Chão



Ponte da Pértega

Ponte sobre a ribeira de Vilar Chão, com um arco de cantaria granítica contido por paramentos de mamposteria grosseira, que ligam as margens através de um tabuleiro com cerca de 10 metros de comprimento e 2,40 metros de largura, ligeiramente em cavalete e pavimentado com lajes graníticas. As guardas, também em granito, foram parcialmente derrubadas pelas últimas cheias. Não aparece referida nas "Memórias Paroquiais", pelo que será posterior a 1758.



Casa de Ameã

Embora parcialmente arruinada e já com algumas adulterações, é uma casa de lavrador com a tradicional planta em "U" e pátio interior, para onde abre uma ampla varanda alpendrada, com o telhado suportado por belas colunas prismáticas.

Construída em alvenaria granítica de aparelho regular, apresenta na fachada virada à rua janelas com padieira arqueada e com mísulas-floreiras. Nas padieiras do portal e da porta lateral gravaram-se as inscrições sulcadas "MAI ? 1671 IHS" e "ESTA MANDO / FACER MANOEL / LUIS ANO 1735"



Alminhas de Vilar Chão

Alminhas compostas por painel granítico esculpido, encostado a uma coluna prismática sobre plinto cúbico e com capitel coríntio.

O painel, em forma de losango composto, é moldurado e remata inferiormente em volutas. No campo interior rebaixado esculpiram-se cinco rostos entre chamas, evocando as almas do purgatório.

Na face do plinto, por baixo da porta da cavidade das esmolas, foi gravada a inscrição "DEVOÇON / JOAMLVIS / ANO 1772".



Bibliografia

- ALARCÃO, J. de (1988) *Roman Portugal, II*. Warminster: Aris & Phillips Ltd.
- ALARCÃO, J. de (1995) Aglomerados Urbanos Secundários Romanos de Entre Douro e Minho. *Biblos*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 71, p. 387-401.
- ALARCÃO, J. de (2004) Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia II, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 7, número 2.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1968) *Vias Medievais Entre Douro e Minho*, Dissertação para Licenciatura em História. Faculdade de Letras do Porto. Porto p. 28, 29, 195, 196.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1970) Uma Cabeça Romana de Bronze. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Série História, 1. Porto, p. 77-82.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1978a) *Arquitectura Românica de Entre Douro e Minho*, Dissertação de doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, vol II, p. 206, 214.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1978b) *Castelologia Medieval de Entre Douro e Minho. Desde as Origens a 1220*, Trabalho complementar para prestação de provas de doutoramento em História de Arte. Porto, p. 35.
- ALVES, J. (2001), *Bicentenário da Capela e Confraria de N^a Sr.^a da Begonha*. Município de Vieira do Minho.
- ARGOTE, Frei Jerónimo Contador d' (1732) *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga. Título I. Da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia Antiga da Provincia Bracarense*, Tomo Primeiro, Lisboa.
- ARGOTE, Frei Jerónimo Contador (1734) *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga. Título I. Da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia Antiga da Provincia Bracarense*, Tomo Segundo, Lisboa.
- AZEVEDO, C. (1988) *Solares Portugueses*, Introdução ao Estudo da Casa Nobre, Livros Horizonte. Lisboa, p. 149.
- BAPTISTA, A. Martinho (1983/84) Arte Rupestre no Norte de Portugal: Uma Perspectiva. *Portugália, Actas do colóquio Inter Universitário de Arqueologia do Noroeste, Homenagem a Rui de Serpa Pinto. Nova Série, Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol IV/V, p. 71-82.
- BAPTISTA, J. Dias (1990) Via Prima (A Via Imperial Romana de Braga/Astorga). *Aqua Flaviae. Chaves*. 3, p. 135-182.
- BATISTA, J. Luiz Meireles (2001) *Povoamento Pré-Histórico e Paleoeologia nas Serras de Média Altitude do Norte de Portugal, (Projecto Praxis / PCSH / P / HAR /59/96)*.
- BARRADAS A. Lerenó, (1956) Vias romanas das regiões de Chaves e Bragança. *Revista de Guimarães. Guimarães*. 66:1-2, p. 159-241.
- BARROCA, Mário Jorge (1987) *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre Douro e Minho (Séculos V-XV), Trabalho apresentado no âmbito das provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto. p. 152-153.
- BARROCA, M. Jorge; Real, M. Luís (1992) As caixas - Relicário de São Torcato Guimarães (Séculos X XIII), *Arqueologia Medieval. Edições Afrontamento*. p. 154-156.
- CAMPOS, A.J.T. de (1998) *Serra da Cabreira, Centro de Interpretação e Animação da Serra da Cabreira, Vieira do Minho. [CD-ROM]*
- CAMPOS, A.J.T. de (1997) *Guia das Aldeias da Serra da Cabreira, Centro de Interpretação e Animação da Serra da Cabreira, Vieira do Minho*
- CAPELA, J. Viriato e BORRALHEIRO, R. (2000) *Vieira do Minho nas Memórias Paroquiais de 1758. Edição da Câmara Municipal de Vieira do Minho e Vieira Cultura e Turismo, E.M.*
- CAPELA, J. Viriato (2003) *As Freguesias do Distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758. A construção do imaginário minhoto setecentista. Edição integrada no Projecto A Descrição do Território Português do Século XVIII, apoiada pela F.C.T (Fundação para a Ciência e Tecnologia) e pelo Mestrado de História das Instituições e cultura Moderna e Contemporânea (Universidade do Minho)*, p. 441 - 462.
- CAPELA, Martins (1987) *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal, (2ª ed., com introd. José V. Capela)*. Câmara Municipal de Terras de Bouro. Terras de Bouro.
- CARTA MILITAR DE PORTUGAL: FOLHAS 43, 44, 57, 58, 71, 72 Série M 888 [Material cartográfico] / Instituto Geográfico do Exército. Escala 1:25000. Lisboa: IGE., 1997
- CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: FOLHA 5-B [Material cartográfico] Instituto geológico e Mineiro. - Escala 1.50 000. Lisboa: SGP, 1975.
- CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: FOLHAS 6-A [Material cartográfico] Instituto geológico e Mineiro. - Escala 1.50 000. Lisboa: SGP, 1983.
- CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: FOLHAS 5-D, 6-C [Material cartográfico] Instituto geológico e Mineiro. - Escala 1.50 000. Lisboa: IGM, 2000.
- Catálogo dos Imóveis Classificados, Monumentos Nacionais e Imóveis de Interesse Público (1973)*. Ministério da Educação Nacional, Secretaria de Estado da Instrução e Cultura, Junta Nacional da Educação e Direcção Geral dos Assuntos Culturais. Lisboa. 30
- CHAVES, L. (1939) *Os Pelourinhos. Elementos para o seu Catálogo Geral*. Edições José Fernandes Júnior. Lisboa. p. 93-97.
- Collecção dos Documentos, e Memórias da Academia real da Historia Portugueza (1724)*. Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, secretario da mesma Academia. Na officina de Pascoal da Sylva. Lisboa.
- Collecção dos Documentos, e Memórias da Academia Real da Historia Portugueza (1725)*. Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva,

Bibliografia

secretario da mesma Academia. Na officina de Pascoal da Sylva. Lisboa.

COSTA, A. Carvalho da, (1868-1869) *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reino de Portugal...*, 3 vols., 2.^a ed., Braga. Tip. Domingos Gonçalves Gouveia, (1.^a ed. Lisboa, 1706). p. 136-138, 140-142, 454.

COSTA, Pe. Avelino de Jesus da (1965) - *Liber Fidei. Sanctae Bracarensis Ecclesiae. Tomo I, doc 97. Junta Distrital de Braga. Braga.*

COSTA, Pe. Avelino de Jesus da (1990) - *Liber Fidei. Sanctae Bracarensis Ecclesiae. Tomo III, doc 614, 698, 702, 846. Junta Distrital de Braga. Braga.*

COSTA, Pe. Avelino de Jesus da (1997) *O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga, (2.^a edição refundida e ampliada). Edição da Irmandade de S. Bento da Porta Aberta. Braga. vol I, p. 110-111, 116-123, 128, 217, 303, 306-309, 312, 363, 385.*

COSTA, Pe. Avelino de Jesus da (2000) - *O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga, 2.^a edição refundida e ampliada. Edição da Irmandade de S. Bento da Porta Aberta. Braga. vol II, p. 156-159, 240-241, 244-245, 260-263, 336-237, 340-341, 352-355, 384-387, 462-465, 482-483.*

CRAESBEECK, F. Xavier da Serra (1992) *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726. Edições Carvalhos de Basto, Lda, Ponte de Lima. vol. II, p. 130-144, 180-189, 236-237.*

CUNHA, Pe A. Ribeiro da (1975) *Trepando aos Montes. O Distrito de Braga, 2.^a Série, 1 (1-4), Boletim Cultural de Etnografia e História. Junta Distrital, Braga. p. 507-508, 509-512, 533-535.*

DEVY-VARETA, Nicole (1993) - *A Floresta no Espaço e no Tempo em Portugal. A arborização da Serra da Cabreira (1919-1975), dissertação de doutoramento (policopiada), Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.*

Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura (1964 1976). Editorial Verbo. Lisboa.

FERNANDES, A. Gonçalves (2005)

Monografia e Toponímia de Rossas. Junta de Freguesia de Rossas e Município de Vieira do Minho.

FERREIRA, N. [et. al.] (2000) *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 5-D, Braga. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro.*

FONTES, L. F. de Oliveira (1993) *Itinerários do Românico. Região de Turismo do Verde Minho - Costa Verde. Braga. p. 54 59.*

FONTES, L. F. de Oliveira (1998) - *Inventário de Sítios e Achados Arqueológicos da Vertente Alta da Serra da Cabreira. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Braga. Policopiado.*

FONTES, L. 1999 *Arqueossítios da Serra da Cabreira [CD-ROM]. Vieira do Minho: CIASC.*

FREITAS, B. J. de (1890). *Memórias de Braga, Tomo I. Braga.*

Guia de Portugal Entre Douro e Minho, 4.^o volume, 3.^a edição. Organização de Sant'Anna Dionísio. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

GONÇALVES, Pe. Artur Jorge (2004) *Nossa Senhora da Orada. Monografia da Orada de Pinheiro. Vieira do Minho.*

GOUVEIA, H. (1993) *Vieira do Minho, Roteiro III Páginas Verdes, Vieira do Minho, Câmara Municipal de Vieira do Minho.*

HÉRVAS, J. M. Roldán (1975) - *Iteneraria Hispania, Fuentes Antiguas de las Vías Romanas en la Península Ibérica, Departamento de Historia Antigua. Universidad de Valladolid, Departamento de Historia Antigua Universidad de Granada. p. 19 - 101*

HUBNER, E. (1892) *Corpus Inscriptonum Latinarum, II, Berlim 1869, 1892 (suplemento).*

(INQ. 1220) - *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitionis, II, Academia das Ciências, Lisboa, 1888, pp 55-59, 63, 144-148, 152-154, 196-198, 201, 245-248, 251-252.*

(INQ. 1258) *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitionis, I, II Academia das Ciências. Lisboa, 1888, vol I, p. 665-666,*

675-679.

(Idem) vol II, p. 1495-1496, 1498, 1503-1509, 1511, 5110.

JORGE, V. Oliveira (1982) *Megalitismo do Norte de Portugal. O Distrito do Porto. Os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu. Dissertação de doutoramento em Pré-história e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. vol I, p 445-446.*

JORGE, S. Oliveira (1986) *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves-V.ª P.ª de Aguiar, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto. Porto. vol 1-B, p 874.*

LEMONS, F. Sande (2000) *A Via Romana entre Bracara Augusta e Asturica Augusta, por Aqueae Flaviae (contributo para o seu estudo). Revista de Guimarães. Guimarães, 110, p. 15-48*

LOPES, F. (Coord) (1993) *Património arquitectónico e arqueológico. Lisboa. IPPAR.*

MEDEIROS, A. Cândido de [et. al.] (1975) *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 5-B, Ponte da Barca. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.*

MONTALVÃO A. (1971) *Notas sobre vias romanas em terras flavienses. Bragança.*

NÓBREGA, A. Vaz-Osório da (1974) *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso. Junta Distrital de Braga. vol. IV,*

NORONHA, Fernando e RIBEIRO, Maria Luísa (1983) *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 6-A, Montalegre. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.*

OLIVEIRA, E. Pires de (2005) *A Freguesia de Anissó (Vieira do Minho), Junta de Freguesia de Anissó. Vieira do Minho.*

OLIVEIRA, E. Veiga de; GALHANO, F. (1994) - *Arquitectura Tradicional Portuguesa. 2.^a Edição, Publicações Dom Quixote. Lisboa.*

OLIVEIRA, E. V.; GALHANO, F.; PEREIRA, B. (1994) - *Construções primitivas em Portugal. 3.^a Edição, Publicações Dom Quixote. Lisboa.*

Bibliografia

- PEIXOTO, Rocha (1967) *Estudos de Etnografia e Arqueologia, Edição da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, vol I, p. 166-167, 232, 235, 239, 324, 340, 347, 370, 381.*
- PINHEIRO, J. Henriques (1895) *Estudo da Estrada Militar Romana de Braga a Astorga. Porto: Imprensa Civilização.*
- Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios. Município de Vieira do Minho (2006). Divisão de Desenvolvimento e Ambiente / Gabinete Técnico Florestal. Câmara Municipal de Vieira do Minho.*
- RIBEIRO, M. A. [et. al.] (2000) *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 6-C, Cabeceiras de Basto. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro.*
- RUIZ ZAPATA et al., B. Ruiz Zapata, A.I. Correia, S. Daveau e M. Lecompte (1993) - Datos preliminares sobre la evolucion de la vegetacion en las sierras del Noroeste de Portugal durante el Holoceno, Actas da 3ª Reunião do Quaternário Ibérico, (Coimbra, 27 de Set. a 1 de Out. de 1993), Universidade de Coimbra, Coimbra, p.97-104
- SANCHES, Maria de Jesus (1981) Recipientes Cerâmicos da Pré-História recente do Norte de Portugal, *Arqueologia, n.º 3, Junho de 1981. p 88-91.*
- SANTANA, Olinda (1995) *O Foral Manuelino da terra de Rossas, Cadernos do Pelourinho 1. Junta de Freguesia de Rossas. Vieira do Minho.*
- SARMENTO, F. Martins (1999) *Antíqua. Apontamentos de arqueologia. Leitura e organização de António Amaro das Neves. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento. p 35, 148-149, 435, 459 463.*
- SARMENTO, F. Martins (1933) - *Dispersos Colectânea de Artigos Publicados, Desde 1876 a 1899, Sobre Arqueologia, Etnologia, Mitologia, Epigrafia e Arte Pré-Histórica. Coimbra: Imprensa da Universidade Coimbra. p. 225-226, 254-267.*
- SILVA, A. Coelho Ferreira da (1986) - *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal. Paços de Ferreira. Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins. p 79-80.*
- SILVA, D. M. da (1958) - *Monografia do Concelho de Amares. Braga: Câmara Municipal de Amares.*
- SILVA, J. Henrique Pais da e CALADO, Margarida (2005) *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura. Lisboa: Editorial Presença.*
- SOARES, A. (2000) [coord.] *Atlas de Fauna e Flora da Serra da Cabreira. Vieira do Minho: CIASC.*
- STOOP, Anne (2000) *Palácios e Casas Senhoriais do Minho. Lisboa: Civilização Editora. p 247 248, 251 253, 277 279.*
- TEIXEIRA, C. (1940) - *Por Terras de Vieira.*
- TEIXEIRA, C. (1947) Ruínas de povoados antigos na Serra da Cabreira. *Revista de Guimarães. Publicações da Sociedade Martins Sarmiento. LVII, p. 108 111.*
- TEIXEIRA, C. (1948) Nota sobre algumas construções megalíticas minhotas. *Revista de Guimarães. Publicações da Sociedade Martins Sarmiento. LVIII, p 51-54.*
- TEIXEIRA, C. (1955-56) - Subsídios para o Estudo da Arqueologia Bracarense. *Bracara Augusta. Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga. Braga. 6-7 (1-4) 21*
- TEIXEIRA, L. M. (1985) *Dicionário Ilustrado de Belas Artes. Lisboa: Editorial Presença.*
- Tesouros Artísticos de Portugal (1976). Selecções do Reader's Digest. Lisboa. 572*
- TRANOY, Alain (1981) - *La Galice Romaine. Recherches sur le nor-ouest de la péninsule ibérique dans l' Antiquité. Publications de Centre Pierre Paris, Collection de La Masion des Pays Ibériques Paris*
- VIEIRA, J. C. Alves (2000) *Vieira do Minho, Notícia Histórica e Descritiva. Introdução de Luís Jácome. Braga: "O Jornal de Vieira". Edição Fac-Simile da edição de 1925.*
- VV. AA. 2002 *Rota do Património Industrial do Vale do Ave, Adrave Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave, S.A., Vila Nova de Famalicão.*
- Disponível em WWW:
 URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>
 URL: <http://www.ippar.pt>
 URL: <http://www.monumentos.pt>



Município de Vieira do Minho
2007



Município de Vieira do Minho
2007